

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGGEO)
MESTRADO EM GEOGRAFIA

CLEONICE CARVALHO SILVA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE CATAÇÃO DE
MATERIAL RECICLÁVEL: CATADORES E CATADORAS DO
LIXÃO DE FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI)**

Teresina (PI)
Agosto (2015)

CLEONICE CARVALHO SILVA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE CATAÇÃO
DE MATERIAL RECICLÁVEL: CATADORES E CATADORAS DO
LIXÃO DE FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço e Educação Geográfica.

Linha de Pesquisa: Estudos Regionais e Geoambientais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade

Teresina (PI)

Agosto (2015)

CLEONICE CARVALHO SILVA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE CATAÇÃO
DE MATERIAL RECICLÁVEL: CATADORES E CATADORAS DO
LIXÃO DE FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço e Educação Geográfica.

Linha de Pesquisa: Estudos Regionais e Geoambientais.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade
Orientador (UFPI)

Prof^a. Dr^a. Josélia Saraiva e Silva
Examinadora Interna (UFPI)

Prof. Dr. Denis Barros de Carvalho
Examinador Externo ao Programa (TROPEN/UFPI)

Teresina (PI)

Agosto (2015)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por minha existência, de minha família e de todos. Por dar-me forças, coragem e perseverança nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha mãe, exemplo de amor, trabalho, honestidade e dedicação. Ao meu pai (*in memoriam*), pela simplicidade, silêncio e compreensão. À minha filha, Mirella, e sobrinha, Laila, que souberam compreender os momentos de afastamento necessários para dar continuidade a esta pesquisa.

Aos meus amigos de trabalho e membros da diretoria do SINTSPREVS/PI, que acompanharam esta jornada e respeitaram os meus dias difíceis. Por alegrarem-se e cansarem-se comigo. Em especial, ao ex-presidente, José Inácio Schuck, ao atual presidente, Antônio Machado de Araújo, à diretora, Maria Lêda Ramos, e demais membros. Estão todos escritos em meu coração.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade, pela tranquilidade, paciência e compreensão. Por acreditar sempre em minha pessoa, dando-me força e coragem para continuar nesta jornada e, principalmente, por iluminar minhas ideias em momentos difíceis.

Aos entrevistados, que cederam tempo e atenção para esta pesquisa, sempre me recebendo bem e em nenhum momento se negando a fazer parte da mesma.

À Leonice Carvalho Viveiros, Cleiton Carvalho e Silva, Maria Auxiliadora Carvalho e Silva, irmãos e prima, respectivamente, por cederem o seu precioso tempo, acompanhando-me ao espaço do lixão durante a realização da pesquisa.

Aos membros desta banca examinadora, os professores doutores Denis Barros de Carvalho e Josélia Saraiva e Silva, pela grande e valiosa contribuição no processo de qualificação o que possibilitou a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

O tratamento adequado do lixo e a reciclagem integram um conjunto de temas que fazem parte da agenda contemporânea de debates sobre o desenvolvimento sustentável, especialmente após o início dos anos de 1980, evidenciando uma preocupação global e imediata sobre a temática ambiental. Neste contexto, encontram-se os catadores e catadoras de material reciclável que, através de seu trabalho cotidiano, transformam o lixo considerado inútil para a sociedade em algo com valor de uso e de troca. São pessoas que encontram, por meio de seu trabalho, a alternativa para a sua sobrevivência. Com o interesse de compreender o modo de vida destas pessoas, ou seja, a representação social que fazem do trabalho diário com o lixo, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a representação social do trabalho de catação de material reciclável compartilhada pelos catadores e catadoras do lixão localizado no Povoado Furna da Onça, em Esperantina (PI). De forma específica, caracterizar o município de Esperantina (PI) em seus aspectos históricos, demográficos, geográficos e socioeconômicos; identificar, a partir da representação social dos catadores e catadoras, os significados atribuídos ao trabalho com o lixo em seu convívio diário; avaliar se os sujeitos envolvidos na atividade de catação de material reciclável percebem-se incluídos/excluídos do mundo social e do trabalho. A investigação, que é de cunho qualitativo, insere-se no contexto de vida laboral dos catadores e catadoras de material reciclável, visando a revelar a representação social destes sujeitos. O suporte teórico está apoiado nos fundamentos da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (2011; 2012; 2013). Os procedimentos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, observação direta, questionário socioeconômico, Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e entrevista semiestruturada, aplicados aos 15 (quinze) catadores e catadoras do lixão do Povoado Furna da Onça, localizado na zona rural, distante, aproximadamente, 6 km da sede municipal de Esperantina (PI), sendo espaço de deposição do lixo produzido na cidade, ainda, uma entrevista com o administrador da empresa que coleta o lixo da cidade. O questionário socioeconômico recebeu tratamento estatístico, e o TALP foi analisado por meio da técnica de análise categorial de conteúdo, segundo o critério semântico proposto por Bardin (2011). As entrevistas foram gravadas e transcritas, e seus conteúdos tratados utilizando-se o *software* de análise de dados qualitativos NVivo 10. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob o parecer nº 993.549, CAAE 37423114.2.0000.5214. Como parte da metodologia, a primeira etapa da mesma constituiu-se de um pré-teste realizado com 14 (quatorze) sujeitos, catadores e catadoras de material reciclável, trabalhadores informais do aterro controlado de Teresina (PI). A representação social do trabalho dos catadores e catadoras do lixão de Furna da Onça, em Esperantina (PI), demonstrou elementos de valorização do trabalho, ao atribuírem aos *significados do trabalho* "satisfação", mas também "necessidade". Manifestaram uma dualidade de *inclusão/exclusão*, sentindo-se incluídos quando se percebem como trabalhadores, e excluídos quando lembram que são esquecidos pelo poder público. Outro elemento representacional trata da *importância* do trabalho através do "gosto pelo trabalho" e "alegria" em realizar esta atividade laboral. O trabalho com o material reciclável possui uma representação para os catadores e catadoras pesquisados, constituída de aspectos positivos e negativos para esta atividade.

Palavras-chave: Representação social. Trabalhadores. Resíduos sólidos. Piauí.

ABSTRACT

The appropriate treatment of refuse and recycling integrate a set of issues that are part of the contemporary agenda of discussions on sustainable development, especially after the beginning of the 1980s, displaying a global and immediate concern on the environmental issues. In this context, there are recyclable material collectors that through their daily work transform the refuse, considered useless to society, into something with value in use and exchange. They are people who use their work as an alternative for their survival. Aiming to understand the way of life of these scavengers and refuse collectors, i.e. the social representation they make working with refuse in a daily basis, this research has as main goal to analyze the social representation of the work of collecting recyclable material shared by the scavengers and collectors of Furna da Onça (Jaguar's cave), in Esperantina (PI). In a specific way, to characterize the municipality of Esperantina (PI) in its historical aspects, demographic, socioeconomic and geographic. From the social representation of the gatherers and garbage collectors, to identify the meanings attributed to working with waste in their daily living; to evaluate if the subjects involved in the activity of garbage scavenging recyclable material perceive themselves as included/excluded from the world and social work. The research is qualitative and fits into the context of the working life of the gatherers and collectors of recyclable material, aiming to reveal the social representation of these subjects. The theoretical support is based on the foundations of the Theory of Social Representations of Serge Moscovici (2011; 2012; 2013). And were used as the methodological procedures: literature search, direct observation, socioeconomic questionnaire, Test of Free Association of Words (TALP) and semi-structured interviews applied to 15 (fifteen) gatherers and collectors of the slums of Furna da Onça. Located within the rural zone, approximately 6 km distant from the municipal area in Esperantina (PI), the area is used by the local population as a waste disposal site; also, an interview with the administrator of the company that collects the refuse of the city. The socioeconomic questionnaire received statistical treatment and the TALP were analyzed through the technique of categorical analysis of content, according to the semantic criterion proposed by Bardin (2011). It was used a software for qualitative data analysis, Nvivo 10, to study the recorded and transcribed interviews and their treated contents. The Research Ethics Committee of the Federal University of Piauí (UFPI) under opinion no. 993,549, CAAE 37423114.2.0000.5214, approved the research. As part of the methodology, the first stage of the research consisted of a pre-test carried out with 14 (fourteen) subject, recyclable material collector, informal workers of the landfill of Teresina (PI). The social representation of the work of these collectors of the slums of Furna da Onça, in Esperantina(PI) demonstrated elements of appreciation towards the work by giving the *meanings of work* "satisfaction", but also "need". They demonstrated a duality of *inclusion/exclusion*, feeling included when they perceive themselves as workers and excluded when they recall the public authorities forget them. Another representation is the importance of working through the "pleasure for work" and "joy" in performing this work activity. The work with the recyclable material has a representation for the surveyed collectors; constituted of positive and negative aspects toward this activity.

Keywords: Social representation. Workers. Solid waste. Piauí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1	Fotografia do Parque Ecológico Cachoeira do Urubú.....	68
Figura 2	Mapa de localização de Esperantina (PI).....	70
Figura 3	Fotografia de caminhões posicionados para o início da coleta de lixo.....	72
Figura 4	Fotografia da presença de plásticos no lixo coletado	73
Figura 5	Imagem de satélite da visão aérea do lixão de Esperantina (PI).....	74
Figura 6	Mapa de localização do lixão de Esperantina (PI).....	75
Figura 7	Fotografia do acesso ao lixão	76
Figura 8	Fotografia dos carros descarregando o lixo	77
Figura 9	Fotografia de remédios jogados no lixão.....	78
Figura 10	Fotografia de seringas expostas no lixão	78
Figura 11	Fotografia de restos de animais e penas de aves expostas no lixão.....	79
Figura 12	Fotografia de rejeitos provenientes de fossas	80
Figura 13	Fotografia dos catadores e catadoras de material reciclável do povoado Furna da Onça, município de Esperantina (PI).....	98
Figura 14	Imagem das categorias criadas no <i>software</i> NVivo 10 sobre o trabalho com o lixo.....	111
Figura 15	Diagrama da categoria “motivação para o trabalho”, conforme frequência de ocorrência.....	113
Figura 16	Diagrama da categoria “importância do trabalho”	116
Figura 17	Diagrama da categoria “trabalho organizado”	121
Figura 18	Diagrama da categoria “convivência social”	124
Figura 19	Diagrama da categoria “visão social do trabalho”.....	128
Figura 20	Diagrama da categoria “preconceito”	129
Figura 21	Diagrama da categoria “visão do poder público”	132
Figura 22	Diagrama da categoria “problemas”	135
Figura 23	Diagrama da categoria “consumo do lixo”	137
Figura 24	Diagrama da categoria “renda e sobrevivência”	139
Figura 25	Diagrama da categoria “família no trabalho”	142
Figura 26	Diagrama da categoria “visão da família”	144
Figura 27	Diagrama da categoria “expectativas”	148

GRÁFICOS

Gráfico 1	Evolução da urbanização mundial	45
Gráfico 2	Faixa etária dos catadores e catadoras de material reciclável do aterro controlado de Teresina (PI)	85
Gráfico 3	Nível de escolaridade dos catadores e catadoras	86
Gráfico 4	Origem dos catadores e catadoras de material reciclável	87
Gráfico 5	Tipo de domicílio dos catadores e catadoras	87
Gráfico 6	Eletrodomésticos dos catadores e catadoras	88
Gráfico 7	Faixa etária dos catadores e catadoras de material reciclável no Povoado Furna da Onça em Esperantina (PI).....	101
Gráfico 8	Nível de escolaridade dos catadores e catadoras	102

Gráfico 9	Origem dos catadores e catadoras.....	103
Gráfico 10	Horas trabalhadas semanalmente.....	105

QUADROS

Quadro 1	Apresentação dos dados obtidos através do TALP.....	90
Quadro 2	Ordem decrescente de palavras e aproximação semântica.....	91
Quadro 3	Categorias criadas a partir da fala dos catadores e catadoras.....	92
Quadro 4	Resultado do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP).....	107
Quadro 5	Ordem decrescente de frequência de palavras e aproximação semântica.....	108
Quadro 6	Categorias criadas a partir dos catadores e catadoras de Esperantina (PI).....	109
Quadro 7	Categorias criadas a partir das entrevistas com catadores e catadoras de Esperantina (PI).....	149

TABELAS

Tabela 1	Situação social dos catadores e catadoras de material reciclável no Brasil.....	63
Tabela 2	Valor de venda dos produtos coletados no lixão do povoado Furna da Onça em Esperantina (PI).....	99
Tabela 3	Renda, pobreza e desigualdade em Esperantina (PI).....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABRELPE Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

EIA Estudo de Impacto Ambiental

IBAMA Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CEMPRE Compromisso Empresarial para a Reciclagem

CONAMA Conselho Nacional do Meio Ambiente

CBO Classificação Brasileira de Ocupações

MMA Ministério do Meio Ambiente

PNAD Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios

PNRS Política Nacional de Resíduos Sólidos

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RIMA Relatório de Impacto Ambiental

RS Representação Social

RSU Resíduos Sólidos Urbanos

SEMA Secretaria do Meio Ambiente

SISNAMA Sistema Nacional de Meio Ambiente

TRS Teoria das Representações Sociais

UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO APORTE PARA A PESQUISA EM GEOGRAFIA	24
2.1	Sobre o significado do conceito de representação	24
2.2	Reflexões sobre o significado de representações sociais: do senso comum à teoria de Serge Moscovici.....	36
2.3	Representações sociais e geografia.....	39
3	O QUE SE PRODUZ, O QUE SE DESCARTA: REFLEXÕES SOBRE CONSUMO E LIXO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	45
3.1	A urbanização como fator preponderante na produção do lixo	45
3.2	Resíduos sólidos na sociedade atual: refugio de coisas, refugio de objetos, refugio de pessoas	52
3.2.1	O desafio ambiental contemporâneo	53
3.2.2	Consumo, desperdício e sobrevivência.....	57
3.2.3	As pessoas também são refugadas	60
4	ESPACIALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA PRODUÇÃO DO LIXO EM ESPERANTINA (PI).....	66
4.1	O município em seu contexto histórico-geográfico.....	66
4.2	Sistema de coleta de lixo da cidade de Esperantina (PI)	71
4.3	O espaço denominado “Furna da Onça”	74
5	REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE CATAÇÃO DE MATERIAL RECICLÁVEL EM FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI) ...	82
5.1	Catadores e catadoras do aterro controlado em Teresina (PI)	82
5.1.1	Perfil socioeconômico	84
5.1.2	Representação social do trabalho de catação de material reciclável	88
5.2	Lixão Furna da Onça, em Esperantina (PI): trajetória e trabalho dos catadores e catadoras	95
5.2.1	Perfil socioeconômico	100
5.2.2	Representação social do trabalho de catação de material reciclável	105
5.2.2.1	Conteúdo representacional “significados do trabalho”	149
5.2.2.2	Conteúdo representacional “inclusão/exclusão”	151
5.2.2.3	Conteúdo representacional “importância do trabalho”	152
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
	REFERÊNCIAS.....	159
	APÊNDICES	172

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, um dos principais problemas enfrentados pelos mais diversos setores organizados do mundo contemporâneo refere-se à questão da geração, gestão e destinação final de resíduos sólidos produzidos pelo homem, em suas mais distintas atividades. Porém, as questões relacionadas aos resíduos não são específicas de sociedades contemporâneas. Esta temática, associada ao seu gerenciamento, existe desde os tempos mais remotos.

De acordo com Waldman (2010, p. 11), no período paleolítico, os homens das cavernas depositavam seus resíduos em espaços entre as rochas. Na América do Sul, os indígenas fizeram surgir um tipo de solo preto resultante dos refugos de sua vida cotidiana. Na Europa Oriental, Índia, China e em todos os espaços com histórico de atuação humana, destaca-se a atuação que os resíduos podem desempenhar na organização do espaço geográfico e na dinâmica da sociedade e de sua história.

Nas sociedades antigas, onde a sobrevivência era garantida pela caça, pesca e agropecuária, o lixo¹ era, em sua grande maioria, orgânico, o que representava impactos ambientais de pequena proporção, já que a produção de resíduos provinha, em grande parte, do meio rural. Com o processo de urbanização, as cidades, espaço dinâmico da sociedade contemporânea, têm como pré-requisitos a concentração de homens, máquinas, matérias-primas e, conseqüentemente, a produção desenfreada de resíduos.

Conforme Waldman (Ibidem), a dificuldade em conter a geração de rejeitos transparece na dificuldade em concretizar metas de estabilização devido à expansão do consumo. Pode-se afirmar que a vida moderna associada ao modo de produção capitalista, estimula um modelo de vida baseado no consumismo e, como consequência, um ritmo cada vez mais acelerado da descartabilidade dos bens consumidos.

Hoje, os resíduos proliferam-se em nível planetário, retornando de forma lenta para o meio natural, oferecendo inúmeros riscos à saúde e ao meio ambiente, em um largo espectro de tempo e espaço. A necessidade de uma gestão e um gerenciamento adequado dos resíduos da sociedade torna-se cada vez maior, inclusive com estratégias visando a um monitoramento mais eficaz dos mesmos.

¹ Os termos *resíduos sólidos* e *lixo* serão empregados no texto, visto que o primeiro surgiu nas últimas décadas com o propósito de reduzir as adjetivações negativas atribuídas à palavra *lixo*. Porém, nesta pesquisa, optamos por utilizar com maior frequência a palavra *lixo*, já que é mais usual no cotidiano dos catadores e catadoras.

Em documento da Organização das Nações Unidas (ONU, 2012)², há um alerta sobre a quantidade de lixo produzida em todas as cidades do mundo, que gira em torno de 1,3 bilhão de toneladas, anualmente, e de acordo com esta estimativa, deverá chegar a 2,2 bilhões até 2025. No Brasil, em 2014, a produção de lixo foi de, aproximadamente, 78,6 milhões de toneladas (ABRELPE, IBGE, 2014). Com isso, medidas urgentes precisam ser tomadas para evitar que o lixo se transforme em uma ameaça ao meio ambiente e à saúde da população.

Mas afinal, o que é lixo? O que é resíduo sólido? Rejeito? Na verdade, trata-se de um conceito polêmico. Para Waldman (2010), poderíamos afirmar que lixo seria todo material que não tenha utilidade, que possa ser descartado em locais públicos, aquilo que não serve para nada. Avaliando a etimologia da palavra, ou seja, sua origem e significado, temos que, em português, *lixo* procede de *lix*, palavra latina que significa *cinza* ou *lixívia*. Portanto, como é possível perceber, a noção de lixo remete-nos a algo despojado de valor, que pode facilmente ser descartado, retirado de nosso convívio. Dentre outros significados, podemos destacar: resíduo, refugo, restolho, rejeito, detrito, descarte, resto, sobra.

Os termos *resíduos sólidos*, e *rejeito* segundo a Lei 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), os define como:

Todo material, substância, objeto ou bem descartado, resultante de atividades humanas [...], nos estados sólido ou semissólido [...], cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento em rede pública de esgotos ou em corpos d'água.

Os rejeitos são os resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada. (BRASIL, Lei 12.305/2010, art XV e XVI).

Portanto, o lixo ou os resíduos sólidos são passíveis de reutilização, de reaproveitamento, já os rejeitos não possuem esta característica. Não há, porém, como definir lixo como *resto*, e esta expressão pode não estar necessariamente conotada por sentidos negativos. As palavras *lixo* e *resíduos sólidos* têm sido utilizados de forma constante. Isso decorre de os dois termos serem tratados com base em ampla diversidade de acepções, consoante visão institucional ou acordando a significados técnicos e econômicos (CALDERONI, 2003, p. 49-52).

² Informações obtidas por meio do site: www.nacoesunidas.org.

Porém, nas últimas décadas, o termo *resíduo sólido* tem sido utilizado com maior frequência e um dos elementos motivadores desta preferência está relacionado ao fato de esta “palavra amenizar adjetivações de cunho negativo. Portanto, seria mais adaptada a contextos como os da codificação jurídica e do universo tecno-operacional, ambos tendendo a optar por expressões menos sujeitas a criar constrangimentos” (WALDMAN, 2003, p. 27).

O referido termo não está necessariamente amparado por estereótipos negativos, como ocorre com a palavra *lixo*. Pelo menos em um patamar conceitual, possui um diferencial, já que se veicula junto ao saber institucionalizado, possuindo normatizações, como é o caso de sua utilização na série ISO 14.000³, na Norma Brasileira Registrada (NBR) nº 10.004/1987⁴, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) tornando a palavra mais simpática e preferida para novas abordagens da questão, como é o caso da palavra *reciclagem*, que tem se expandido nas últimas décadas, principalmente no final dos anos de 1960. A partir deste período, surgiram algumas prioridades, fazendo com que a percepção que os homens possuíam de seu meio e dos recursos que o rodeavam sofressem mudanças: “o que dantes era entendido como inútil, torna-se útil; o que era desprezado transforma-se em matéria detentora de valor” (WALDMAN, *Ibidem*, p. 30).

Idêntico a outros fenômenos que estão vinculados à dinâmica da sociedade, o lixo possui diferentes modos de percepção: para determinados grupos sociais, grandes produtores de lixo, que desejam manter a distância dos mesmos, possui significado negativo; enquanto para outros grupos, que retiram deste lixo a sua sobrevivência, o mesmo possui grande valor. Normalmente, os sujeitos que lidam com o lixo são percebidos de forma desqualificada, considerados excluídos do sistema, agregam uma posição social inferior, por possuírem baixa escolaridade, serem, em grande parte, negros, ex-presidiários, enfim, integram o segmento mais baixo da sociedade na visão do capital dominante. Como destacou Bauman (2009), são os *underclass*, pessoas que estão definitivamente fora do sistema de classes.

Vale destacar que, de uma forma ou de outra, o lixo traz consigo uma carga de estereótipos que deve ser requalificada, afinal a sociedade o tem rotulado como material inútil, mas é esta sociedade capitalista, que produz diariamente “coisas” novas em substituição a outras que se tornaram menos atraentes, que perderam a sua utilidade, que tem

³ As normas International Standartization Organization (ISO), escritas em inglês, sendo utilizadas por instituições nacionais de normas técnicas para as línguas de cada país. No Brasil, cabe à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que incorporou, na série ISO, duas terminologias – resíduo e rejeito (ZÍLIO, FICHTNER, FINATTO, 2007, apud WALDMAN, 2003, p. 28).

⁴ Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos (ABETRE) a NBR 10.004/1987 foi substituída pela NBR 10.004/2004.

usado a lógica da descartabilidade. “Os preconceitos manifestados por diversos indivíduos/instâncias da sociedade em relação aos catadores são, então, muitas vezes, referentes a uma associação destes trabalhadores ao lixo na acepção de algo sujo, descartável, que incomoda” (MAGALHÃES, 2013, p. 256).

O lixo conquista novos sentidos e novos olhares, mas, os sujeitos que lidam com este material continuam à margem da sociedade, vivendo um doloroso processo de exclusão social. Mesmo com a sua inserção na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO)⁵, por meio da qual o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) os instituiu como catadores de material reciclável, eles continuam sofrendo diversos tipos de preconceitos. Estes homens e mulheres buscam a sua inclusão no mundo social e do trabalho, realizando uma importante tarefa, o reaproveitamento e a reutilização deste material, bem como a redução do que é destinado aos aterros e lixões. Porém, a contribuição destes catadores e catadoras passa de forma despercebida, reproduzindo uma imagem estereotipada devido ao seu envolvimento com um material que muitos querem se livrar, criando, assim, uma figura do catador associada ao lixo.

Esta imagem deveria ser reconsiderada, já que este contingente de trabalhadores dá grande contribuição para o meio ambiente, quando possibilita que parte do material que seria destinado aos lixões ou aterros seja reaproveitado. Estima-se que, no mundo, aproximadamente 15 milhões de pessoas exerçam a atividade de catação de material reciclável, segundo a Aliança Global de Catadores⁶, e no Brasil, são cerca de 400 mil catadores e catadoras (IPEA, 2013), portanto um número significativo e merecedor de uma política de inclusão social.

Diante deste cenário de exclusão social em que se encontram estes catadores e catadoras, e partindo da ideia de que o trabalho é uma resposta à determinada necessidade ou, como afirma Lessa (2000, p. 22), “o resultado do processo de trabalho é sempre alguma transformação da realidade”, procuramos compreender o significado atribuído ao trabalho. No entendimento de Antunes (2011, p. 142), a história da realização do homem como um ser social é caracterizada através da produção e reprodução de sua existência, ato social que se efetiva pelo trabalho, ou seja, para ele, “o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho”.

⁵ Inserida pela Portaria Ministerial 397, de 09/10/2002, do Ministério do Trabalho e Emprego, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho.

⁶ A Aliança Global de Catadores é uma organização de catadores de material reciclável, com atuação em mais de 28 países, principalmente na América Latina, Ásia e África. Disponível em: www.global.rec.org.

O conceito de trabalho é multidisciplinar e tem sido discutido em diversas áreas do saber. No campo da geografia, tem sido abordado, dentre outros autores, por Milton Santos (2009), que propõe noções de técnica e de tempo, de divisão do trabalho e repartição de recursos. Em uma visão crítica, procura definir o espaço geográfico e a dinâmica social, sendo a “divisão do trabalho [...] um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente” (SANTOS, 2009 p. 132), determinando quais atores sociais terão acesso a determinados instrumentos, criando uma “hierarquia entre lugares e, segundo a sua distribuição espacial, redefine a capacidade de agir de pessoas, firmas e instituições” (SANTOS, 2009, p. 135).

Afinal, é na geografia crítica que se realiza o debate contemporâneo da luta de classes. Conforme Moraes (1999), os geógrafos críticos, em suas diversas orientações, assumem a perspectiva popular de uma transformação de ordem social. Por esta razão, buscam uma geografia mais generosa, em um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens e não do Capital. Apesar de uma leitura crítica da realidade, esta geografia ainda se mantém ligada à geografia tradicional no que se refere à análise descritiva e empirista que, segundo o supracitado autor, só vem a ser rompida com a influência francesa, nos trabalhos de Lacoste (1977) e Pierre George (1969) que introduziram conceitos marxistas na discussão geográfica, e no Brasil, prontamente desenvolvidos por Santos (1978), Silva (1978), entre outros.

Armando Correa da Silva (2010, p.105) lida com lugar social articulando o natural e o social, onde a força do trabalho está embutida nesta relação. E “tudo se centra no processo do trabalho, no qual o homem se transforma no mesmo momento em que transforma a natureza”. O homem é parte integrante da natureza e está presente no movimento bilateral do trabalho, este visto em duplicidade, onde o trabalho é um dado da natureza, mas também do homem (SILVA, 2010, p. 106). Por essa razão, por uma leitura crítica da realidade, das divisões sociais e do trabalho utilizamos como referencial teórico na Geografia, Milton Santos.

Diante deste contexto e após pesquisa realizada durante a graduação da pesquisadora, na qual foram investigados os impactos ambientais e sociais provocados pela deposição inadequada do lixo no espaço denominado Furna da Onça⁷, em Esperantina (PI), onde o estudo fundamentou-se em entrevistas realizadas com o Secretário de Obras da Prefeitura Municipal, com os trabalhadores envolvidos no processo de coleta e deposição do lixo, e moradores do entorno do lixão, surgindo, então, o interesse por um estudo mais aprofundado

⁷ Nome dado pelos moradores ao povoado (zona rural) de Esperantina (PI), por existir material rochoso semelhante a grutas e que provavelmente serviria de esconderijo para onças.

acerca de aspectos relacionados ao sentido e significado desta prática. Assim, esta pesquisa procurou analisar a representação social do trabalho de catação de material reciclável compartilhada por catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI), grupo este que, como muitos, encontram-se vulneráveis às acentuadas exclusões que marcam as sociedades de modo geral.

Vários grupos poderiam ter sido escolhidos, mas se ressaltou a importância de investigar um grupo que vive na linha de pobreza e garante a sua sobrevivência por meio daquilo que para muitos é considerado lixo. Assim, a seguinte indagação foi formulada como ponto de partida para esta pesquisa: qual a representação social do trabalho com o lixo realizado por estes sujeitos? Como pensam os catadores e catadoras do lixão? Qual o relacionamento destas pessoas com o seu trabalho? Qual a importância que dão ao seu trabalho?

Partimos da hipótese de que estes trabalhadores e trabalhadoras informais, que fazem parte de uma classe trabalhadora em constante crescimento e convivem diariamente com o lixo no espaço denominado Furna da Onça, provavelmente vive excluída da sociedade, sofrendo preconceitos, discriminação, problemas de saúde e, portanto, a representação social que fazem de seu trabalho corrobora com as ações da sociedade. Por isso, torna-se fundamental desvendar o modo de pensar e viver destes catadores e catadoras, e o seu convívio com a sociedade.

Para a realização desta pesquisa, tivemos como objetivos: analisar a representação social do trabalho de catação de material reciclável compartilhada pelos catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI); caracterizar o município de Esperantina (PI) em seus aspectos históricos, demográficos, geográficos e socioeconômicos; identificar, a partir da representação social dos catadores e catadoras, os significados atribuídos ao trabalho com o lixo em seu convívio diário; avaliar se os sujeitos envolvidos na atividade de catação de material reciclável percebem-se incluídos/excluídos do mundo social e do trabalho.

Afinal, o trabalho é um instrumento eficaz que permite garantir o sustento e é através dele que o indivíduo pode alcançar dignidade, mostrando-se útil para si e para a sociedade. É fundamental na vida humana porque é requisito para sua existência social. Conforme Antunes (2013) se por um lado, podemos considerar o trabalho como elemento fundante da vida humana, por outro, a sociedade capitalista o transforma em trabalho assalariado, alienado, transformando sua finalidade principal do “ser social” em meio de subsistência.

Como aporte teórico, esta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa e baseia-se, sobretudo, na teoria de Serge Moscovici, surgida em 1961⁸, sobre as representações sociais, tendo em vista a necessidade de conferir consistência aos estudos empreendidos, assim como fazer um diálogo fundamentado com os dados levantados por meio de entrevistas, como será detalhado adiante.

Este autor denomina Representações Sociais (RS) como um *corpus* organizado de conhecimentos e de atividades psíquicas graças às quais as pessoas tornam *inteligível* a realidade física e social. A Teoria das Representações Sociais (TRS) adota diferentes quadros teóricos específicos de referência, como as teorias complementares, resultando, assim, em opções por diferentes métodos. A Teoria das Representações Sociais pode vincular-se a diversos métodos (SÁ, 1998).

De acordo com Moscovici (2012, p. 61), o processo de elaboração da representação social está baseado em dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação. “O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar”. O segundo mecanismo objetiva “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico. [...] um ente imaginário começa a assumir a realidade de algo visto, tangível”.

Assim sendo, os indivíduos vão criando as representações dos objetos com os quais se deparam em seu cotidiano e acerca dos quais precisam estabelecer atitudes, empreender alguma ação, elaborar práticas sociais. Em um primeiro momento, busca-se estabelecer uma classificação daquele novo fato ou objeto, categorizando-o conforme os conhecimentos anteriores, passando, posteriormente, a nomeá-lo e, por fim, transformando-o em um ente convencional e consensual. Para identificar se as representações sociais realmente acontecem nas práticas dos sujeitos, é imprescindível observar o grupo, em um estudo exploratório, através de perguntas que o pesquisador se fez inicialmente e pode fazer aos sujeitos da pesquisa, além de realizar observações (SÁ, 1998, p. 51).

É fundamental esclarecer em que consistem as *representações sociais*. Ao pensar em um catador, a maioria das pessoas que não tem contato ou possuem poucas informações sobre este trabalhador o classifica, geralmente, como mendigo, pedinte ou favelado. Tal concepção advém dos processos empreendidos por parte das pessoas de captar informações em seu cotidiano e de agir sobre estes dados. O mesmo acontece quando se imagina qual é o conceito

⁸ Obra publicada em 1961, na França, com o título “La Psychanalyse, son image et son public”, traduzida para a língua portuguesa em 1978. Nesta pesquisa, utilizamos esta e outras obras do autor em edições dos anos de 2011, 2012 e 2013.

formado pelos catadores e catadoras de material reciclável sobre o trabalho realizado cotidianamente. Pode acontecer um conceito prévio quando se pensa que tais sujeitos não têm um conhecimento mais elaborado sobre este fenômeno. Esta ideia pode ser carregada de juízos de valor. Por isso, constitui uma representação social de determinada realidade. Em outras palavras, seria um saber pautado no senso comum.

O saber do senso comum, na maioria das vezes, é (sub) entendido ou subentende-se como algo meramente subjetivo e “improdutivo”, uma vez que seu fundamento não se presta unicamente à lógica científica, onde muitas vezes as provas e os testes padronizados são fundamentais. Porém, é dele que provém o vocabulário oriundo da conversação, sendo este indispensável para a descrição de experiências cotidianas, para prever comportamentos e atitudes, inculcando-lhes um sentido. Assim, como destaca Moscovici (2012), do senso comum foram originadas a linguagem e a sabedoria acumulada por determinados grupos.

Em geral, *sabedoria* é uma palavra frequentemente associada à ciência. Em contrapartida, o *senso comum* é visto como algo menor, em comparação com a ciência, que fica encarregada de inventar e propor a maior parte dos objetos, conceitos e analogias considerados válidos e legítimos.

Mas esta questão precisa ser repensada com cuidado, pois o senso comum é fundamental para legitimar a própria ciência. Afinal, habitualmente ocorre a gênese de um novo senso comum, que também pode ser associado com a ciência e se inscreve entre as suas preocupações teóricas e práticas existenciais. Para fazer parte de um grupo ou de uma sociedade, precisamos compreender os novos códigos elaborados pela ciência. Deste modo, não se reproduz um saber armazenado nela, mas se reelabora o mesmo segundo a sua própria conveniência e de acordo com os seus meios, os materiais encontrados. É o movimento no decorrer do qual as descobertas científicas são socializadas (MOSCOVICI, 2012).

Em nossa pesquisa, tomamos por fundamentos os pressupostos centrais da Grande Teoria, de Serge Moscovici, utilizando como metodologia o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), questionário socioeconômico e entrevista semiestruturada. Os dados coletados no questionário socioeconômico tiveram tratamento estatístico, do TALP foram tratados e analisados a partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011). Já os dados da entrevista foram tratados no *software* NVivo 10 e analisados à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS).

Por análise de conteúdo compreende-se “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do

conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência [...] destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 48). Trabalhar com análise de conteúdo é fazer uma leitura da realidade, diferentemente da forma como se apresentam os fatos sociais, evitando a compreensão espontânea dos mesmos.

Desde que se começou a lidar com comunicações, pretendendo-se ir além de seus significados imediatos, fez-se útil o emprego deste recurso. De forma geral, a sutileza dos métodos de análise de conteúdo corresponde aos seguintes objetivos: a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. Estes dois polos: desejo de rigor e necessidade de descobrir, expressam as linhas de força de seu desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento que, ainda hoje, faz a análise de conteúdo oscilar entre duas tendências. Foi nos Estados Unidos, no contexto behaviorista das ciências humanas, e por interesse dos governos em adivinhar as orientações políticas e estratégicas dos países estrangeiros, com a ajuda de documentos acessíveis, como a imprensa ou o rádio, que se fez do analista um detetive munido de instrumentos de precisão (BARDIN, 2011, p. 34-35).

O analista, em seu trabalho de recorte, é considerado aquele que delimita as unidades de codificação ou as de registro. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. A análise categorial foi cronologicamente o primeiro tipo de análise, também a mais generalizada e transmitida, e pretende tomar em consideração a totalidade de um “texto”, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou ausência) de itens de sentido. O método das categorias é como uma espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação que constituem uma mensagem (BARDIN, 2011, p. 42-43).

Também como parte da metodologia, utilizamos o NVivo 10, onde foram tratadas as entrevistas. Este é um *software* de análise de dados qualitativos, com versão para o sistema operacional Windows, que ajuda a organizar e analisar as informações, estruturando-as, tornando-as mais acessíveis. Conforme a QSR International, empresa fabricante do NVivo 10, a área de trabalho deste *software* possui ferramentas que servem para utilizar as diretrizes da interface de usuário da Microsoft e tornar o ambiente mais familiar e fácil de usar. Existe uma variedade de recursos para serem usados, como documentos do Word, PDF, arquivos de áudio, tabelas de bancos de dados, planilhas, vídeos, imagens e dados da Web.

Segundo Teixeira (2009) os *softwares* de análise qualitativa surgiram no início da década de 1980, no mundo anglófono, e as primeiras versões de programas de computador

possuíam a finalidade de auxiliar no processo de análise destes dados. Programas como The Ethnograph, Alceste, Kwalitan, Hyper Research, Winmax, Atlas/TI e NUD*IST⁹, com interface pouco amigável, passaram a ser utilizados particularmente por entusiastas pesquisadores das ciências sociais, e foram agrupados sob a sigla CAQDAS (Computer Aided Qualitative Data Analysis Softwares).

No Brasil, o contato com estas ferramentas aconteceu somente a partir de meados dos anos de 1990, quando os programas já haviam passado por aperfeiçoamentos significativos, mediante experiências de utilização em situações práticas de pesquisa. O NUD*IST foi a principal porta de entrada dos pesquisadores brasileiros para o mundo da análise de dados qualitativos auxiliados por computador.

Quando se fala em objetividade das variáveis em um banco com informações quantitativas, não raro omite-se o trabalho qualitativo originário da construção e seleção das informações, formação de escalas, entre outros, que nada mais foi que um processo de estruturação e redução da complexidade do mundo real. Um dos aspectos relevantes de programas como o NVivo 10 é o fato de agregarem à pesquisa qualitativa, aos seus moldes, sem importação ou cópia dos tratamentos analíticos para dados numéricos, um caráter metódico, de transparência nas decisões de pesquisa e, portanto, de objetividades nos limites em que ela se coloca para a pesquisa científica, de um modo geral, na contemporaneidade (TEIXEIRA, 2009).

Assim, para realização da etapa inicial da pesquisa, com a utilização do TALP, foi necessária a realização de um pré-teste com, no mínimo, 10% dos sujeitos pertencentes ao grupo que se desejava pesquisar, não podendo, portanto, estes mesmos sujeitos fazerem parte da pesquisa final. Esta recomendação é de suma importância para a execução de uma pesquisa, pois possibilita ajustes, se forem necessários, em sua fase definitiva.

Sendo assim, em março de 2014, realizamos a etapa inicial, aplicando um pré-teste com 14 sujeitos no aterro controlado¹⁰ de Teresina (PI), grupo este semelhante ao que de fato foi pesquisado em Esperantina (PI), por se tratar de pessoas inseridas na atividade de catação de material reciclável. A opção por realizar o pré-teste no aterro controlado de Teresina, distante aproximadamente, 174 km da área de estudo da pesquisadora, justifica-se pela ausência de sujeitos envolvidos no processo de catação de material reciclável nas cidades

⁹ Em 1999, a QSR International, fabricante do NUD*IST, lançou a primeira versão do NUD*IST Vivo, ou apenas NVivo, como passou a ser chamado. Este já possuiu as versões 1, 2, 7, 8, 9 e 10 (esta última lançada em 2012).

¹⁰ Também chamado de aterro sanitário, conforme denominação de algumas Secretarias da Prefeitura de Teresina e da mídia teresinense, mas na verdade, trata-se de um aterro controlado.

vizinhas, como Batalha, Barras, José de Freitas, Luzilândia, e em outras mais distantes, como Campo Maior, União, Altos, Timon e Floriano. Este fato revela que nas cidades contatadas, provavelmente, deve existir uma preocupação dos administradores municipais em cercar o local de deposição, impedindo o contato direto de pessoas com este material.

Os participantes do pré-teste realizado no mês de março de 2014, no aterro controlado de Teresina, não passaram por nenhum critério de seleção. Foram aplicados o questionário e o TALP para homens e mulheres presentes no momento inicial da pesquisa e que se dispuseram a responder aos mesmos, desde que não fossem menores de idade e que estivessem em estado de lucidez.

Os instrumentos de coleta de dados aplicados foram um questionário socioeconômico (apêndice I) e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) (apêndice II). O questionário socioeconômico foi constituído por questões de natureza sociais, econômicas e demográficas, como: sexo, idade, características do domicílio, escolaridade e renda familiar. Com relação ao TALP com a frase indutora *trabalhar com lixo é...*, suscita as primeiras percepções dos sujeitos sobre as representações sociais a respeito do trabalho com o lixo. Para melhor compreensão do ambiente de elaboração e difusão das representações sociais, o TALP propôs identificar, neste primeiro momento, as percepções que os sujeitos possuem sobre o trabalho que realizam com o lixo.

A proposta inicial seria realizar o questionário socioeconômico e o TALP com os catadores e catadoras dentro do aterro controlado de Teresina, mas em contato com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEMDUH), responsável pela administração do mesmo, nos foi sugerido o contato com os catadores e catadoras que ficam na entrada do Aterro, por se tratar de um grupo mais acessível, em contraposição ao outro grupo que conta com a presença de alguns ex-presidiários e, portanto mais arredios. Os procedimentos para a coleta de dados foram realizados da seguinte forma: foi realizado contato com um membro da Associação de Moradores da Vila Dagmar Mazza, em Teresina (PI), que tem acesso aos trabalhadores do aterro. Este representante nos levou e apresentou aos catadores e catadoras, ao tempo em que os participantes foram esclarecidos de que se tratava de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), tendo como objeto de estudo a representação social do trabalho de catação de material reciclável pelos catadores e catadoras.

Tanto o questionário socioeconômico como o TALP foram aplicados individualmente e preenchidos pela pesquisadora, pois os sujeitos têm muita dificuldade na realização desta

tarefa, devido ao seu nível de escolaridade ser baixo. Os questionários aplicados não continham identificação dos sujeitos. Os dados coletados referentes ao questionário socioeconômico tiveram tratamento estatístico e foram apresentados em forma de gráficos, e os dados relacionados ao TALP receberam tratamento categorial conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011).

Desta forma, os catadores e catadoras do aterro de Teresina, mesmo representando o trabalho de catação como “bom” e “ruim”, permitiram-nos perceber que esta representação está geralmente associada à necessidade de sobrevivência, já que dispõem de poucas oportunidades de trabalho e todas elas ocorrem na informalidade, pois não possuem escolaridade suficiente para conseguirem colocações no mercado de trabalho formal.

Com os catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI), a etapa inicial consistiu em uma visita de apresentação da pesquisa e dos objetivos da mesma, tendo como primeiro momento o mês de janeiro de 2014 e os meses de julho a novembro do mesmo ano para a concretização da metodologia, que foi semelhante aos sujeitos do aterro controlado de Teresina, com aplicação de questionário socioeconômico, do TALP e, como complementação, a entrevista semiestruturada. O procedimento para a coleta de dados em Furna da Onça, Esperantina (PI), ocorreu de forma tranquila, não sendo necessária a intervenção ou apresentação por parte de terceiros. Os catadores e catadoras mostraram-se bastante acessíveis e em nenhum momento opuseram-se a dar sua contribuição para o desenvolvimento da pesquisa, exceto um catador, que alegando excesso de timidez, não quis participar do processo.

Esperantina possuía 20 catadores e catadoras ainda no processo de visitação, mas na etapa inicial, de fato, este número ficou reduzido para 16, já que os demais saíram da atividade em busca de outras ocupações. Dos 15 catadores e catadoras pesquisados, 12 trabalham no lixão e moram no entorno do mesmo, na zona rural, e três moram na zona urbana.

A representação social dos catadores e catadoras de Furna da Onça também apresenta aspectos positivos e negativos, com maior valorização para aqueles. Convivendo diariamente no mesmo espaço geográfico, o comportamento de aceitação do trabalho é visto por muitos como “legal”, “maravilhoso”, esquecendo-se dos perigos existentes naquele espaço.

“Por isso, uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. [...] ela produz e determina os comportamentos” (MOSCOVICI, 2012, p. 27). A representação social destes sujeitos mostra a realidade vivenciada por eles, é o conhecimento

que os mesmos têm do seu trabalho, do benefício que este traz, e é assim que a representação social tem a função “de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (Ibidem, p. 27).

Assim sendo, a pesquisa está estruturada em cinco seções, sendo a primeira a introdução, onde é apresentada a abordagem teórica e metodológica percorrida, bem como a hipótese e os objetivos que conduziram a pesquisa.

Na segunda seção, são abordados os principais conceitos utilizados na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, os elementos formadores das representações sociais, ou seja, do senso comum, bem como outros teóricos que também fizeram uso desta teoria e como ela pode ser utilizada na Geografia.

A terceira seção traz reflexões sobre a produção de lixo no Brasil e no mundo, a questão da urbanização como um dos fatores preponderantes para o aumento do consumo e, conseqüentemente, da geração de lixo, e o surgimento de catadores e catadoras de material reciclável, sujeitos responsáveis pela redução do lixo, mas que vivem de forma segregada.

Na quarta seção, apresenta-se a espacialização do município de Esperantina (PI) em seu contexto histórico e geográfico, bem como o sistema de coleta de lixo da cidade e sua deposição no lixão, na zona rural, em Furna da Onça.

Na quinta seção, são apresentados os resultados da pesquisa, inicialmente com o pré-teste no aterro controlado de Teresina (PI) e, posteriormente, com os catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI), bem como a representação que os mesmos fazem do seu trabalho de catação com material reciclável no lixão.

Finalizando, as considerações finais apresentam os resultados sintetizados sobre a representação social do trabalho dos catadores e catadoras e a sua relação com a teoria, evidenciando que o senso comum pode nortear comportamentos, e que a partir destes resultados é possível auxiliar a condução e construção de uma sociedade mais solidária, que valorize o trabalho e seus trabalhadores.

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO APORTE PARA A PESQUISA EM GEOGRAFIA

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. [...] em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. (MOSCOVICI, 2013, p. 46).

2.1 Sobre o significado do conceito de representação

Ao longo da história da humanidade, as diversas áreas científicas, de forma especial, as ciências humanas, na tentativa de compreender e interpretar o mundo cresceram e desenvolveram-se em um compasso de mudanças, quer sejam sociais, políticas, econômicas ou culturais.

A geografia da primeira metade do século XIX já fazia uso das representações: “era necessário haver possibilidade de representação dos fenômenos observados, e da localização dos territórios” (MORAES, 1999, p. 36). É desta forma que o termo *representação* passa a ser empregado pela geografia desde os seus primórdios para apresentar dados observáveis.

Naquele momento, “a palavra indica muito mais um estudo descritivo das potencialidades nacionais e regionais que uma abordagem propriamente quantitativa para a qual inexistiam, na ocasião, os dados numéricos” (GEORGE, 1978, p. 16). Assim, as representações sempre foram impregnadas de diversos valores advindos das culturas das sociedades e se constituíam como uma linguagem nas mais diferentes civilizações. Com o passar do tempo, segundo o supracitado autor, “os meios utilizados para descrever e representar a imagem da terra ampliaram e adquiriram proporções enormes. [...] É quando se põe em xeque a competência do geógrafo e surge a necessidade de uma coordenação interdisciplinar” (GEORGE, 1978, p. 29).

As representações têm um papel fundamental nas sociedades e podem ser individuais ou coletivas, pois em se tratando de manifestações imagéticas da realidade, quer sejam materiais ou imateriais formam verdadeiros sistemas de interpretação do mundo e das pessoas. Diante desta necessidade interdisciplinar, esta pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida a partir dos estudos de Serge Moscovici, cuja obra inaugural tem como título *La psychanalyse: son image et son public*, publicado no ano de

1961. Moscovici procurava compreender de que forma o conhecimento psicanalítico, que antes pertencia a grupos fechados especializados, agora passava a adquirir outros significados por parte de grupos populares.

Entretanto, é na sociologia e na antropologia, já a partir das obras de Durkheim (1858-1917) e Levi-Bruhl (1857-1939), que o conceito de *representações sociais* tem suas raízes. Como todo campo de estudo, a Teoria das Representações Sociais possui uma pré-história, que se inscreveu dentro de um contexto anterior ao da Segunda Guerra Mundial, sustentado pela crença de que as leis que explicavam os fenômenos sociais eram diferentes das que explicavam os fenômenos em nível individual (FARR, 1994).

Na passagem do século XIX para o XX, já se fazia presente na academia científica, sobretudo nas áreas sociais e humanas, um interesse pela compreensão dos fenômenos sociais e individuais. Identificavam-se várias formulações teóricas, sistematizadas, no que se refere a estes dois objetos de estudo; porém, revelavam a grande dificuldade de abordá-los de forma inter-relacionada. Em 1898, por exemplo, localiza-se, nos argumentos de Durkheim, no artigo *Représentations individuelles et représentations collectives*, uma preocupação em delimitar o estudo das representações individuais como campo de domínio da psicologia, cabendo à sociologia ocupar-se dos estudos de representações coletivas como empreendimento social.

Na sociologia clássica, sob a denominação de *representações coletivas*, Durkheim buscou denominá-las como categorias de pensamento, por meio das quais, determinada sociedade elabora e expressa a realidade, dotando-a de significação, respondendo, assim, de diferentes formas, às condições dadas da existência humana. Para ele, o substrato social é a base das representações. A vida social causa as ideias. “As maneiras de agir, pensar e sentir são exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe” (DURKHEIM, 1978, p. 88).

Nesta acepção, ao sugerir o termo “representações coletivas” no campo da sociologia, Durkheim buscou relevar o papel central que o mundo social ocupa na representação dos sujeitos sociais. Com a sociologia durkheimiana, Moscovici iniciou suas interlocuções, intencionando, inicialmente, buscar um primeiro abrigo conceitual para suas reflexões em torno das tendências individualistas representativas do campo da psicologia social americana e, posteriormente, encontrar-se com o seu maior desafio:

Situar efetivamente a psicologia social na encruzilhada entre a psicologia e as ciências sociais, em ocupar de fato este território limítrofe, onde se desenvolvem fenômenos cuja dupla natureza – psicológica e social – tem

sido reiteradamente admitida, que, por isso mesmo, já lhe pertencia de direito (SÁ, 1998, p. 24).

Moscovici, ao resgatar o conceito de representações coletivas para a psicologia social, busca explicitar as contribuições do pensamento de Durkheim para a formulação do conceito de representação social e sua postulação teórica. Entretanto, faz uma releitura crítica em torno de algumas dimensões que envolvem o conceito de representação coletiva. Reconhece, com Durkheim, que o coletivo encontra sua operatividade na dinâmica social, que é consensual e reificada, e admite que este se abra permanentemente para os esforços dos sujeitos sociais que o desafiam e, se necessário, transformam-no (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2013, p. 19).

Porém, Durkheim preconizava que as representações são ancoradas de modo passivo na consciência individual ou coletiva, como reflexo de um objeto e de ideias que lhes são anteriores. Em um enfoque diferenciado, Moscovici parte de uma perspectiva inovadora, no que concerne ao processo de reprodução. Reconhece que este processo envolve o remanejamento de estruturas, uma remodelação de elementos, a reconstrução de um dado no contexto dos valores e das regras de ações. Neste sentido, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco. Afinal, ele deixa muita liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo, como ressalta este autor.

Moscovici, ao desenvolver a Teoria das Representações Sociais, buscou preservar as representações coletivas como uma parte importante da tradição intelectual ocidental; porém, problematiza que ambas são por demais abrangentes para darem conta do pensamento nas sociedades modernas, caracterizadas pela diversidade, pela complexidade e pelo progresso nas distintas esferas da produção humana, que fazem com que a ciência seja pensada como uma fonte fecunda de novas representações (GUARESCHI, 2013).

Dialogando com Moscovici (2013), Sá (1998, p. 22) explicita a diferença entre os fenômenos de que Durkheim se ocupou e aqueles que devem atrair a atenção da psicologia no contexto atual:

As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, de nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornassem tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologias – e às mudanças por que eles devem passar, a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum (MOSCOVICI, 1961).

É fundamental esclarecer em que consistem as representações sociais, termo cunhado por Serge Moscovici. Ao considerar os códigos científicos, é possível perceber que estes abarcam todo o comportamento humano, indicando formas de pensar, sentir e agir. Este processo está relacionado com a assimilação e com a acomodação de ideias. Pode-se dizer, então, que acontece uma “releitura da realidade”, uma (re) interpretação de saberes para uma futura tomada de atitude em relação ao objeto apreendido. Este processo, assim, diz respeito às representações sociais (RS). Para o autor, a representação social pode ser definida da seguinte maneira:

A representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes da sua imaginação (MOSCOVICI, 2012, p. 28).

Ao se pensar em um catador de material reciclável, a maioria das pessoas que desconhece o trabalho realizado por estes trabalhadores, classificam-nos, geralmente, como mendigos, desocupados, favelados. Este julgamento é resultado de processos empreendidos por parte das pessoas, de captar informações em seu cotidiano e de agir sobre estas informações. Segundo Moscovici, a representação social é como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas se orientar em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social (MOSCOVICI, 2013, p. 21).

Para a compreensão das representações sociais, isto torna-se importante, na medida em que todos os dias somos expostos às informações da ciência e isso tem como consequência uma procura ou mesmo uma adaptação dos indivíduos da sociedade por respostas às suas indagações. Desta forma, ao buscar compreender como as teorias científicas difundem-se em determinada cultura e transformam-se, ao mesmo tempo em que modificam o social e a visão que as pessoas têm de si e do cotidiano em que vivem, Moscovici (2012) objetivou apreender as relações entre os sistemas de pensamentos e as práticas sociais. Por meio de um processo de socialização, uma quantidade de teorias e fenômenos torna-se familiar a um grupo social. Os conhecimentos científicos, neste contexto, são adaptados por intermédio da ação criadora dos atores sociais ao seu universo cultural específico, onde ganham um conteúdo e um estilo de pensamento dotado de uma significação e de uma linguagem próprias.

O referido autor, sob esta perspectiva, reconhece que a passagem de um nível de ciência ao das representações implica uma descontinuidade, ou seja, a ruptura é a condição necessária para a entrada de um conhecimento no laboratório da sociedade, que adquire novo *status* epistemológico sob a forma de representações sociais.

Para Moscovici (2012, p. 27), a passagem de uma teoria científica à sua representação social corresponde à necessidade de suscitar comportamentos ou visões socialmente adaptados ao estado de conhecimento do real. Os homens atribuem uma inteligibilidade aos objetos da realidade à medida que os vincula a um sistema de valores, noções e práticas instituídas. Um objeto só é cognoscível, passível de representação para um grupo, em função dos meios e métodos que permitam dotá-lo de significação.

Ao dar início à sua teoria, Moscovici estudou a representação social da psicanálise na sociedade parisiense e realizou uma abordagem empírica fazendo uso da metodologia de enquetes, aplicando questionários e analisando conteúdos da imprensa local em três anos, no período que compreendeu de 1953 a 1956. Ele constatou que já haviam sido publicados cerca de 1600 artigos sobre a psicanálise em aproximadamente 230 jornais. Sendo assim, Moscovici “lançava uma problemática específica – como é consumida, transformada e utilizada pelo homem comum uma teoria científica – e uma problemática mais geral – como constrói o homem a realidade” (VALA, 1997, p. 353).

Em âmbito geral ou universal, Moscovici promove a análise “dos processos através dos quais o indivíduo, em interação social, constrói teorias sobre objetos sociais, que tornam viável a comunicação e a organização dos comportamentos” (2012, p. 353). Portanto, as representações sociais são constituídas não apenas a partir de teorias científicas, mas também pelos grandes eixos culturais, pelas ideologias, pelas experiências e pelas comunicações cotidianas (2012, *Ibidem*).

Embora se apresente como um conceito complexo e múltiplo, algumas definições são propostas por autores na tentativa de uma sistematização do campo de estudo das representações sociais. Denise Jodelet de forma concisa indica que uma representação se trata de “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001).

O mesmo acontece quando os catadores e catadoras formulam conceitos sobre o trabalho com o lixo realizado na catação de material reciclável. Pode ocorrer um pré-conceito quando se pensa que estes sujeitos não têm um conhecimento elaborado sobre este fenômeno.

Esta ideia pode ser prematura e carregada de juízos de valor, por isso, constitui uma representação social de determinada realidade. Em outras palavras, seria um saber pautado no *sensu comum*, o qual, na maioria das vezes, é (sub)entendido ou subentende-se como algo meramente subjetivo e “improdutivo”, uma vez que seu fundamento não se presta unicamente à lógica científica, onde muitas vezes as provas e os testes padronizados são fundamentais. Porém, é do senso comum que surge o vocabulário nascente da conversação, sendo este indispensável para se descrever experiências cotidianas, para prever comportamentos e atitudes, dando-lhes um sentido. Assim, como destaca Moscovici (2012), do senso comum foram originadas a linguagem e a sabedoria acumulada por determinados grupos.

O senso comum é visto como algo menor, em comparação com a ciência, que fica encarregada de inventar e propor a maior parte dos objetos, conceitos e analogias considerados válidos e legítimos. Mas esta questão precisa ser repensada com cuidado, pois o senso comum é fundamental para legitimar a própria ciência. Afinal, incessantemente, ocorre a gênese de um novo senso comum, que também pode ser associado com a ciência e que se inscreve entre as suas preocupações teóricas e práticas existenciais.

Para fazer parte de um grupo ou de uma sociedade, precisamos compreender os novos códigos elaborados pela ciência. Deste modo, não se reproduz um saber armazenado na ciência, mas se reelabora o mesmo segundo a sua própria conveniência e de acordo com os seus meios, os materiais encontrados. É o movimento no decorrer do qual as descobertas científicas são socializadas (MOSCOVICI, 2012).

De acordo com o autor, as representações sociais são constituídas por três dimensões: *a informação*, o *campo de representação* ou *imagem*, a *atitude*, (MOSCOVICI, 2012, p. 62). A primeira dimensão que também pode ser entendida como conceito, tem relação com a organização dos conhecimentos que o grupo possui com relação ao objeto social. Ela concretiza-se na relação dos conhecimentos do grupo. No caso dos catadores, com o trabalho que executam com o lixo, referindo-se também à forma como tal objeto penetra no mundo desses indivíduos.

A segunda dimensão, o *campo de representação* ou *imagem*, é entendida como a imagem, o modelo social com conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação. As opiniões podem englobar o conjunto representado, mas isso não quer dizer que este conjunto seja ordenado e estruturado. A noção de dimensão obriga-nos a julgar que existe um campo de representação e uma imagem onde

houver uma unidade hierarquizada de elementos (classes sociais, por exemplo). (MOSCOVICI, 2012, p. 64).

A *atitude*, por sua vez, é a terceira dimensão das representações sociais. É entendida como a orientação global em relação ao objeto da representação social. Esta é considerada como a ação que reflete a representação social constituída. Pode-se ter uma atitude negativa ou positiva acerca do objeto representado, e isso tudo vai depender de como a informação chegou ao indivíduo, como ela foi processada e assimilada de acordo com as suas experiências e vivências anteriores. Isso pode ocorrer por meio de experiências formais e/ou informais em relação ao objeto. A partir desta releitura do objeto, forma-se um campo de representação, um juízo, “o que se pensa sobre”, uma “tomada de partido” em relação ao objeto, que vai interferir diretamente em como agir em relação a ele, seja de maneira favorável ou não.

Dentro deste contexto de releitura da realidade, mais alguns questionamentos foram elaborados: como o trabalho com o lixo é assimilado e apreendido por catadores e catadoras? Será que a (re)interpretação deste conceito poderá influenciar em uma posterior atitude tomada em relação ao trabalho com o lixo?

Para compreender melhor a situação da passagem da não familiaridade à familiaridade, é importante mostrar que, para Moscovici (2011, 2012, 2013), a sociedade, além de ser um sistema econômico e político, é também um sistema de pensamento. Mas existem nela dois tipos diferentes de universos de pensamento: os universais consensuais e os universos reificados.

De acordo com Guareschi (2013), nos universos reificados, que são restritos, circulam as ciências que procuram trabalhar com objetividade, dentro das teorizações abstratas, chegando a criar uma hierarquia; nos consensuais, são as práticas interativas do dia a dia que produzem as RS, que são teorias do senso comum, isto é, conhecimentos produzidos espontaneamente dentro de um grupo, fundados na tradição e no consenso, dentro de uma lógica, metodologia e comprovação diferentes.

Ora, o não familiar é produzido e se situa, na maioria das vezes, dentro do universo reificado das ciências, e deve ser transposto ao universo consensual do dia a dia. Esta tarefa de transposição é, em geral, realizada pelos divulgadores científicos, como jornalistas, comentaristas econômicos e políticos, professores, propagandistas, que têm nos meios de comunicação de massa um recurso extraordinário. Pode-se, então, indagar como o fenômeno

trabalho com o lixo foi apreendido pelos catadores e catadoras de material reciclável, uma vez que a maioria da informação científica é midiática.

Vale destacar que a presença social de um objeto representacional é percebida por um sujeito em função do grupo ao qual ele pertence, da informação que ele possui e de sua atitude a respeito deste objeto. Ele percebe a mesma presença em seu meio imediato, em função do campo de interesse deste meio e da densidade deste campo – informação, atitude do meio. Esta presença é ativa e também falada.

Assim, este processo de apropriação de conhecimento por um coletivo social não se define no contexto da experiência direta. A inserção de um conhecimento no “mundo da conversação” e das interlocuções verbais, mundo este dotado de relatividade, é condicionante para a sua internalização no universo simbólico dos atores sociais (MOSCOVICI, 2013).

Estas representações sociais são, na verdade, o senso comum, são compartilhadas por diferentes grupos e, assim sendo, influenciam nas decisões que as pessoas tomam individualmente. Segundo Reigota (2001, p. 12), as representações sociais estão relacionadas com as pessoas que atuam fora da comunidade científica, embora também estejam presentes nela. Pelas representações sociais, podemos encontrar nas pessoas conceitos cientificamente construídos, da forma como foram apreendidos e internalizados por elas.

Em confronto com o desconhecido, movido pelo desejo de transformação do não familiar em familiar, os homens assumem o papel de agentes construtores de conhecimentos. Como *documentalistas*, *autodidatas* e *enciclopedistas*, buscam preencher as lacunas, completar as divisórias vazias. Eles reúnem e recortam textos acabados, combinando-os em função de um código de análise e classificação (MOSCOVICI, 2013), objetivando a construção de uma teoria, de uma linguagem particular, cuja estrutura de implicações se assenta em valores e em conceitos que dão sentido à sociedade e ao universo a que pertencem. E esta busca por entendimento passa pela troca de informações e de opiniões, pela comunicação.

O fator *comunicação* é muito importante, na medida em que nos estudos desenvolvidos por Moscovici sobre a penetração da psicanálise em um grupo distinto, verificou-se que a representação social de um conceito ou fenômeno de fato existe quando este se encontra na fala e na conversa das pessoas envolvidas. E o outro fator importante é a aceitação do fenômeno de forma positiva. Se tal conceito não for bem aceito ou for indiferente para determinado grupo, ele não terá presença significativa na conversação e no discurso das pessoas, e logo tal fato influenciará na constituição de sua representação social.

Como nas sociedades modernas supervalorizou-se a produção do saber científico, erudito, privilégio de um grupo seletivo, como referencial de compreensão e explicação da realidade, a dimensão inovadora do conceito de representação social foi restituir os saberes do senso comum, seu espaço de produção obscurecido pela legitimidade outorgada aos saberes científicos. Foi, também, descobrir no senso comum o pensamento representativo dos indivíduos e dos grupos sociais como um processo mediador de novos conhecimentos, como um instrumento gerador de ações nas relações sociais.

Daí se destaca a importância de se tentar compreender como pensam os catadores e catadoras de material reciclável em relação ao seu trabalho. A produção das representações sociais destaca-se por ser uma ação intencional e dinâmica, logo, é carregada de ideologia. O conceito crítico de ideologia desmistifica a possível neutralidade do processo cognitivo, mostrando-o como mediação nas relações de dominação e exploração socioeconômica. Nossas representações não são independentes: elas têm a ver com a nossa concepção de mundo e de sociedade. Guareschi enriquece a discussão:

[...] é nossa percepção que a dimensão valorativa, ética, jamais pode ser separada das ações e, por isso, de uma maneira ou de outra, ela está presente tanto no processo de construção das representações sociais, como em sua estrutura. Perder a dimensão de não neutralidade dos processos e representações é empobrecer e mistificar tanto a uns como a outras. (GUARESCHI, 2013)

Neste contexto de não neutralidade nas relações sociais e objetivando superar a antítese individual *versus* social, legada pela tradição, distanciando-se das abordagens psicologistas e dos enfoques sociologistas, Moscovici cunha um novo conceito de representação social em sua dimensão dinâmica, relativa e mutável, identificando-a como uma produção intersubjetiva, um fenômeno que se constrói na esfera pública como lugar da alteridade e da criação.

Caminha para o entendimento de uma sociedade pensante, onde os indivíduos que a configuram não são apenas meros receptores de informações e ideias, nem mesmo portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas são atores sociais, pensadores ativos, que produzem e constroem (re) significados sociais nas interfaces dos universos consensuais e reificados (SÁ, 1998).

Esta colocação do autor, apontada anteriormente, é importante, uma vez que ele afirma que a Representação Social é um fenômeno construído como lugar da alteridade e da criação, e que os sujeitos produtores dela são ativos e ressignificadores dos universos reificados.

Seriam, assim, os produtores de RS, no caso os catadores e catadoras de materiais recicláveis, em relação ao fenômeno trabalho com o lixo? Seriam os catadores e catadoras de materiais recicláveis produtores legítimos das RS do trabalho com o lixo ou reprodutores massificados?

Dentro deste contexto, é enriquecedor trazer as concepções de autores importantes no que concerne à produção das Representações Sociais, como Abric (2001) e Jodelet (2001).

Para Abric (2001, p. 13): “Esto permite definir a la representación como una visión funcional del mundo que permite al individuo o al grupo conferir sentido a sus conductas, y entender la realidad mediante su próprio sistema de referencias y adaptar y definir de este modo un lugar para si”. Em referência às representações, afirma que são elas que definem a identidade de um grupo, desempenhando um papel de controle social que é exercido pela coletividade sobre cada um dos membros e, em particular, nos processos de socialização. (ABRIC, 2001, p. 16).

O modo de produção das representações sociais, então, encontra-se nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação social, nos atos de resistência, em uma série infindável de espaços, onde os atores sociais se empenham em dar sentido ao mundo, não somente por meio da reflexão, mas das emoções, dos sentimentos.

O conceito de Moscovici pode ser enriquecido pelo de representação social de Jodelet (2001), ao pensar no processo de produção das RS, uma vez que lança uma nova forma de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos são manifestados por intermédio de processos que o geram e os marcam socialmente. Ele designa uma forma de pensamento social:

As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Como tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A marcação social dos conteúdos ou dos processos de representação refere-se às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas servem na interação com o mundo e com os outros (JODELET, 2001).

A discussão apresentada em torno do processo de construção das RS permite compartilhar seu conceito como “ciências coletivas” *sui generis*, como teorias do senso comum, que se manifestam sob a modalidade de “conceitos, explicações e afirmações”, que determinam o campo das interlocuções possíveis, das crenças, das concepções socializadas, orientando as condutas desejáveis ou legitimadas de um grupo na relação com objetos sociais que emergem de seu cotidiano (MOSCOVICI, 2013).

Para Sá (1998), as representações sociais possuem uma estrutura de dupla natureza – conceitual e figurativa –, pois “como um processo, torna o conceito e a percepção de alguns modos intercambiáveis, visto que se engendram reciprocamente”. Ao referir-se a estas relações intercambiáveis, argumenta sobre os campos de ação cognitivos na estrutura das representações:

Por um lado, a linha do pensamento conceitual, capaz de se aplicar a um objeto não presente, de concebê-lo, portanto, dar-lhe um sentido, simbolizá-lo. E, por outro lado, à maneira da atividade perceptiva, trataria de recuperar esse objeto, dar-lhe uma concretude icônica, figurá-lo, torná-lo tangível (SÁ, 1998, p. 33).

O autor corrobora com Moscovici, ao entender que a estrutura de cada representação possui faces indissociáveis: a figurativa e a simbólica, e sua formação incorpora a ação de dois processos complementares: objetivar e ancorar. A objetivação consiste em um processo em que o objeto abstrato é materializado, naturaliza, e que um sentido é duplicado por uma figura.

Sá (1998), Guareschi (2013), Moscovici (2013) e Jodelet (2001) compartilham a ideia de que objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser impreciso, reproduzir um conceito em uma imagem. Sua postulação teórica como um dos processos formadores das RS justifica-se à medida que “propusemos que as palavras não falam sobre ‘nada’ somos compelidos a ligá-las a alguma coisa, a encontrar equivalentes não verbais” (SÁ, 1998, p. 38).

Em interação com a objetivação na formação das RS, a ancoragem é um processo por meio do qual uma figura é duplicada por um sentido, fornecendo um contexto interpretativo e inteligível do objeto representado. Para Jodelet (2001), ela consiste na integração cognitiva de um objeto representado – sejam ideias, acontecimentos, pessoas, relações etc. – a um sistema de pensamento social e nas transformações implicadas. De acordo com a referida autora, as próprias representações disponíveis podem funcionar também como sistema de acolhimento de novas representações. Classificar (escolher e comparar) é denominar, retirar alguma coisa do anonimato e localizá-la na matriz de identidade de nossa cultura.

Moscovici (2013) entende que ambos os processos, a objetivação e a ancoragem, servem a um princípio básico na formação das representações sociais: a transformação do não familiar em familiar. Os conceitos anteriormente sistematizados sugerem a compreensão das RS como um sistema sociocognitivo que, em seu duplo aspecto, admitem a existência de um sujeito ativo que possui uma “textura psicológica”, submetido às regras que regem os

processos cognitivos, mas cuja ação prática está condicionada aos espaços e às relações sociais constitutivas (ABRIC, 2001).

Desta forma, a produção das representações sociais pelos sujeitos da pesquisa implica um processo de objetivação que seria a associação a algo já existente em seu universo de apreensão da realidade, seu contexto social (no caso, o trabalho com o lixo), e à ancoragem, que seria a inter-relação deste fenômeno às diversas facetas da vida. Todo este processo depende da inserção social, cultural, política e econômica do grupo, de sua ideologia e de sua percepção individual, que é transmitida e discutida com o seu grupo, tornando-se uma percepção coletiva.

A ancoragem e a objetivação são processos fundamentais na assimilação de conceitos e fenômenos, logo, tem papel indispensável nas representações sociais. A ancoragem traz categorias e imagens conhecidas ao que ainda não está classificado ou rotulado. A objetivação, por consequência, refere-se a uma classificação a partir do estabelecimento de relações entre categorias e grupos. Estes arranjos mentais estão diretamente ligados às três dimensões propostas por Moscovici e que são elementos constitutivos das RS: a *informação*, o *campo de representação* e a *atitude tomada em relação ao fenômeno*.

2.2 Reflexões sobre o significado de representações sociais: do senso comum à teoria de Serge Moscovici

Serge Moscovici introduziu o conceito de representação social em seu estudo pioneiro das formas como a psicanálise penetrou no pensamento popular na França. O trabalho em que este estudo é relatado, *La Psycanalyse: son image et son public*, foi inicialmente publicado na França em 1961 (tendo uma segunda edição em 1976). Moscovici intitula o capítulo inicial de *La Psycanalyse* “Representação social: um conceito perdido”, e introduz seu trabalho nos seguintes termos:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica.

Mas se a realidade das representações é fácil de ser compreendida, o conceito não o é. Há muitas boas razões pelas quais isso é assim. Na sua maioria, elas são históricas e é por isso que nós devemos encarregar os historiadores da tarefa de descobri-las. As razões não históricas podem todas serem reduzidas a uma única: sua posição “mista”, no cruzamento entre uma série de conceitos psicológicos. É nessa encruzilhada que nós temos de nos situar. O caminho, certamente, pode representar algo pedante quanto a isso, mas nós não podemos ver outra maneira de libertar tal conceito de seu glorioso passado, de revitalizá-lo e de compreender sua especificidade (MOSCOVICI, 2012).

Para muitas pessoas, a ciência deveria ter explicações e conceitos bem definidos para seus fenômenos. No entanto, isso não ocorre. Mesmo as ciências mais exatas não procedem desta forma. Elas precisam juntar, organizar e diferenciar os fenômenos, sejam os perturbadores e exóticos ou os que constituem um escândalo. Mas há poucas coisas tão chamativas quanto as crenças, preconceitos e superstições que são partilhadas diariamente por milhões de pessoas. As crenças religiosas que assumem a imortalidade da alma, reencarnação das pessoas ou outras coisas que o nosso conhecimento não alcança.

Como exemplos, doenças, como a AIDS, que foi rapidamente apoderada pela mídia e pelas conversações e catalogada como a doença vingadora de uma sociedade permissiva. A imprensa a representou como uma condenação de “comportamentos degenerados”, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a qualificou como a “punição de Deus”, “uma consequência da decadência moral”, o que serve para mostrar a frequência em que ocorre a

circulação de ideias ou imagens alarmantes que não podem ser detidas pelo bom senso nem pela lógica.

Estes exemplos servem para mostrar a frequência em que ocorre a circulação de ideias ou imagens alarmantes que não podem ser detidas pelo bom senso nem pela lógica. É este tipo de funcionamento mental que faz nascerem as pesquisas, cujos resultados mostram que a maior parte das pessoas prefere explicações populares a explicações científicas. Fazem correlações enganadoras que fatos objetivos são incapazes de corrigir, distorcem informações que lhes são acessíveis e as pessoas aceitam, acima de tudo, aqueles fatos ou percebem comportamentos que confirmam suas crenças habituais, mesmo quando sua experiência lhes diz “está errado” e a razão lhe diz “é um absurdo”.

Desde Descartes, do ponto de vista individual, as pessoas têm a capacidade de pensar corretamente sobre a evidência a elas apresentadas pelo mundo externo. De um lado, sabem distinguir a informação que lhes é acessível, e de outro, a partir do conjunto de informações, como chegar à determinada conclusão. São as regras lógicas, e o mais importante é a não contradição. Se o raciocínio e a conclusão estão corretos, o modo como as regras e os procedimentos lógicos foram aplicados vão fornecer melhores explicações das crenças e dos conhecimentos.

Mas, ao se perceber que o raciocínio é falso e a conclusão é errada, devem-se procurar as causas para a má aplicação das regras não lógicas que podem explicar por que os indivíduos cometem erros. Entre estas causas, serão encontrados os problemas afetivos e as influências sociais que encorajarão as pessoas a cederem diante dos hábitos ou a afastarem-se do mundo externo.

Encontramos aí uma dualidade na raiz destas explicações, que pode ser assim descrita: nossas faculdades individuais de percepção e observação do mundo externo são capazes de produzir conhecimento verdadeiro, já os fatores sociais provocam distorções e desvios nas crenças e em nosso conhecimento do mundo. Esta dualidade pode ser expressa de três maneiras: primeiramente, pela ideia de que alguém atinge os verdadeiros processos do conhecimento quando estes são pensados dentro do indivíduo, independente de sua cultura; em segundo lugar, na psicologia da massa, há a convicção de que as pessoas reunidas em grupo podem ser consideradas como sofrendo mudanças em suas qualidades psíquicas, perdendo umas e adquirindo outras; em terceiro lugar, a pessoa comum, o “noviço”, tem tendência a desprezar a informação dada, a pensar de maneira estereotipada, não conseguindo levar em conta os erros a que isto induz.

Moscovici não só aceita que é normal que exista esta dualidade entre as formas de pensamento não social e as de crenças compartilhadas, mas também admite que os conceitos e leis daquele pensamento sirvam como referência para estas crenças. Os estímulos não sociais fornecem fundamentos para a construção dos princípios sociais cognitivos mais complexos. Para o autor, é desta ideia limitadora e desprovida de fundamentos que devemos nos libertar, pois é somente no contexto de uma psicologia social diferente que podemos esclarecer os sentidos das formas de pensamentos e crença comuns.

A supremacia do social está sendo cada vez mais reconhecida nos campos da epistemologia, da linguagem e da psicologia social. No entanto, para Moscovici, não é suficiente reconhecer a supremacia do social como se fosse uma esmola: é preciso recuperar a perspectiva teórica que pode iluminar os fenômenos como uma parte normal da nossa cultura e da vida em sociedade. É uma questão de reformular, de voltar-se para um ponto fixo do indivíduo e da sociedade, em termos mais claros e definidos, e com mais precisão.

O problema não é escolher entre a supremacia do indivíduo ou da sociedade - é algo mais concreto. Diz respeito à explicação dos fenômenos da crença, da religião ou magia, do conhecimento comum e popular, das formas ideológicas de pensamento e da ação coletiva. A sociedade cria crenças e ideias, sejam elas corretas ou não. Não é possível buscar refúgio nas trivialidades da intersubjetividade ou das construções linguísticas. A cognição social poderá ser tudo, menos convincente, porque não se confrontou com o problema. Segundo Moscovici, apenas a linha de pensamento que se desenvolveu na direção da teoria das representações se dedicou à solução do problema, já que a psicanálise relacionou a psicologia coletiva e a psicologia individual através do inconsciente.

A teoria das representações sociais é singular e possui a tendência de tornar-se a teoria geral dos fenômenos sociais e uma teoria específica de fenômenos psíquicos. E isso não acontece por acaso: ela é uma teoria geral, na medida em que lhe compete que uma sociedade não poderia ser definida pela simples presença de um coletivo que reúne indivíduos através de uma hierarquia de poder e interesses mútuos. Com certeza, em uma sociedade, existem poder e interesses, mas para serem reconhecidos como tais, eles precisam de representações ou valores que lhes deem sentido e que façam com que os indivíduos se unam por meio de crenças para garantir a sua existência.

Isso acontece por intermédio de opiniões, símbolos, rituais, crenças, e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. Crenças sobre a vida em comum, sobre como as coisas devem ser, sobre o que se deve fazer, sobre o que é justo, o que é verdadeiro e o que é

belo, todas elas produzindo um impacto nos modos de se comportar, de sentir ou de transmitir e permutar bens. As sociedades despedaçar-se-iam se houvesse somente poder e interesse unindo as pessoas. É preciso haver ideias e valores em que elas acreditem, que possam uni-las por uma paixão comum que é transmitida de uma geração a outra.

Durkheim (1978, p. 66), falando de crenças religiosas, escreveu: “é impossível que sistemas de ideias, como as religiões, que ocuparam um lugar tão importante na história – de cuja fonte os povos de todas as épocas retiraram a energia de que necessitavam para viver – possam ser apenas fábrica de ilusão”. Devemos prestar menos atenção ao caráter anormal do ponto de vista do indivíduo e de suas crenças, e prestar mais atenção ao seu caráter social, à vida mental e psíquica que elas expressam.

2.3 Representações sociais e geografia

A geografia das representações tem aproximações na geografia cultural que, em suas abordagens, busca os sentidos atribuídos ao concreto e abstrato, dando sentido à realidade dos indivíduos em seus grupos sociais. Esta vertente da geografia humana tem Carl Sauer como seu principal criador, na década de 1920, quando estuda e analisa os produtos e as normas culturais, focando em fenômenos como linguagem, crenças, religião, trabalho, entre outros, que variam ou permanecem constantes, de um lugar para outro, bem como a maneira de os seres humanos atuarem no espaço.

A geografia proposta por Sauer é a do estudo comparativo de culturas localizadas em áreas, ou seja, o estudo de áreas culturais. Tendo em vista a natureza histórica da cultura – um conjunto de hábitos aprendido por um determinado grupo em um dado local [...]” (CORRÊA, 2005, p. 270).

Desta forma, considera o homem como um agente cuja cultura tem afetado a natureza. É através de Sauer que a geografia norte-americana se libera do determinismo ambiental, estabelecendo fortes ligações com a antropologia e a história. Segundo ele, a geografia “é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que engloba a fenomenologia da paisagem, de modo a abarcar, por meio de seu significado e cores, o variado cenário terrestre” (CORRÊA, 2005, p. 266).

Daí, a paisagem torna-se um dos conceitos privilegiados por Sauer, a qual equivaleria a um conjunto de formas físicas e culturais que estavam associadas a uma área. Apesar da

forte crítica ao determinismo ambiental, este teórico ainda teve forte influência do darwinismo social.

A geografia cultural da década de 1920 a 1950 esteve fortemente marcada pelo determinismo cultural, o que suscitou críticas oriundas das mais diversas acepções da geografia, pois ficou muito limitada aos aspectos materiais da cultura, deixando de lado conflitos culturais, étnicos, religiosos e, principalmente, porque esta vertente trabalhou o conceito de cultura como algo que estivesse acima do homem.

A cultura, como afirma Corrêa (2005, p. 277), “constitui-se em um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística [...]”. Este quadro permaneceu até a década de 1950, vindo mudar profundamente nos anos de 1960 e 1970, quando o quadro dominante da reflexão epistemológica deixou de ser positivista e neopositivista, e passou a ser configurado pela existência do estruturalismo. Neste, as preferências e escolhas dos indivíduos não tinham nenhum papel na construção das estruturas.

Nos anos de 1970, o estruturalismo também foi duramente criticado por não explicar as evoluções, por ignorar a história humana. Surge, então, o estruturacionismo que, aliado ao estruturalismo, ganha força na França, com Pierre Bourdieu (1980), e no Reino Unido, com Anthony Giddens (1984). Com o último, ganha uma dimensão geográfica importante, sublinhando a iniciativa humana na construção das realidades sociais (CLAVAL, 2011).

Nas décadas de 1970 e 1980, com a mudança na conceituação de cultura pelos antropólogos e etnólogos, diferentemente da utilizada por Taylor, em 1871, voltada mais para a base material e técnica, a nova concepção volta-se mais para uma dimensão do simbolismo. Diz Claval (2011) que a geografia cultural é uma base para a disciplina geográfica e está amparada em alguns pontos, como: o conhecimento do mundo sempre se faz através de representações, onde o seu conhecimento é baseado sobre as percepções e as representações que compartilham dele; a cultura é construída sobre elementos construídos ou inventados, não sendo inata, mas, sim, adquirida, tendo papel fundamental o processo de transmissão de conhecimentos, de aprendizagem e de comunicação, pois a natureza e o conteúdo da cultura refletem os meios pelos quais as pessoas adquirem suas práticas e seus conhecimentos.

Também é elemento importante na geografia cultural a construção da cultura como um processo social. Na concepção de Claval (2011), o processo de construção do indivíduo é, também, e sobretudo, um processo social: o que é transmitido é feito de atitudes, de costumes, de representações [...] que circulam num grupo e lhe dão coerência [...].

Assim, a geografia cultural é sempre sociocultural, pois é através dos processos sociais que os indivíduos, em uma sociedade, encontram semelhança entre grupos, criando consciência comum. Cabe a esta ciência refletir sobre os indivíduos, a sociedade, o espaço organizado, bem como os conflitos sociais.

Afinal, a geografia é uma forma de ler e interpretar o mundo, portanto, quanto mais diversas forem estas formas, também serão diferentes as suas interpretações. Pelo processo de percepção, temos o contato com a realidade e sua reflexão expressa-se na produção de imagens possuidoras de diferentes significados. “Por este processo [...] a representação pode ser entendida também como significante, pois o representado está ligado ao que se vê ou ao que se deixa mostrar, através da simbolização arraigada neste intermeio” (ARAÚJO, 2012, p. 88).

A geografia faz uso de seus estudos e reflexões para identificar os símbolos e as representações dos indivíduos sobre o mundo, ou seja, das relações dos indivíduos com os acontecimentos e coisas existentes ao seu redor. Desta forma, o referido autor argumenta que a representação social surge a partir do momento em que ocorre a inter-relação do sujeito com o objeto, onde neste encontro ocorre a interpretação do objeto por parte do sujeito, e neste processo é que acontecem as representações.

De acordo com Andrade (2000, p. 20), “a discussão sobre o conceito de *representação*, explicado com base em Moscovici e em seus seguidores, no campo da sociologia e da psicologia social, é extrapolada e compreendida à luz da geografia”. Por se tratar de um conceito polissêmico, passando pela filosofia, geografia, sociologia e psicologia social, ele assume conteúdos e concepções teóricas diferentes, e além destas, outras buscaram o conceito de *representação* para responder a questões de natureza específica, mas fazendo com que o conceito de representação social construa suas bases teóricas na psicologia social, através de Serge Moscovici (ANDRADE, 2000).

O estudo das representações sociais apresenta-se, portanto, como um vasto campo de estudos psicossociológicos. Desta forma, a expressão *representações sociais* pode ser utilizada para designar tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba, e a teoria para explicá-los (SÁ, 1998).

Pode-se afirmar que a representação social faz parte de nosso cotidiano e é resultado da comunicação e da linguagem. Já que se constitui de uma organização de imagens e linguagem, a representação social realça e simboliza atos e situações cujo uso os torna comum. Para Bonfim (2012, p. 14), “são modalidades particulares do conhecimento, que têm

por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”.

Moscovici (2012) compreende as representações sociais como fenômenos complexos que extrapolam categorias puramente lógicas e invariantes, uma vez que estas se organizam como um saber em torno do real, que se estrutura nas relações do homem com este mesmo real. Uma representação é construída em torno de objetos precisos, reais ou imaginários, sejam eles ideias, teorias e acontecimentos. Ela não pode ser apreendida no isolamento ou na dicotomia entre o que se pretende captar e analisar, e o viver concreto dos sujeitos. Não se trata de uma reprodução do real no plano subjetivo, mas uma reorganização significativa, estruturada no processo de atribuição de sentido ao objeto.

As representações sociais podem ser concebidas como teorias que os indivíduos elaboram sobre a natureza dos eventos, objetos e situações em seu mundo social. Como são formadas a partir do senso comum, as representações também são imagens, valores e ideias facilmente identificadas por um grupo social.

Segundo Bonfim (2012, p. 23), o termo *representação social*, em geografia, aparece nos anos 1980, nos trabalhos de Guérin (1985), Gummuchian (1985, 1989) e Bailly (1995), que afirmam que a geografia consiste nas representações de objetos, de práticas e de processos espaciais graças aos conceitos evolutivos. Então, se as representações sociais são construídas a partir das práticas sociais no espaço vivido pelos sujeitos, conclui-se que estas práticas sociais venham a ser um objeto da representação.

A geografia das representações sociais tem como objetivo preencher uma lacuna de investigação dos modos de vida através das manifestações cultural e simbólica dos indivíduos, e este processo, permeado pelas representações, cria uma sinergia entre os que dela usufruem. As representações sociais devem priorizar os elementos de significação social, compreendendo as construções e reconstruções do homem em seu meio (ARAÚJO, 2012).

Neste sentido, a Teoria das Representações Sociais revela-se como um instrumento que pode contribuir, na medida em que pode ser utilizada para diagnosticar a representação do trabalho dos catadores e catadoras de material reciclável, construída por eles. Estes trabalhadores vivem em um espaço comum, que utilizam e praticam de maneira empírica e sobre o qual constroem representações sociais de seu trabalho.

Em que a geografia pode contribuir sobre a reflexão dos homens com o lixo que produzem? Mais que uma questão técnica que possa ser resolvida através da operacionalização ou de grandes investimentos, o problema do lixo é socioespacial. Ele representa um rico tema de estudos e pesquisas no que se refere à relação do homem com o

meio.

Historicamente, é símbolo de degradação e degenerescência dos objetos, do que não tem mais valor econômico ou afetivo, daquilo que é resultante da transformação e/ou do consumo de materiais. Os resíduos, através de sua dimensão temporal, contam a história do homem, passam a ser um signo da sociedade, de seu consumo, de sua relação íntima com o meio. Assim, podem-se deduzir diferentes características da vida de uma família: seus hábitos, ter indicações da renda e do tamanho da família, das profissões, do lazer e da escolaridade.

O significado do trabalho com o lixo, enquanto objeto de estudo para a geografia, ultrapassa, portanto, as questões de degradação ambiental e inserem-se em uma problemática que desvenda a própria história da sociedade e da organização do espaço geográfico. O interesse da geografia pode estar na dimensão social e espacial que o lixo possui, destacando-se pela caracterização, no espaço, de sua presença e movimentação, produção, transporte, estocagem e eliminação. Também se revela por meio das paisagens marcadas pelos lixões, pela sua acumulação em terrenos baldios, nas margens dos rios e de rodovias, e pela desagradável visão do lixo nos espaços públicos.

A cidade produz, descarta, livra-se, segregando o lixo para além dos limites intraurbanos. Portanto, a cidade, enquanto ambiente construído, tem sido palco de recebimento de resíduos sólidos e, por isso, tem sido objeto de investigação, impondo desafios ambientais crescentes a pesquisadores, ambientalistas, autoridades públicas e legisladores.

Segundo Carvalho (2008), a cidade tem sido revista como um ecossistema particular criado pela humanidade, [...] que exige atenção especial por parte da comunidade científica e da sociedade em geral. Sem dúvida, um dos motivos merecedores desta atenção refere-se ao fato de que, atualmente, a maior parte da população do planeta reside em cidades.

“O espaço urbano é, pois, fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 2000). Ele é o receptáculo das atividades humanas, que fazem usos diversos deste espaço. As cidades expressam a busca de uma melhor qualidade de vida e o meio ambiente é o suporte natural da vida. Considera-se ambiente “o espaço onde se desenvolve a vida vegetal e animal (inclusive o homem)” (GUERRA; CUNHA, 2010) e meio ambiente “a base natural sobre a qual se estruturam as sociedades humanas” (ACSELRAD, 1992).

A luta contra a degradação ambiental tem por objetivo a preservação dos direitos da população à vida e ao trabalho. A degradação do meio ambiente é um processo de destruição

de modos de vida e do direito à diversidade cultural de relacionamento das pessoas com a natureza.

Representamos papéis com a finalidade de nos adaptarmos e de dominarmos o mundo em que vivemos. Moscovici (2013) enriquece a discussão dizendo que representar é se vincular a um sistema de valores, de noções e de práticas que conferem ao indivíduo as formas de se orientarem no meio social e material, e dominarem-nos. É também um veículo para suas trocas e de códigos para denominar e classificar de maneira clara as partes de seu mundo, de sua história individual ou coletiva.

Desta forma, as pessoas buscam adaptar-se a tudo aquilo que as inquieta ou que as fascina, formando conceitos e opiniões que representam o objeto em questão. Pode-se, então, pensar como o trabalho com o lixo é representado pelos catadores e catadoras, afinal, enquanto trabalham e vivem do lixo produzido pela população, outros experimentam o consumo exagerado de supérfluos.

Por isso, a Teoria das Representações Sociais investiga o campo das interações sociais, onde os sujeitos se encontram para falar, discutir, negociar e entender a vida. É o *lócus* sobre o qual as representações sociais dirigem o seu olhar epistêmico, tentando entender como a realidade social constrói a gramática e a dramática dos símbolos que povoam o nosso cotidiano e nos movem à ação (GUARESCHI, 2013).

3 O QUE SE PRODUZ O QUE SE DESCARTA: REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO E O LIXO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A ideologia do consumo, a gestação de consumidores convictos, acaba por ser um dado fundamental na instrumentalização da vida social. Deste modo, a procura de objetivos finais é deixada de lado e apenas se buscam mediações. [...] quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer, aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais (SANTOS, 2012b, p. 155).

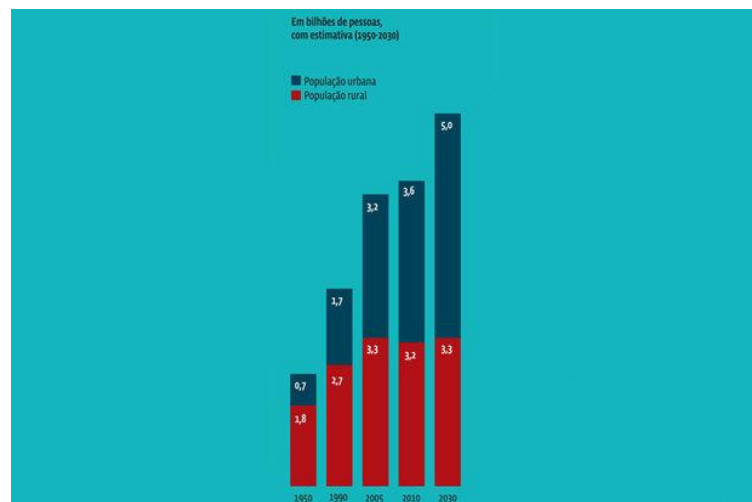
3.1 A urbanização como fator preponderante na produção do lixo

A questão ambiental e a sua problematização começaram a surgir a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, mas no Brasil e nas diversas cidades do mundo, ganhou contornos indesejáveis após o processo de urbanização. Os problemas ambientais existiam, mas em uma escala menor.

Como afirma Santos (2013, p. 82), “até recentemente, a humanidade vivia o mundo da lentidão, no qual a prática de velocidades diferentes não separava os respectivos agentes”. No entanto, o espaço geográfico começou a modificar-se, com a introdução de maquinários, da divisão social do trabalho. Ainda na fala de Santos (2013, p. 83), “hoje, vivemos no mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos [...]”. E esta fluidez, esta velocidade dos acontecimentos, começou a ser percebida com o processo de urbanização.

Podemos perceber, pela leitura do Gráfico 1, abaixo, que pela primeira vez na história, a humanidade está se tornando predominantemente urbana.

Gráfico 1 - Evolução da urbanização mundial



Fonte: https://almanaque.abril.com.br/graficos_e_tabelas/Sociedade

O processo de urbanização está diretamente relacionado ao aumento da população urbana em relação à população rural. Esse aumento populacional acontece nos centros urbanos em virtude de vários fatores de atração, entre eles, o processo de industrialização e a expansão do setor de serviços. É possível perceber no gráfico acima a velocidade com que a urbanização acontece, onde em 1950 a população rural no mundo era de 1,8 bilhões de pessoas, a população urbana contava apenas com 0,7 bilhões. Em 2010, a população urbana aumentou para 3,6 bilhões e a previsão para 2030 de 5 bilhões. O crescimento da população urbana de forma sempre crescente, deixa as cidades infladas em detrimento da população rural. Sob o ponto de vista de sua estrutura, as cidades sempre estiveram vinculadas ao campo, pois dependiam deste para sobreviver. No entanto, no atual processo de urbanização capitalista que passou a se intensificar a partir do século XVIII, é o campo que passa a ser dependente das cidades, pois é nelas onde são definidos os determinantes econômicos e sociais que organizam o meio rural.

De acordo com Moreira (1987, p. 48) até os séculos XVI-XVII o crescimento demográfico tem um ritmo lento em todas as partes do mundo, pois o baixo nível técnico-científico tem o mesmo nível de atraso para todo o mundo. A partir da Revolução Industrial (uma “revolução técnico-científica”) seus limites e mecanismos são alterados, liberando o crescimento populacional, inicialmente na Europa, posteriormente propagando seus efeitos para o restante do mundo.

A geografia tem o interesse de conhecer e atuar sobre a cidade, pois é nela onde vive parcela crescente da população. É também o lugar aonde acontecem os maiores investimentos de capitais, ocorrem os conflitos sociais e tantos outros eventos. É palco das vivências múltiplas e das contradições. Conforme Magera:

Seu início dá-se na década de 1950, na região Sudeste, a mais industrializada do Brasil, e atinge as demais regiões na década de 1970, devido à interiorização das empresas à procura de incentivos fiscais e à fuga de sindicatos fortes. Os problemas socioambientais ocorridos nas últimas décadas, nas grandes cidades brasileiras, são frutos desse “descontrolado” processo de urbanização pelo qual passou o país. No ano de 1970, 57% da população era urbana; já no final da década de 1990, esse número teria passado para 81,4%, bem diferente dos 31% da década de 1940. O problema da urbanização, somado à concentração de renda, desenha um quadro morfológico de uma sociedade urbano-industrial, caracterizada pela concentração da população, criando grandes áreas metropolitanas, como exemplo, as regiões metropolitanas de: São Paulo (20 milhões de habitantes), Rio de Janeiro (12 milhões), Salvador (6,5 milhões), Belo Horizonte (5 milhões), Fortaleza (4 milhões), que continuam sendo as mais populosas do país. (MAGERA, 2013, p. 82).

Assim, a urbanização caracteriza-se pelo crescimento das cidades, tanto em população quanto em extensão territorial. Neste processo, o espaço rural é reduzido pela migração populacional e o espaço urbano passa a receber de forma intensa e acelerada uma demanda de pessoas cada vez maior. É o que vem acontecendo desde a década de 1950, principalmente na região Sudeste.

O que ocasionou esta concentração da população nestas grandes cidades foi a expansão das atividades industriais, que criou um fator de atração para os trabalhadores rurais ou de cidades menores, que ficaram vislumbrados pela oportunidade de conseguirem melhores rendimentos em um emprego melhor, educação de qualidade, lazer, melhores recursos na área da saúde, existentes em maior quantidade e com melhor qualidade na cidade do que no campo.

No entanto, nem todos encontraram vagas na indústria e no comércio, e os migrantes, oriundos das mais diversas cidades brasileiras, acabaram por aumentar a quantidade de desempregados nas grandes metrópoles, sem falar que este número de desempregados existe também em cidades menores, por conta de uma melhor qualificação exigida pelo mercado de trabalho. Os que não se encaixam nas exigências deste mercado acabam por buscar no trabalho com o lixo uma de suas poucas oportunidades.

Tais catadores submetem-se a uma rotina diária de trabalho que, muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, vistas as condições a que estes indivíduos se submetem com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando, por dia, mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de 20 quilômetros por dia, sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos de depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhe um valor simbólico, insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo. (MAGERA, 2005, p. 34).

Com esta problemática urbana, social e ambiental, e com os eventos realizados no decorrer das décadas sobre o meio ambiente, despertou-se, na sociedade e no governo federal, a preocupação e a importância da criação de órgãos que pudessem estar voltados para este problema. Graças à Conferência de Estocolmo, em 1972, outros órgãos foram criados, com o objetivo de normatizar ações voltadas à questão ambiental, no Brasil.

Em 1973, foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), em nível federal. Embora não tenha tido destaque em suas ações voltadas para a proteção ambiental, serviu como precursora para a criação do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), em 1981, através da Lei 6.938/1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente.

Por intermédio desta mesma lei, foi criado, em conjunto, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), órgão consultivo e deliberativo do SISNAMA, que tem como atribuições estabelecer normas e critérios para o licenciamento de atividades poluidoras, determinar a realização de estudos alternativos e das consequências de projetos públicos e privados, entre outros.

O CONAMA ganhou visibilidade, ao criar, com a Resolução 001/1986, o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), voltados para o licenciamento ambiental. São projetos de suma importância para a execução de obras públicas e privadas no Brasil, embora, infelizmente, nem sempre sejam cumpridas.

Em 1988, a Constituição Brasileira, em seu capítulo VI, art. 225, trata especificamente sobre o meio ambiente, estabelecendo que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações”.

Portanto, almeja-se um meio ambiente saudável, onde as pessoas possam ter uma qualidade de vida, que seja equilibrado, só que para que isso aconteça, é necessário que a sociedade cumpra a sua parte, no que se refere à utilização de forma controlada dos recursos naturais, para que as gerações futuras não sejam penalizadas com escassezes diversas.

Em 1989, foi promulgada a Lei 7.735, que deu origem a mais um órgão ambiental, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), voltado para o licenciamento ambiental, o monitoramento, a fiscalização e o controle ambiental. Desde a sua criação, os temas ambientais têm ganhado novos espaços na agenda brasileira, e o aprimoramento do arcabouço legal tem refletido a importância crescente da agenda ambiental em nosso país.

Mesmo com a criação desses e outros órgãos voltados para a questão ambiental, muito ainda precisa ser feito, afinal o lixo tem representado um problema, desde os tempos mais remotos. Muitas comunidades, quando incomodadas, migravam para outros locais. Os restos deixados para trás constituem, atualmente, valiosa fonte de informação sobre aquelas culturas, sendo objeto de estudo dos arqueólogos.

De acordo com Mattos e Granato (2009), no Brasil, são encontrados os sambaquis, grandes amontoados de conchas de ostras, mariscos e outros restos de cozinha que testemunham os hábitos alimentares e parte da cultura dos antigos habitantes do nosso país.

São encontrados ao longo de todo o litoral brasileiro e, às vezes, nas margens de rios. Com o surgimento das cidades, o problema do lixo ficou ainda maior.

Desde a Antiguidade até meados do século XIX, acumulavam-se nas ruas não só restos de alimentos e pequenos objetos, como também fezes de animais e de pessoas. Os primeiros depósitos de lixo surgiram em Atenas, na Grécia, e embora existissem leis proibindo jogar lixo nas ruas, as pessoas não se importavam, deixando as cidades muito sujas. Na Índia, eram construídas edificações especiais para armazenar o lixo que tanto incomodava.

As questões relacionadas ao lixo não são específicas da modernidade nem da sociedade contemporânea: a temática relacionada aos resíduos sólidos perdem-se na história da humanidade. O lixo não se dissocia das atividades humanas, tanto no tempo quanto no espaço. Já nos primórdios da humanidade, constituía-se em um problema merecedor de atenção.

Segundo Waldman (2010), no Período Paleolítico, os ocupantes de cavernas confinavam resíduos em reentrâncias das rochas. A aurora das civilizações agrárias foi marcada pela preocupação em gerenciar restos agrícolas, onde grande parte era compostada, utilizada como ração, fonte de energia e para o fabrico de adobes.

A milenar presença indígena na América do Sul, de acordo com este autor, assegurou o surgimento de um tipo de solo relacionado com os resíduos, chamados *terra preta* ou *terra preta de índio*, dispersos através da Amazônia brasileira. Este solo fértil, formado a partir de descartes, garantiu, nos tempos pré-coloniais, produção agrícola suficiente para manter complexo sistema territorial sob a tutela de chefias tradicionais, desmantelado com a chegada dos conquistadores europeus.

A geração do lixo, portanto, constitui a trajetória do homem: é um fenômeno que atravessa o tempo histórico e impregna o espaço habitado pelo homem, marcando a paisagem natural. Para Stroh (2009), a produção de lixo é intrínseca ao capitalismo industrial de consumo em massa. A problemática do lixo urbano revela os efeitos induzidos resultantes da industrialização de modernidade avançada, e manifestam-se como riscos à própria civilização.

No Brasil do período colonial, as ações sanitárias eram de caráter exclusivamente individual. Os primeiros passos do poder central tiveram início com a chegada da Corte Portuguesa e, de modo restrito, com as suas necessidades. No final do século XIX, quando as epidemias passaram a assolar as cidades, difundiu-se a percepção de interdependência indissociável da saúde com as condições sanitárias (STROH, 2010). Portanto, o lixo está diretamente associado ao aumento da população humana e de suas necessidades.

Nas últimas décadas, o crescimento mundial de produtos industrializados e, principalmente, dos descartáveis, aliado à explosão populacional, vem tomando proporções assustadoras, que necessitam de medidas urgentes para evitar um colapso no sistema de produção. Segundo Mattos e Granato (2009), dados atuais mostram que, enquanto a população mundial cresceu (18%) entre 1970 e 1990, a produção de lixo aumentou (25%).

Até meados do século XX, o lixo era constituído basicamente de matéria orgânica, ou seja, de restos de comida. Com o avanço da tecnologia, plásticos, isopores, pilhas, baterias de celulares e lâmpadas, entre outros materiais, passaram a constituir boa parte do lixo. Conforme as autoras, em 1986, o planeta contava com 1,3 milhão de celulares; já no início de 2012, são 3 bilhões em funcionamento. As baterias, que são altamente tóxicas, na maioria das vezes, vão parar em depósitos de lixo a céu aberto, e acabam contaminando não apenas as águas subterrâneas, como também as águas de superfície.

O lixo é conceituado como “[...] todo material inútil, todo material descartado posto em lugar público, tudo aquilo que “se joga fora”, “não presta”, condição na qual são evocadas longas catilinárias devotadas à sua nocividade, periculosidade, intratabilidade etc. (WALDMAN, 2010, p. 18). Como é possível notar, trata-se de algo que deve ser retirado de nosso convívio, que não faz falta, cuja presença é dispensável, aquilo que é indesejável. No aspecto ambiental, a questão da geração de resíduos sólidos coloca a necessidade urgente de tentar solucionar o referido problema.

É importante conceituar *lixo*, que segundo Fernandes (2001), possui duas acepções: uma cultural ou social, que diz respeito ao entendimento comum das pessoas; e a outra referente ao tema *meio ambiente*.

Sob o primeiro enfoque, “lixo é um conjunto de resíduos de materiais sólidos, líquidos e/ou pastosos, impróprios para uso”; e sob o aspecto ambiental, é o conjunto de elementos materiais e/ou orgânicos, sem utilidade direta, resultante da atividade humana ou da natureza, que deve ser coletado, tratado, depositado e controlado, a fim de preservar a saúde e o bem-estar da sociedade (FERNANDES, 2001).

Outra definição está na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), através de sua Norma Brasileira Registrada, que estabelece:

Resíduos sólidos são os que se apresentam no estado sólido e semissólido, que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle da poluição, bem como determinados líquidos cujas partículas tornem inviáveis o lançamento

na rede pública de esgotos ou corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível. (Norma Brasileira Registrada (NBR) nº 10.004/1987).

Os resíduos são, portanto, resultantes da atividade humana e necessitam de um descarte adequado. No entanto, não é o que vem ocorrendo. Através da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), de 2008, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) investigou, entre outros serviços, o manejo de resíduos sólidos. Estes, incluídos na Lei 11.445/2007¹¹, que considera saneamento básico um conjunto de serviços voltados para o abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos, e drenagem com manejo das águas pluviais urbanas. De acordo com a PNSB, em 2008, (50,8%) dos municípios faziam a destinação final dos resíduos (lixo) em vazadouros a céu aberto (os lixões).

Realidade diferente para a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), que em seu Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil (2013) décima primeira edição através do relatório anual, afirma que o nosso país registra, em todos os seus Estados, a presença de lixões, e cerca de (60%) dos municípios brasileiros ainda encaminham seus resíduos para locais inadequados.

Mesmo com a implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), através da Lei 12.305/2010, que concedeu o prazo até agosto/2014 para uma destinação ambientalmente adequada dos resíduos, porém, a gestão dos mesmos no Brasil ainda se mostra deficitária.

É a destinação final o ponto com maior deficiência no sistema de gestão de resíduos sólidos, onde apenas (58,3%) destes resíduos urbanos coletados têm destinação final adequada, e (41,7%) do que é coletado (totalizando 28,8 milhões de toneladas por ano) é depositado em lixões ou aterros controlados, que pouco se diferem dos lixões, em termos de impacto ambiental. Ainda segundo os dados do Panorama 2013, 3.344 municípios ainda fazem uso de locais inadequados para o descarte de resíduos, e deste total, 1.569 municípios utilizam lixões.

¹¹A Lei 11.445, de 5 de janeiro de 2007, estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico. A partir desta lei, foi elaborado a PNSB 2008.

3.2 Resíduos sólidos na sociedade atual: refugio de coisas, refugio de objetos, refugio de pessoas

Este é o momento de assumir um importante papel na gestão do lixo. Em vigor desde agosto de 2010, a Lei 12.305, que dispõe sobre resíduos urbanos, tem uma peça-chave: o trabalho dos catadores e catadoras, essenciais para o fim dos lixões e para a implantação da coleta seletiva nos municípios, propiciando menos poluição e mais renda.

Ao reforçar o aspecto social, a lei prioriza a participação dos catadores e catadoras a partir da responsabilidade compartilhada entre governo, empresas e população. O Decreto Federal 7.404/2010 definiu como a legislação será implementada, prevendo parcerias, incentivos financeiros, capacitação e melhoria da produção e das condições de trabalho das cooperativas.

Segundo o Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE), o número de municípios que realizavam a coleta seletiva, em 1994, era de 81, passando para 405, em 2008, e 443, em 2010, representando um considerável aumento; porém, ainda há muito para se fazer, é preciso que este trabalho seja uma realidade em todos os municípios brasileiros.

A implantação da coleta seletiva pelos municípios é essencial para que os lixões sejam erradicados em um prazo de quatro anos (previsto para agosto de 2014), conforme determina a lei. Além disso, só devem ser levados para os aterros sanitários os rejeitos – ou seja, os resíduos que não podem ser reciclados. O município que não cumprir a determinação legal estará sujeito a uma série de penalidades.

Diante da exigência legal, prefeituras buscam novos modelos de limpeza urbana, com a inserção das cooperativas de catadores e catadoras como prestadoras de serviço, mas o que se percebe é que esta mudança está ocorrendo de forma lenta. Materiais antes despejados a céu aberto precisarão de um novo destino, sendo a reciclagem o principal deles.

Segundo o relatório do Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada (IPEA, 2010), cerca de (12%) dos resíduos urbanos são reciclados no Brasil, e somente (14%) da população é atendida pelo programa de coleta seletiva. Há um campo aberto para avanços e nos últimos anos a atividade tem crescido, porém de forma tímida. O desafio atual é inserir os catadores e catadoras neste mercado que se moderniza, pois eles precisam estar preparados para competir e ocupar os melhores espaços, já que são grandes aliados para que a legislação saia do papel.

Entre os pontos mais importantes, a legislação estabelece que a responsabilidade pelos resíduos urbanos deva ser compartilhada entre poder público, população e empresas que fabricam e comercializam os produtos e embalagens descartados após o consumo. Elas

precisam implantar a *logística reversa*, ou seja, o recolhimento dos materiais para o retorno como matéria-prima à produção industrial, sem que tenham como destino os aterros sanitários ou os lixões. Fabricantes e lojistas devem organizar-se para consolidar sistemas de logística reversa, eficientes e economicamente viáveis.

O decreto determina que:

Na implementação e operacionalização do sistema de logística reversa, poderão ser adotados procedimentos de compra de produtos ou embalagens usadas e instituídos postos de entrega de resíduos recicláveis, devendo ser priorizada, especialmente no caso de embalagens pós-consumo, a participação de cooperativas [...] (Decreto Nº 7.404 de 23/12/2010, Título III, Cap. III, Art. 18, § 1º).

Com este objetivo, os acordos setoriais devem ser efetivados conforme previsto na lei, reunindo as diferentes atividades produtivas: indústrias que utilizam embalagens, fabricantes de eletroeletrônicos e redes de supermercados, entre outros. Agora, com a Lei Nacional de Resíduos Sólidos, a atividade ganha uma dimensão muito maior, na forma de compromissos que serão assinados com o governo.

Como suporte fundamental a este trabalho, a lei prevê a participação das cooperativas de catadores e catadoras. As iniciativas devem seguir diversos modelos já existentes no país, que estejam tendo êxito, principalmente com relação à coleta dos materiais deixados pela população em pontos de entrega voluntária.

A parceria deve envolver também o apoio à compra de máquinas, a estruturação de cooperativas e a educação ambiental junto ao público para a importância da separação correta de materiais recicláveis nas residências. Diante do desafio de expandir a logística reversa e cumprir a lei, os catadores e catadoras assumem, também, o papel de fornecedores de matéria-prima para a indústria.

3.2.1 O desafio ambiental contemporâneo

A conscientização da sociedade quanto aos problemas ambientais passou a ter contornos mais definidos e a se internacionalizar a partir da criação da Comissão Consultiva para a Proteção Internacional da Natureza, em 1913.

Segundo Magera (2013, p. 74), nesta época já se definiam os interesses para controlar os recursos do planeta em duas correntes de pensamentos: os preservacionistas, que acreditavam que as riquezas naturais deveriam ficar intocadas, sem sofrer a exploração

capitalista; e os conservacionistas, que defendiam que as riquezas naturais deveriam ser exploradas com critérios, evitando-se, assim, o esgotamento dos recursos naturais.

Porém, a internacionalização destas duas correntes de pensamentos só vem ocorrer com a Conferência Científica da ONU, em 1949, que tratava da conservação e da utilização dos recursos naturais. Com a realização desta Conferência, o movimento ambiental começa a crescer, adquirindo grandes proporções. Na década de 1960, surgiu a *Revolução Verde*, com o propósito de aumentar a produção agrícola através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização e utilização de maquinário.

Esta revolução proporcionou tecnologias que atingem maior eficiência na produção agrícola, entretanto, vários problemas sociais não foram solucionados, como é o caso da fome mundial. Nesta década, a preocupação com as questões ambientais acentuaram-se e se fizeram presentes organizações governamentais de proteção ao meio ambiente, como o Greenpeace, por exemplo, GIFE, Cedesus, entre outros, e uma das mais importantes organizações mundiais, a World Wide Fund for Nature (WWF), que quer dizer Fundo Mundial para a Natureza, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), fundado em 1961 na Suíça, chegando ao Brasil somente em 1971.

Com a crise ambiental, os movimentos ambientalistas ganharam progressivamente espaços na mídia, obrigando governos e instituições a repensarem a relação do homem com a natureza. O caráter da crise é planetário e requer parcerias para tentar minimizar os efeitos nocivos dos atos predatórios do homem para com o meio ambiente. Por conta disso, nas últimas décadas, foram realizadas várias conferências, encontros e simpósios internacionais que tinham como tema principal o meio ambiente e o homem. Alguns destes eventos tiveram grande relevância na questão ambiental. De acordo com Magera (2013), foram estes os mais importantes:

- A Conferência de Copenhague, Dinamarca, em 1945. A Carta de São Francisco, contendo os dez compromissos assumidos pelos chefes de Estados, deu ênfase à necessidade de serem retomadas as discussões sobre o meio ambiente, a erradicação da pobreza, o pleno emprego e a integração social;

- I Simpósio Internacional “Man’s role in changing the face of the Earth (A ação do homem mudando a face da terra), realizado nos Estados Unidos, em 1955. Nas discussões realizadas neste encontro, os cientistas chegaram à conclusão de que as transformações feitas pelo homem na superfície terrestre são antigas, mas somente nos últimos séculos se intensificaram, principalmente após a Revolução Industrial, no século XVIII;

- I Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o homem, realizada em Estocolmo, Suécia, em 1972, foi um evento importante para a questão ambiental, para todos os países, inclusive o Brasil. O resultado foi uma declaração com os principais problemas relacionados ao meio ambiente, à industrialização, à exploração demográfica, ao crescimento urbano e aos direitos humanos a um ambiente saudável. Na verdade, a grande preocupação “sempre foi com a promoção do desenvolvimento econômico, com base na ampliação de exploração dos recursos naturais [...]” (GUERRA; CUNHA, 2010);

- Sessão especial do Conselho de Administração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, realizada em Nairobi, no Quênia, em 1982. Teve destaque a preocupação com problemas ambientais globais, que começavam a indicar que a natureza estava perdendo a capacidade de autodepurar os impactos provocados pela ação do homem na biosfera;

- Criação do Global Change, Conselho Internacional, criado em 1986, como parte integrante do Conselho Internacional de Uniões Científicas da ONU, com o objetivo de estudar as inter-relações da geosfera-biosfera. Teve a função de elaborar uma *agenda global para mudança*, sob a coordenação da Dr^a Brundtland. O relatório gerado permitiu a identificação da pobreza como uma das causas dos problemas ambientais, surgindo, daí, o termo *desenvolvimento sustentável*;

- Rio-92, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992. Como objetivos principais, a discussão das propostas do Relatório da Comissão Brundtland e comemorar os 20 anos da Conferência de Estocolmo. Teve como relatório final a *Carta da Terra* e a *Agenda 21*. Também foi aprovada a Convenção sobre Alterações Climáticas, entre outras. Magera (2013, p. 79) conclui: “Embora não tenham força legal, as resoluções tomadas na Rio-92 contém um caminho mais ecológico [...] propondo um novo rumo em direção a um melhor padrão de vida para todos os povos do planeta [...]”;

- Conferências das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, em Kyoto, Japão, em dezembro de 1997, com o objetivo de reunir nações industrializadas e verificar a possibilidade de redução de gases poluidores na atmosfera, responsáveis por alterações no clima do planeta. Os EUA, tido como o país mais poluidor, responsável pela emissão de 24% de monóxido e dióxido de carbono, não assinou o tratado de Kyoto, alegando prejudicar as indústrias e a economia norte-americanas. Como afirma Magera (2013, p. 80), “em Kyoto [...], não houve um compromisso assumido que [...] ordenasse uma política de diminuição gradual de emissão

dos gases que provocam o “efeito estufa”[...], ou seja, eles continuam a poluir o planeta e todos pagam a conta”;

- Rio + 10, onde a cúpula mundial sobre desenvolvimento sustentável se reúne em Johannesburgo, África do Sul, em agosto/setembro de 2002. Além de cobrar os compromissos firmados na Rio-92, relacionados à Agenda 21, foram discutidos temas atinentes à preservação do meio ambiente, englobando aspectos sociais. Os resultados não foram muito significativos, pois os países desenvolvidos não cancelaram as dívidas dos mais pobres, e os EUA, juntamente com os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), não assinaram acordo que previa a utilização de 10% das fontes energéticas renováveis, como a fonte eólica e solar. Um dos pontos positivos foi a concordância dos países em reduzir em 50% o número de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza (com menos de 1 dólar por dia), até 2015;

- Rio + 20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada na cidade do Rio Janeiro, em junho de 2012, que teve como objetivo a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. A conferência teve dois temas principais: a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza; e a estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável;

Além destes, diversos outros eventos ocorreram, tendo como foco principal a problemática ambiental. O que se percebe na realização destes encontros é a preocupação com a pobreza, com a superpopulação, com a distribuição de renda de forma desigual. Porém, é necessário que haja uma transformação, principalmente por parte dos países ricos, quanto ao conhecimento das questões ambientais no tocante ao reconhecimento de que o planeta não é um supridor eterno de recursos naturais para a manutenção do modo de produção vigente. Conforme Magera:

[...] uma das soluções possíveis para esses problemas socioambientais estaria em uma mudança de conceito, que implica a transformação dos métodos no campo do saber, dos sistemas de valores e das crenças. [...] A própria sustentabilidade tem limites físicos e, para se tornar infinita, necessitaria de uma nova tecnologia em que os recursos naturais não fossem um fator quantitativo, e sim qualitativo, para origem dos novos produtos/serviços. (MAGERA, *Ibidem*, p. 81)

Portanto, os encontros internacionais, apesar de não terem trazido grandes transformações em relação à questão ambiental, serviram para apontar alternativas ao desenvolvimento econômico das nações em desenvolvimento, bem como sugerir normas e controles a países ricos, que são os principais responsáveis pela poluição na atmosfera e

causadores de crises ambientais globais. Estes encontros servem de sinal de alerta para o mundo, no sentido de que algo precisa ser feito com urgência.

Os resíduos sólidos tem se mostrado um problema ambiental com consequências nunca imagináveis, motivo pelo qual há anos, precisamente vinte anos, tramitava no Congresso Nacional a proposta de uma Política Nacional de Resíduos Sólidos. O documento legal foi promulgado em 2010, e as perspectivas para o tratamento destes resíduos, devido aos problemas ocasionados por ele, são inúmeras. Os resíduos sólidos, ou lixo, em nossa sociedade atual, têm se transformado não só em um problema ambiental, como também social e econômico.

O lixo, para uma determinada parcela da população, aquela que quer se livrar do mesmo, que quer vê-lo longe de si, é considerado como *refugo*. Segundo o dicionário Aurélio, o significado deste termo é “qualquer matéria ou coisa que repugna por estar suja ou que se deita fora por não ter utilidade”, “escória”, “ralé”. Então, tudo o que é refugado é o que não se deseja mais presente em nosso convívio, em nosso cotidiano. Isso se aplica às coisas e às pessoas.

3.2.2 Consumo, desperdício e sobrevivência

É nas cidades que se observa com intensidade a questão do consumo, principalmente nas cidades globais, que entraram em uma nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX. Estas cidades são o centro das transformações em curso e são espaços particularmente importantes para compreender o que está acontecendo.

A transformação que ocorre na cidade, segundo Bauman, nasce dos efeitos produzidos por um duplo movimento:

Por um lado, é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se acomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais. Por outro, as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição da renda: seja nos bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas. (BAUMAN, 2009).

É, portanto, nas cidades onde ocorrem as grandes concentrações de pessoas, bem como de problemas, já que as populações de baixa renda sofrem todo tipo “deserdamento”, da saúde, de uma boa educação, de lazer, enfim, de todo um bem-estar social e econômico, enquanto outras pessoas, dotadas de melhores condições financeiras, moram em bairros

próprios com grades, muros e todos os mecanismos possíveis de segregação. O quadro que surge é o de dois modos de vida, separados, segregados. O isolamento das elites globais, a distância crescente entre os espaços onde elas vivem e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás são, provavelmente, as mais significativas tendências sociais, culturais e políticas das últimas décadas.

Os que têm condições adquirem seu apartamento em condomínios de luxo, que fisicamente se situam dentro da cidade, mas socialmente e idealmente estão fora dela. Uma das características mais relevantes dos condomínios é o seu isolamento, sua separação dos que são considerados socialmente inferiores. Para isso, mantêm-se cercas e muros para garantir que os inferiores fiquem afastados.

As cercas têm dois lados. Dividem um espaço antes uniforme em “dentro” e “fora”, mas o que é “dentro” para quem está de um lado da cerca é “fora” para quem está do outro. Os moradores de condomínio mantêm-se fora da desconcertante, perturbadora e vagamente – por ser turbulenta e confusa – vida urbana, para se colocarem “dentro” de oásis de tranquilidade e segurança. Por isso, [...] mantêm todos os demais fora dos lugares decentes e seguros, e estão absolutamente decididos a conservar e defender com unhas e dentes esse padrão (BAUMAN, 2009, p. 15).

O lixo nos remete à exclusão social, pois os catadores e catadoras, nos lixões e também nas ruas das mais diversas cidades brasileiras, separam materiais recicláveis para a comercialização e também encontram no lixo a sua fonte de alimento. São pessoas miseráveis que trabalham em condições extremamente perigosas.

A degradação humana torna-se uma realidade nestas situações, acumulando problemas dos mais variados tipos: sem frequentar a escola, crianças e adolescentes trabalham misturados ao lixo, juntamente com seus pais; sem possuir moradia, constroem, nas ruas ou nos lixões, um lugar para residir com suas famílias - são barracos improvisados de madeiras, papelão ou latas; e muitas mulheres, às vezes, moram sozinhas, conduzindo famílias, em um dia a dia sem grandes perspectivas.

Em 1998, pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) estimou que cerca de 45.000 crianças, em todo o Brasil, trabalhavam na catação de lixo, (30%) delas sem escola. As crianças, nos lixões, são expostas, desde os primeiros dias de vida, aos perigos decorrentes do movimento de caminhões e máquinas, ao fogo, aos objetos cortantes e aos alimentos contaminados. Estas crianças estão sujeitas a problemas sociais, como a gravidez precoce, o abuso sexual e o uso abusivo de drogas. Pela pesquisa, as crianças encontravam-se

em (64%) das cidades brasileiras, sendo que praticamente a metade delas (49%) estava na região Nordeste.

Em 2000, outra pesquisa do UNICEF mostrou que os catadores e catadoras estão presentes em 3.800 municípios brasileiros. Atuando ao lado dos serviços municipais, este exército de trabalhadores informais desvia entre (10%) e (20%) dos resíduos urbanos para um circuito econômico complexo, que passa por intermediários e termina nas empresas de reciclagem de plástico, vidro, papel, alumínio e ferro.

Estima-se que os catadores e catadoras sejam responsáveis por (90%) dos materiais que alimentam as indústrias de reciclagem no Brasil, fazendo do país um dos campeões mundiais de reciclagem de alumínio. A reciclagem de materiais, que em outros países, como o Japão, é associada à modernidade, no Brasil, é baseada na exploração da miséria de parte da população. O trabalho destas pessoas retira do lixo os materiais recicláveis que retornam ao ciclo produtivo como matéria-prima secundária, economizando recursos naturais e energéticos.

Não é de hoje que estes trabalhadores garimpam materiais recicláveis. Há relatos sobre a existência de catadores e catadoras desde a Antiguidade, quando já atuavam nas ruas das cidades com suas carrocinhas. Por séculos, marginalizada da economia e da sociedade, esta força de trabalho enfrentou preconceitos e viveu em condições precárias. Com os dilemas ambientais do século XXI, estes trabalhadores passam a ter valor e reconhecimento, na busca de soluções para o lixo e de melhor qualidade de vida nas cidades.

Organizados em cooperativas, os catadores e catadoras foram reconhecidos pela Lei Nacional de Resíduos Sólidos brasileira como agentes da gestão do lixo, o que significa que a sua participação, tanto na coleta seletiva nas residências e empresas como na separação dos resíduos para reciclagem, deve ser priorizada pelos municípios.

Dentro de um modelo adequado à realidade social e econômica do país, os catadores e catadoras assumem um novo papel, como parceiros do governo, de empresas e da população, para uma nova maneira de lidar com os resíduos urbanos. Atualmente, existem em torno de 1 milhão de catadores e catadoras no Brasil, mas os cooperados representam uma pequena parte deste total, pois maioria tem trabalho autônomo, ainda dependente de intermediários para a venda dos materiais recicláveis.

Para que a lei seja cumprida, a atual produção das cooperativas precisará ser triplicada, e centrais para a triagem dos resíduos deverão ser criadas em muitos dos mais de cinco mil municípios brasileiros. O esforço já está sendo empreendido e requer poder de articulação no

sentido de se chegar a modelos inteligentes e eficientes, em parceria com o setor público e privado. Entre os desafios, é primordial a capacitação dos catadores e catadoras para o desempenho de suas novas funções, que exigem desde o conhecimento sobre os melhores métodos de separação e acondicionamento dos materiais até práticas para aumentar a eficiência da produção, reduzir custos e garantir a viabilidade econômica.

No rastro da nova lei, os catadores e catadoras profissionalizam-se, adquirem novo padrão de trabalho e expandem o seu raio de ação, com a consciência de que a sua atividade é um empreendimento que deve prezar a qualidade e a gestão. O objetivo é aumentar a escala da reciclagem com efeitos positivos para o meio ambiente e para a geração de renda em toda a rede de negócios que envolvem os resíduos das cidades.

3.2.3 As pessoas também são refugadas

Em meio às transformações produzidas pelo capitalismo ou, de forma mais precisa, pela globalização, as pessoas estão sendo deixadas de lado, vivendo em um processo de exclusão social e econômica. O processo de globalização trouxe à sociedade desemprego, fome, violência, manifestados por meio de uma perversidade sistêmica, pois está ligada ao capitalismo, onde os problemas sociais deixam de ser isolados e passam a ser generalizados - questões estas produzidas politicamente para atender ao interesse do capital.

A sociedade está inserida em um sistema cruel de exclusão social, onde as regras são ditadas pelo mercado, que cria riqueza para poucos, mas não elimina a pobreza e a fome de milhares de pessoas que sobrevivem à margem da sociedade. Como o espaço capitalista, segundo Moreira (1982, p. 54) é um “espaço de relações” “[...] comandadas pela lei do desenvolvimento desigual e combinado, vale dizer, pela lei da acumulação capitalista, evidentemente que num arranjo espacial econômico desse tipo teremos inevitáveis desigualdades”. E assim, vemos em nossa sociedade que nas desigualdades espaciais também ocorrem as desigualdades sociais, ditadas pelo capital, através da exploração do trabalho.

Como consequências indesejáveis desta uniformização do planeta, as reflexões de Santos (2013) também são pertinentes. A globalização imposta à sociedade, como uma fábrica de perversidades, apresenta-se através do desemprego crescente, do aumento da pobreza e da perda de qualidade de vida das classes médias, da redução dos salários, da fome e do desabrigo, que se generalizam em todos os continentes, do surgimento de novas enfermidades, do difícil acesso à educação de qualidade, do alastramento de males espirituais

e morais. Toda esta crueldade está relacionada com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos caracterizados nas ações hegemônicas, e todas estas mazelas estão, de forma direta ou indireta, ligadas ao presente processo de globalização.

Outro autor cujas posições são relevantes para o tema é o sociólogo Zygmunt Bauman. Em suas reflexões sobre as consequências da globalização, traz um quadro sombrio para os seres humanos que não conseguem acompanhar o progresso da modernidade, sendo banidos e tratados como *refugos humanos*, que são “seres humanos refugados, os ‘excessivos’ e ‘redundantes’, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar, é um produto inevitável da modernização e um acompanhante inseparável da modernidade” (BAUMAN, 2005, p. 12).

O autor acrescenta, ainda, que os “refugos humanos” são efeitos colaterais da *construção da ordem* que define as parcelas da população que são “indesejáveis”, “deslocadas” ou “inaptas”, bem como do *progresso econômico* que, ao se ampliar, degrada e desvaloriza os meios de “ganhar a vida”, privando as pessoas dos seus meios de subsistência.

A globalização é excludente, causa fome, morte, desemprego para os seres humanos, também produz sujeira e lixo humano, que são colocados longe dos centros urbanos, nas periferias, com o mínimo necessário para a sua sobrevivência. É neste cenário que surgem os catadores de lixo, que Bauman (Ibidem, p. 39) assim identifica: “os coletores de lixo são os heróis não decantados da modernidade. Dia após dia, eles reavivam a linha de fronteira entre normalidade e patologia, saúde e doença, desejável e repulsivo, aceito e rejeitado [...] o dentro e o fora do universo humano”. Existe, assim, uma divisa demarcando a diferença entre os seres humanos, entre o aceito e o rejeitado, entre o incluído e o excluído.

Carlos (2001) salienta que a universalização do capitalismo provocou uma hierarquização do espaço mundial, e a globalização, agindo cada vez mais em um número maior de lugares, provoca mudanças rigorosas na vida das pessoas, impondo novos padrões de comportamentos, novos valores, nova estética. As mercadorias e os objetos mudaram de sentido, e em vez de designarem coisas simples, a partir do universo das necessidades imediatas, criam cada vez mais mercadorias que são estratégicas e políticas. Diante da visão da autora, pode-se afirmar que, através das mudanças impostas na vida das pessoas, o consumismo torna-se crescente, bem como o desperdício, contribuindo também para o aumento do lixo.

Este aumento tem atraído populações de pessoas que se encontram em situação de exclusão social, ou seja, que não encontram espaços no mercado de trabalho para adquirirem

o seu sustento. Com isso, refugiam-se nos lixões, em busca da sobrevivência, transformando-se, na maioria das vezes, em refugos humanos. De acordo com Bauman:

As causas da exclusão podem ser diferentes, mas para aqueles situados na ponta receptora, os resultados parecem ser quase os mesmos. [...] enquanto se veem privados da autoconfiança e da autoestima necessárias para a sustentação da sobrevivência social, eles não têm motivo para contemplar e saborear as distinções sutis entre o sofrimento planejado e a miséria por descuido. [...] por uma sentença explícita ou por um veredicto implícito, mas nunca oficialmente publicado, tornaram-se supérfluos, imprestáveis, desnecessários e indesejados, e suas reações, inadequadas ou ausentes, transmitem a censura de uma profecia autorrealizadora. (BAUMAN, 2005, p. 54)

É neste cenário que se encontram os pobres do Brasil, do mundo, pois a pobreza atual é, na afirmação de Santos (2013), uma *pobreza estrutural globalizada*, produzida pelo capital, e fruto não somente do desemprego, como da remuneração de emprego cada vez pior, da ausência do poder público, de proteção social - “trata-se de uma pobreza pervasiva, generalizada, permanente, global. Alcançamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza [...] produzida pelos atores globais. [...] nesta fase, [...] os pobres não são nem incluídos nem marginais, eles são excluídos” (SANTOS, 2013, p. 72). São eles que sofrem com a falta de comida, de água, que necessitam de uma educação e de saúde de qualidade, enfim, de dignidade.

Neste quadro de exclusão, também se encontram grande parte dos catadores e catadoras de material reciclável existentes no Brasil e no mundo. De acordo com documento das Nações Unidas no Brasil (ONU BR), cerca de 15 milhões de pessoas em todo o mundo buscam a sobrevivência recuperando material reciclável no lixo. Destes, 4 milhões estão na América Latina, onde pelo menos (75%) trabalham de forma insalubre, em condições desumanas.

A tabela 1 apresenta a distribuição destes catadores e catadoras de material reciclável em nosso país.

Tabela 1- Situação social dos catadores e catadoras de material reciclável no Brasil

Categoria	Indicadores	Brasil	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte
Demografia	Total de catadores	387.910	58.928	161.417	116.528	29.359	21.678
	Média de idade	39,4	38,9	40,6	38,3	40,0	36,5
	Mulheres (%)	31,1	34,1	30,9	29,3	34,1	29,5
	Negros (%) (pretos/pardos)	66,1	41,6	63,0	78,5	71,3	82,0

Fonte: IPEA (2013). Adaptado por SILVA (2015)

Conforme se observa na tabela acima, o Brasil já possui aproximadamente 400 mil catadores, havendo uma concentração mais acentuada nas regiões Sudeste e Nordeste, e menor nas regiões Centro-Oeste e Norte. No item referente à idade média em que estes catadores começam na atividade de catação de material reciclável, de modo geral, para o país, é de 39,4 anos. Com relação ao gênero, têm-se homens em maior quantidade do que as mulheres em todas as regiões, revelando que mesmo com a presença da mulher em muitas atividades trabalhistas, nesta, ainda há a predominância masculina. Na categoria *raça*, são os negros e pardos os que mais trabalham em lixões e aterros.

O quadro atual que temos em nosso país, de geração de lixo e da existência de catadores, começou a se configurar na sociedade moderna industrial movida pela compulsão do consumo incessante, sem ter uma atenção adequada para com os resíduos produzidos, isso é refletido nas mais diversas partes do mundo e de forma especial nos países que estão na periferia da economia global. (STROH, 2009).

Diante desta realidade da crescente produção de lixo em toda parte habitada, surgiram e surgem pessoas que retiram para sua sobrevivência, aquilo que a sociedade descarta do seu crescente consumismo. Estes sujeitos normalmente residem em espaços geográficos caracterizados como áreas de exclusão social e como diria Santos (2009, p. 63) “espaço solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações”, executando tarefas altamente insalubres.

Os catadores e catadoras são os intermediários na cadeia produtiva que tornam possível recuperar parte dos recursos que podem ser reaproveitados e que estão disponíveis nos lixões das cidades brasileiras. Um intermediário importante, pois é através do seu trabalho que tem início o processo de reciclagem de lixo em nosso país e no mundo. Esses “agentes ecológicos” estão presentes em mais de (37%) das capitais brasileiras e em (68%) das cidades

com mais de 50 mil habitantes, sempre atentos nos lixões, procurando seu objeto de desejo “o lixo” (MAGERA, 2005).

Segundo Emílio Maciel Eigenheer, ao longo do século XX, no Brasil procurou-se introduzir novidades técnicas no tratamento de lixo, mas a coleta seletiva somente foi implantada em nosso país a partir de 1985 em Niterói (RJ), essa forma de coleta que pressupõe a separação na fonte dos materiais que se deseja tratar. Para Eigenheer os cronistas que estão do “outro lado” da geração de lixo e dejetos acumulados são pessoas excluídas socialmente (prisioneiros, estrangeiros, mendigos etc.) prevalecendo, atualmente, a prática segundo a qual os “socialmente inferiores” é que devem se encarregar desses serviços.

Mas esses trabalhadores deveriam possuir grande valor para a sociedade no tocante à redução, reaproveitamento e reutilização dos materiais que iriam para os lixões ou aterros, reduzindo de forma vantajosa esses resíduos. Neste sentido, Eigenheer nos alerta que os catadores que estão presentes há séculos nas cidades, buscam o reaproveitamento daquilo que é jogado fora, mas que ainda pode ter valor. A presença desses trabalhadores nos remonta aos anos de 1806 na Baía de Guanabara atual Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com o autor, no Brasil, é a partir de 1982 com uma preocupação social voltada para os marginalizados, em São Paulo procurou-se organizar os catadores e catadoras no sentido de lhes conceder maior dignidade profissional e melhorar seus rendimentos, tem início um trabalho junto a Organização de Auxílio Fraternal (OAF) que culminou com a formação, em 1989, da Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (COOPAMARE). Em 2001, durante o 1º Congresso Nacional dos Catadores e Catadoras realizado em Brasília, foi fundado o Movimento Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR) que tem como objetivo organizar esses trabalhadores, buscando a valorização da categoria de catador.

Já no âmbito do Governo Federal o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) é um órgão que regulamenta as formas de trabalho no Brasil. As relações trabalhistas são, portanto, normatizadas perante a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e teve sua primeira edição em 1982, alterada posteriormente em 1994 e novamente em 2002. A CBO é um documento que reconhece as diversas formas de ocupações do mercado de trabalho brasileiro, sendo que a última versão foi instituída pela Portaria 397 de 09 de outubro de 2002 e nesta, os catadores passaram a ser inseridos através do código principal 5192 e tem como título principal “Trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável” e são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, selecionar e vender material coletado e nas

subclassificações 5192-05, “Catador de material reciclável” que tem como função catar ferro velho, papel e papelão, sucata, vasilhame, e enfardador de sucata (cooperativa). 5192-10 “Selecionador de material reciclável” tem como função separar e fazer triagem de material reciclável e de sucata e a 5192-15 “Operador de prensa de material reciclável” e tem como função enfardar e prensar material de sucata (cooperativa). (MTE, 2015).

Percebe-se que algumas ações têm sido realizadas, como Fóruns¹², Congressos, Comitês¹³, bem como, a criação de novas legislações como a Lei 11.445/2007¹⁴, Lei 12.305/2010 que instituiu a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, Decreto 7.405/2010, que instituiu o Programa Pró-Catador¹⁵, entre outras, voltadas para a valorização do trabalho e inclusão dos catadores, mas ainda a muito que fazer, pois mesmo com todo esse aparato de eventos, cooperativas, associação e legislações, essa atividade ainda é carregada de preconceitos.

¹²Fórum Lixo & Cidadania, criado em 1998, por iniciativa da UNICEF, é um espaço de articulação de pessoas e instituições, visando o fortalecimento do trabalho dos catadores, da coleta seletiva, da reutilização e reciclagem, da erradicação dos lixões e de crianças trabalhando nos mesmos.

¹³Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis, instituído pelo Decreto 7.405/2010.

¹⁴Lei do Saneamento Básico. Segundo essa lei, as prefeituras podem contratar, com dispensa de licitação, as associações e cooperativas de catadores para atuarem na coleta seletiva da cidade.

¹⁵O Programa prevê ações nas áreas de capacitação, formação, assessoria técnica, empreendimentos sociais solidários, pesquisas e estudos sobre o ciclo de vida dos produtos, aquisição de equipamentos, máquinas e veículos, etc.

4 ESPACIALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA PRODUÇÃO DO LIXO EM ESPERANTINA (PI)

As cidades se distinguem também entre elas em função da valorização do capital produtivo. Em cada época histórica algumas localidades têm condições para revalorizar o seu capital produtivo em alguns ou em muitos ramos enquanto que outras aglomerações não o conseguem. O ritmo de crescimento é, por consequência, diferente para cada caso. (SANTOS, 1982, p. 161).

4.1 O município em seu contexto histórico-geográfico

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a carta que conferiu o nome de Sítio Boa Esperança ao português Miguel Carvalho e Silva data de 13 de julho de 1739. João Antônio dos Santos foi outro português possuidor da Fazenda Urubu, localizada nas proximidades do referido sítio, que deu nome à localidade de Retiro. Daí o nome Retiro da Boa Esperança, local que, por possuir um solo de qualidade, atraiu moradores dedicados à lavoura e à criação de ovelhas.

Sob a denominação de Retiro da Boa Esperança foi elevada à categoria de vila pela lei estadual nº 970, de 25/06/1920. Pelo decreto estadual nº 1279, de 26/06/1931 foi extinto o nome Retiro, ficando apenas vila da Boa Esperança, tendo seu território anexado ao município de Barras do Marataoan, em 1933. Pelo decreto estadual nº 754, de 30/12/1943, o município de Boa Esperança passou a denominar-se Esperantina.

Com relação à população, segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), é de 37.767, sendo 18.772 homens e 18.995 mulheres. A população residente de Esperantina (PI) está concentrada em maior parte na área urbana com 23.158 pessoas e na área rural com 14.609, tendência esta verificada na maioria das cidades brasileiras que vem sofrendo amplo alargamento demográfico e expansão dos seus limites urbanos. Em 2015, a população estimada é de 38.874.

A vegetação está representada por duas principais fitofisionomias: ao norte, a floresta estacional semidecídua, com babaçu; na porção centro-sul, ocorrem tipos de vegetação características de área de transição, com interpenetração de elementos do cerrado, da caatinga e da floresta decidual secundária mista. Atividades agropastoris e de extrativismo contribuíram para alterar a cobertura original.

O relevo de Esperantina não possui altitudes de destaque, seu território modelado, predominantemente em rochas sedimentares cretáceas (formação Itapecuru), com áreas de sedimentos devonianos (formação Longá) e terciários (formação Barreiras), possui também

pequenas ocorrências de rochas basálticas, apresentando relevo dissecado em formas tabulares, com topografia plana e suavemente ondulada, cedendo lugar a sudoeste, a um relevo de tabuleiros delimitados por pequenas escarpas. As cotas altimétricas oscilam de algumas dezenas de 100 metros e as principais elevações são os morros do Alfaiate, Marajá dos Pereiras e Carnaubinha. Na sede municipal destacam-se os morros da Onça e Chapadinha. (CASTRO, 1999, p. 14).

Sobre os solos, de acordo com Castro (1999, p. 17), predominam solos formados pela mistura de partículas finas e concreções, medianamente profundos, bem drenados, porosos, ácidos e de baixa fertilidade natural (solos concrecionários lateríticos). A leste, a eles associados encontram-se solos bem desenvolvidos, medianamente profundos a profundos, moderadamente a bem drenados, porosos, ácidos e de baixa fertilidade natural (podzólico vermelho-amarelo); e solos profundos, geralmente argilosos, bem drenados, suscetíveis à erosão, ácidos e de boa fertilidade natural (terra roxa). A oeste também associados aos concrecionários lateríticos, ocorrem solos profundos a muito profundos, bem drenados a acentuadamente drenados, normalmente pouco erodíveis, bastante porosos, ácidos e de baixa fertilidade natural (latossolo vermelho-amarelo); solos pouco desenvolvidos, geralmente profundos, arenosos, bem drenados e também ácidos e de baixa fertilidade natural (areias quartzozas).

A rede hidrográfica pertence à bacia do Parnaíba, sendo constituída pelo rio Longá, em cuja margem esquerda está a sede municipal e por seus afluentes, dentre os quais, os riachos Mocambo, Carnaúba, Angico Branco, das Queimadas, Cacimbinha e Descanso. Está inserida na área de clima tropical megatérmico, subúmido, com os totais pluviométricos anuais predominantes, embora bastante variáveis ao longo dos anos e sazonalmente mal distribuídos, geralmente, elevados, em torno de 1.400 mm. O regime pluviométrico caracteriza-se pela repartição das chuvas em duas estações bem distintas: uma chuvosa e outra muito seca.

A estação das chuvas inicia-se, normalmente, em dezembro, prolongando-se até maio. De junho a novembro, constitui-se em período muito seco, chovendo, geralmente, apenas cerca de (8%) do total anual. As temperaturas são frequentemente altas durante todo o ano, com média anual em torno de 27,5° C, e médias mensais acima de 26° C, em qualquer mês. O município conta com o rio Longá de grande importância na agricultura, pecuária e principalmente no fornecimento de água para a população através da empresa Águas e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA) sendo perene o ano inteiro. No curso de seu leito a

aproximadamente 15 quilômetros forma a Cachoeira do Urubú “onde a queda d’água deixa todos os viventes pasmados com tanta beleza e tanto encantamento. [...] o Longá oferece aos olhares pasmados [...] um espetáculo belíssimo, gigantesco, mavioso e ensurdecedor” (FORTES, 2014, p. 105;106). Esse espetáculo grandioso pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Fotografia do Parque Ecológico Cachoeira do Urubú



Fonte: SILVA (2015).

Com rara beleza paisagística o Parque Ecológico Cachoeira do Urubú é um ponto turístico do município que atrai centenas de pessoas interessadas em apreciar os imensos blocos de rochas esculpidos pela água do rio Longá, até mesmo em épocas de estiagem quando as rochas são descortinadas exibindo apenas filetes de água.

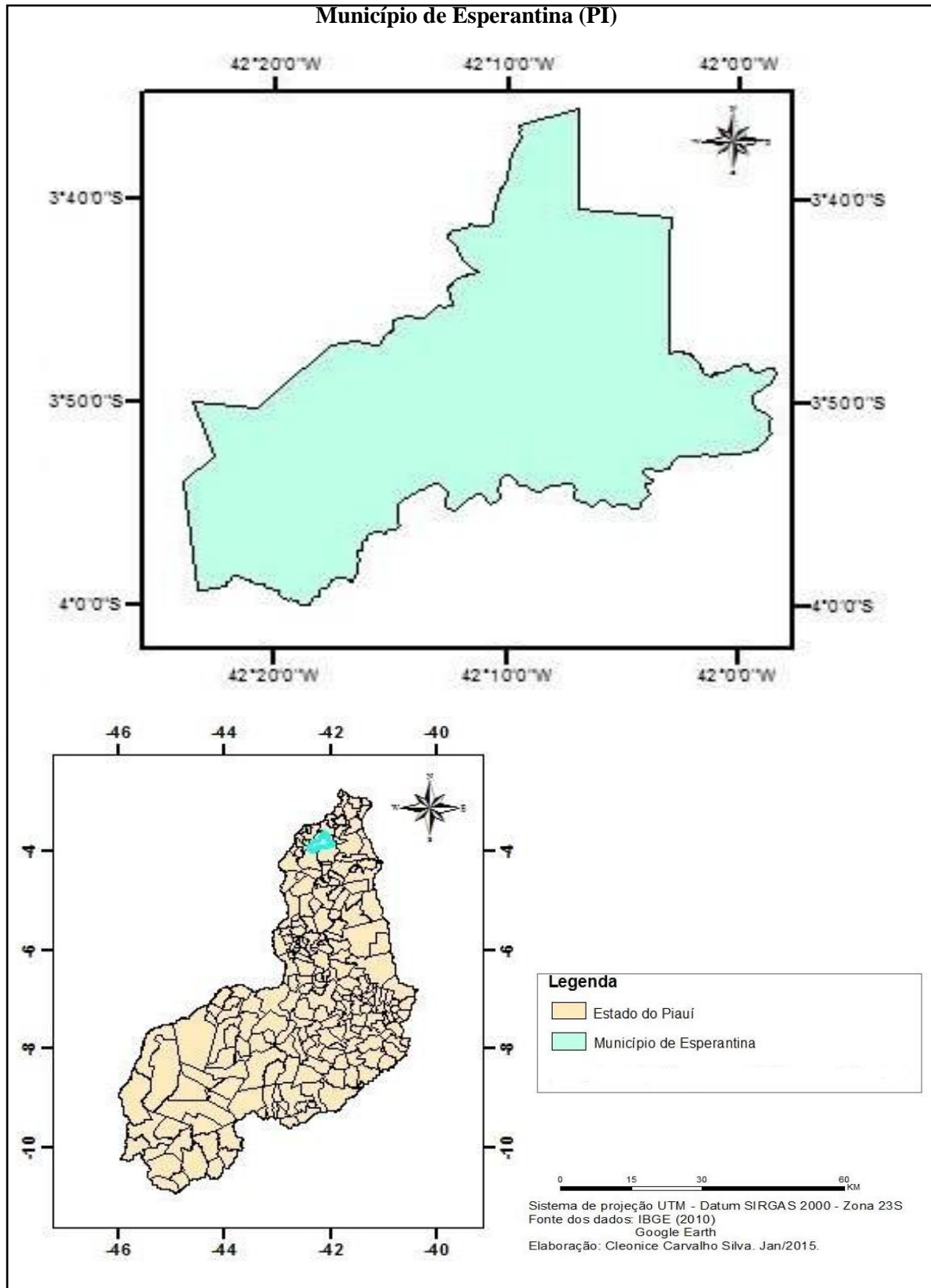
Na economia municipal, entre as diversas atividades executadas ali, há predominância, do comércio, da agricultura permanente, com a produção de banana (197 toneladas), castanha de caju (74 toneladas), laranja (120 toneladas) e manga (150 toneladas); na agricultura temporária, a cultura do arroz (1.988 toneladas), fava (1 tonelada), feijão (89 toneladas), mandioca (200 toneladas), melancia (75 toneladas) e milho (1.368 toneladas) de acordo com a produção agrícola municipal do IBGE (2014); do extrativismo vegetal com intercâmbio comercial, na cera de carnaúba (312 toneladas), amêndoa do babaçu (205 toneladas) e amêndoa do tucum (4 toneladas) conforme dados da extração vegetal do IBGE (2014). Na pecuária, com a criação de bovinos (11.355 cabeças), caprinos (18.636 cabeças), suínos (12.482 cabeças) e ovinos (3.865 cabeças), bem como, possui destaque na aquicultura na criação de curimatá (7.370 kg), piaú, piapara (31.940 kg), pintado, surubim (9.820 kg), tambaqui (393.120 kg) e tilápia (49.140 kg), IBGE (2014). Comparado com os demais municípios piauienses Esperantina só tem produção inferior ao município de Nazária

(409.500 kg), mesmo assim, lhe foi concedido pela Prefeitura Municipal o título “A Terra do Peixe” com direito a festividades realizadas em julho de 2015.

O município de Esperantina, de acordo com o Planejamento Participativo Territorial, consolidado pela Lei Complementar nº 87, de 22 de agosto de 2007, integra os 11 territórios de desenvolvimento, fazendo parte do Território dos Cocais. Estes territórios são unidades de planejamento do governo estadual, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável do Estado do Piauí, a redução das desigualdades e a melhoria da qualidade de vida da população.

Situado na mesorregião do norte piauiense e na microrregião do Baixo Parnaíba Piauiense, Esperantina possui área de 911,215 km² e limita-se ao norte pelos municípios de Luzilândia e Joaquim Pires; ao sul, pelos municípios de Barras e Batalha; a leste, por Batalha; e a oeste, pelos municípios de Luzilândia, Matias Olímpio e Porto. A sede municipal tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 3°54'08” de latitude sul, em sua interseção com o meridiano de 42°14'02” de longitude oeste, conforme Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Mapa de localização de Esperantina (PI)



4.2 O sistema de coleta de lixo da cidade de Esperantina (PI)

A produção de lixo é intrínseca ao capitalismo industrial, ou seja, quanto maior a produção, maior será o consumo, sendo que “a estrutura mundializada da sociedade de consumo é hegemonicamente governada pelo ritmo de produção dos bens ditado em nome da sociedade da abundância” (STROH, 2009). Em nome do consumo observa-se que as cidades passaram a produzir mais lixo, tornando assim uma realidade presente nas mais diversas cidades brasileiras. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB, 2008) os lixões tem se constituído o destino final dos resíduos sólidos na maioria das cidades brasileiras, revelando que em 1989, (88,2%) desses resíduos eram depositados em vazadouros a céu aberto (lixões). Em 2008, (50,8%) apresentando com o decorrer das décadas uma evolução, que precisa ser melhorada.

Em Esperantina (PI) a situação não é diferente, com o fenômeno dos deslocamentos campo-cidade a partir dos anos de 1960 e 1970, o aumento da população traz consigo iminentemente o da produção de resíduos. Mas é na década de 1990 que passa a serem enfocadas as relações de trabalho através das novas relações contratuais, gerando processos de exclusão social e vulnerabilidade dos pobres frente ao desemprego. Diante deste cenário surgem os catadores e catadoras que passam a engrenar e se tornarem visíveis na vida urbana como atores das cidades brasileiras. (SOUZA, 2011. p. 65-66).

Nesse contexto, também surgiu em Esperantina (PI), na década de 1990 um aumento significativo da produção de resíduos sólidos, sendo necessária a utilização de um espaço de deposição, já que os quintais das residências onde antes eram queimados ou enterrados esses resíduos, já não eram suficientes. Assim, a Prefeitura Municipal de Esperantina (PME) iniciou o trabalho de coleta de lixo no ano de 1992. Este era depositado a céu aberto, no bairro Santa Luzia, espaço utilizado por mais de nove anos e abandonado em seguida, em virtude de denúncias da população por conta da proximidade do lixão com as residências, o que provocava mau cheiro, atraindo animais, insetos e porque a cidade, por apresentar crescimento populacional, necessitava possuir um aterro sanitário¹⁶. Posteriormente, este espaço foi desativado, sendo realizado um serviço de cobertura e terraplanagem (SILVA, 2011, p 375).

¹⁶ O projeto do aterro sanitário foi feito, mas na prática, não funcionou. Para visualizar o projeto, ver Silva (2011).

Atualmente, para a realização do serviço de coleta de lixo da cidade, existe uma empresa, a *Coleta Gestão Urbana*, que foi criada em 2005 e presta serviços em 16 prefeituras piauienses, tendo sido contratada pela Prefeitura de Esperantina em 8 de janeiro de 2013. Anteriormente, este trabalho era feito pela Secretaria de Obras da Prefeitura. Desde então, a referida empresa vem atuando no ramo de coleta de lixo, trabalhando com nove carros, sendo seis para a coleta do lixo das residências, dois para a coleta de podas de árvores e serviços de capinagem, e um para a coleta do lixo hospitalar e do matadouro da cidade. Os veículos utilizados são: duas caçambas, duas Mercedes e cinco caminhões três quartos, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Fotografia de caminhões posicionados para o início da coleta de lixo



Fonte: SILVA (2014).

O trabalho de coleta de lixo está organizado da seguinte forma: cada carro trabalha por setor - quando um deles termina de fazer o destinado, já terá concluído a sua diária. Como exemplo de um setor, temos o conjunto Palestina, Novo Milênio, Canto da Velha, Fazendinha e Bernardo Rêgo. Cada carro faz uma viagem pela manhã e outra à tarde, e todos os bairros da cidade são cobertos pelo serviço de coleta, inclusive os mais afastados, como Batista de Amorim, Santa Luzia, Bezerrão e Pedreira, contemplados diariamente.

A empresa possui 86 funcionários. No entanto, coletando lixo são apenas 29, pois os demais trabalham em serviços de podas de árvores e capinagem. Segundo a empresa, todos os funcionários possuem carteira assinada, recebem um salário mínimo, e quem trabalha na coleta de lixo ganha insalubridade e atua de segunda-feira a sexta-feira, de 7h às 11h e de 13h

às 17h, e no sábado, de 7h às 11h, em um regime de 44 horas semanais. São todos trabalhadores da cidade e nem todos trabalham com equipamentos de proteção, como bota, luvas e máscaras, apesar de a empresa fornecê-los.

Segundo o senhor Geraldo Resende de Machado, administrador da Empresa Coleta Gestão Urbana, os caminhões recolhem, diariamente, 40.000 kg de lixo, aproximadamente. Com relação ao tipo de lixo coletado, o que está presente em maior quantidade é o doméstico, com grande presença de plásticos, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Fotografia da presença de plásticos no lixo coletado



Fonte: SILVA (2014).

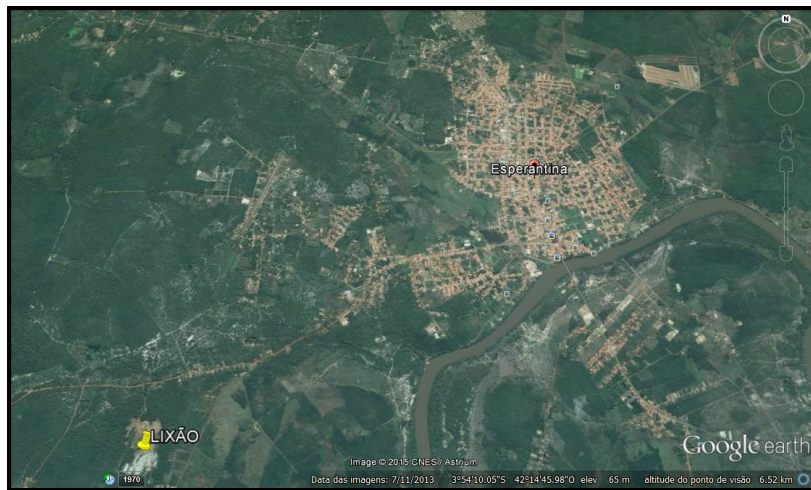
Esta realidade da presença intensa de materiais descartáveis como garrafas PET's advém da presença crescente de supermercados com seus produtos industrializados adentrando na maioria das cidades brasileiras. Como podemos verificar em documento da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB, 2000), do Rio de Janeiro, verifica-se que a grande presença de matéria inorgânica se deve, entre outros fatores, ao fato de que, geralmente, quanto menos recursos têm uma sociedade, maior será a manipulação de alimentos em suas residências e, com isso, geram-se mais resíduos orgânicos. Já o inverso, quanto maior o poder aquisitivo, mais elevado é o consumo de produtos prontos e semiprontos, gerando resíduos inorgânicos e maior quantidade de embalagens. Em Esperantina (PI) a incidência da pobreza, segundo Mapa da Pobreza e Desigualdade dos Municípios Brasileiros (IBGE, 2003) é relativamente alta com um índice de (57,47%), fato

este que não impede a produção pela população de aproximadamente 40 mil quilos diários de resíduos.

4.3 O espaço denominado “Furna da Onça”

O espaço do lixão¹⁷ municipal, onde é depositado o lixo que é coletado na cidade de Esperantina, fica situado no povoado Furna da Onça, zona rural, próximo aos povoados Junco e Murici, e fica a uma distância de aproximadamente 6 km da sede da empresa coletora de lixo, próximo à prefeitura da cidade, na porção oeste do município, conforme indicado na Figura 5, a seguir.

Figura 5 – Imagem de satélite da visão aérea do lixão de Esperantina (PI)

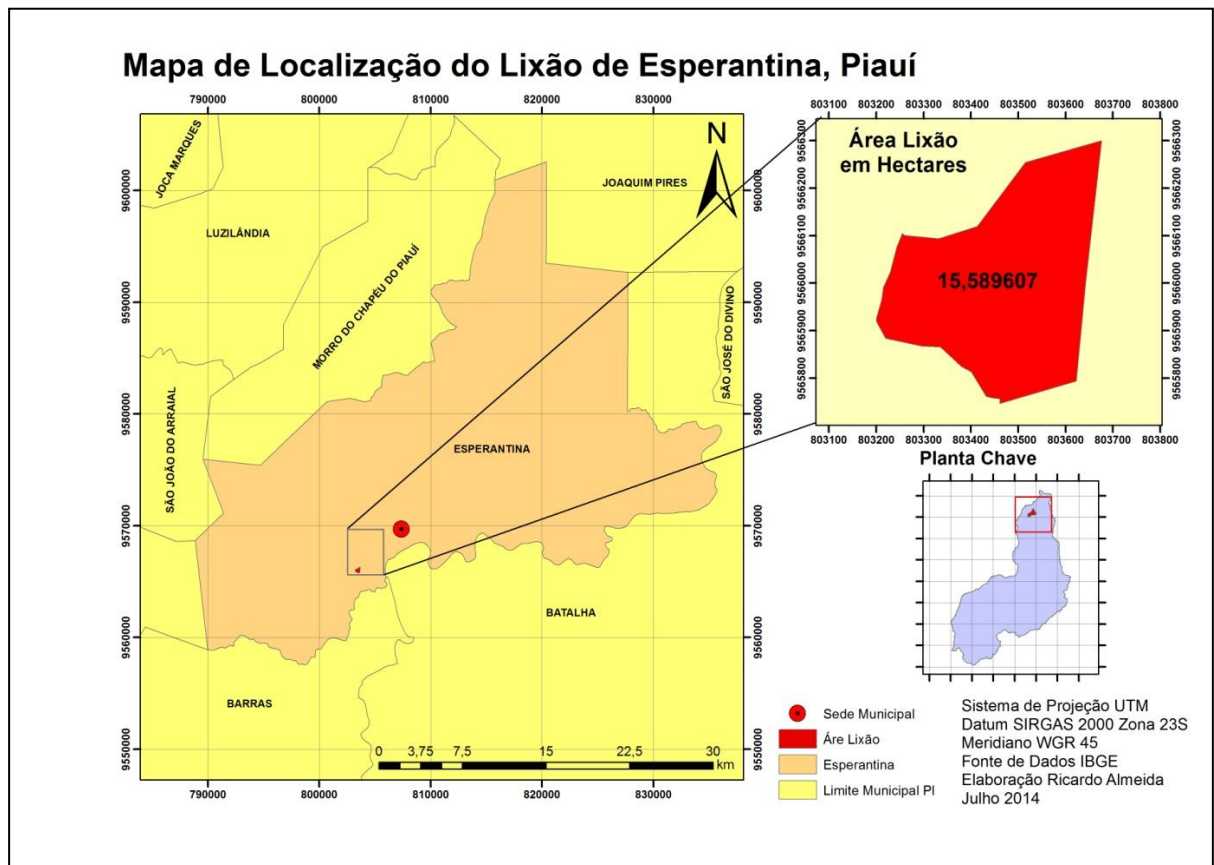


Fonte: Google Earth (Junho/2014).

Para chegar à Furna da Onça, após sair do perímetro urbano, percorrem-se poucos quilômetros em uma estrada vicinal, que não dispõe de asfaltamento nem calçamento, com bastante poeira no período não chuvoso. O terreno é parcialmente rochoso, o que dificulta a ação de tratores no ato da abertura de trincheiras ou valas para deposição de lixo, quando este se encontra acumulado em excesso.

Vale ressaltar que o espaço destinado à deposição do lixo é utilizado pela Prefeitura desde 2002, e possui uma área de 30 hectares, sendo 15,58 efetivamente dispostos para o recebimento do lixo, conforme mostra a Figura 6. A área restante possui vegetação, com o objetivo de minimizar os efeitos do odor provocado pelo material em decomposição.

¹⁷ Conforme Santaella (2014), lixão “é uma forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos que se caracteriza pela simples descarga destes sobre o solo, sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública.”

Figura 6 – Mapa de localização do lixão de Esperantina (PI)¹⁸

Fonte: Almeida (2014).

O espaço destinado à deposição do lixo é todo cercado com arame farpado, para evitar a presença de animais, crianças ou outras pessoas não autorizadas. Possui um poço tubular em suas imediações, que é utilizado por alguns moradores para a retirada de água; outros recolhem a água de outro poço tubular, localizado no povoado Murici, pois o de Furna da Onça não possui bomba, dificultando o acesso a este recurso.

Não há energia elétrica, motivo pelo qual fica difícil a permanência de qualquer pessoa depois das 17h. Os demais povoados do entorno possuem energia elétrica e alguns contam com poço tubular, única forma de aquisição de água, pois os serviços da empresa Águas e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA) não chegam a estes povoados.

Este espaço de deposição do lixo é desprovido de qualquer item que possa indicar uma pequena situação de conforto para quem se dirigir ao local. Não possui galpão para recebimento de materiais que possam ser reciclados - estes são separados e colocados dentro de grandes sacos para posterior venda.

¹⁸Este mapa foi produzido no Curso semanal de ArcGis, do qual a pesquisadora participou, ministrado em jan./2014 por Ricardo Almeida, feito especialmente para esta pesquisa.

O espaço conhecido como Furna da Onça, onde fica localizado o lixão, possui algumas casas em seu entorno, como as dos próprios catadores e catadoras. Há uma pequena casa de palha, localizada logo após o portão de entrada dos carros, onde fica o vigia do lixão, conforme se verifica na Figura 7. Este funcionário é responsável pela segurança do local.

Figura 7 – Fotografia do acesso ao lixão



Fonte: SILVA (2014).

Os carros, após adentrarem este espaço, jogam o lixo de forma aleatória, não existindo um cronograma de deposição em conformidade com o espaço, como se pode observar pela Figura 8. No local, são abertas valetas e o lixo é jogado dentro das mesmas. Quando estas ficam cheias, um trator de esteira vai para o local, cobrindo-as com o mesmo material retirado quando as valetas são abertas.

Figura 8 – Fotografia dos carros descarregando o lixo



Fonte: SILVA (2015).

O lixo hospitalar e o do matadouro da cidade também são coletados pela mesma empresa, por duas caçambas que possuem carrocerias abertas em cima, mas fechadas nas laterais, para evitar o derramamento de material, que pode ser danoso para a saúde das pessoas e do meio ambiente.

Segundo informações prestadas pelo administrador, o lixo proveniente do hospital municipal da cidade e do matadouro é coletado diariamente, exceto no domingo, quando é jogado em local separado e coberto com material argiloso. No entanto, em visita ao local, evidencia-se que a realidade é outra: materiais, como medicamentos vencidos, seringas, luvas hospitalares, restos de animais e penas de aves, estão a céu aberto, comprometendo a saúde das pessoas que ali trabalham como nos mostram as Figuras 9,10 e 11.

Figura 9 – Fotografia de remédios jogados no lixão



Fonte: SILVA (2014).

Figura 10 – Fotografia de seringas expostas no lixão



Fonte: SILVA (2014).

Figura 11 – Fotografia de restos de animais e penas de aves expostos no lixão



Fonte: SILVA (2015).

Nesse espaço, próximo aos catadores e catadoras é disposto os resíduos provenientes do matadouro da cidade, bem como, em sacolas plásticas, alguns resíduos dos serviços de saúde, como seringas, luvas, entre outros, que deveriam ter outro tratamento, em função da capacidade que possuem de infectar e contaminar tanto o meio ambiente como a saúde humana, uma vez que compreendem dentre outros resíduos, os patogênicos, como vírus, bactérias, fungos, etc. Devido ao potencial infeccioso e poluente contra a saúde humana e o meio ambiente, os resíduos dos serviços de saúde exigem atenção especial e técnicas corretas de manejo e gerenciamento. Ainda se encontram depositados no lixão os resíduos, na verdade, os rejeitos¹⁹, oriundos de fossas residenciais da sociedade esperantinense, esses são simplesmente disponibilizados sem nenhum cuidado em uma escavação linear que se encontra parcialmente preenchido pelo lixo carregado pela chuva e vento, conforme se vê na Figura 12.

¹⁹Resíduos que não são passíveis de reaproveitamento.

Figura12 – Fotografia de rejeitos provenientes de fossas



Fonte: SILVA (2015).

Portanto, o lixo que a população produz é coletado por uma empresa e disposto em lixão a céu aberto, sem qualquer preocupação com as pessoas que próximo dali vivem e trabalham, tampouco com o meio ambiente. A população descarta aquilo que não lhe serve mais, sem se preocupar com a destinação final deste material.

Como afirmou Bauman (2005, p. 38), “removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles. Eles só nos preocupam quando as defesas elementares da rotina se rompem, e as precauções falham [...]”. Assim, a população descarta o seu lixo sem nenhuma preocupação com sua destinação, sobre os malefícios que pode causar a partir de uma deposição inadequada, delegando ao poder público a responsabilidade por seu recolhimento sem nenhuma fiscalização. O lixo se torna invisível aos olhos das pessoas quando sai das suas residências.

O espaço do lixão é utilizado desde o ano de 2002, no segundo mandato do prefeito da época, portanto, são 13 anos de uso. Anterior a esta data, os resíduos urbanos eram depositados no bairro Santa Luzia, no perímetro urbano de Esperantina. Trata-se de uma problemática que se arrasta desde a década de 1990, e o problema coloca-se com muito mais intensidade, porque além da questão da destinação final do lixo, há também a demanda de áreas disponíveis para esta finalidade. Percebe-se, mais uma vez, que a discussão sobre a destinação do lixo, a criação de aterros e a adoção de novas medidas, faz-se necessária.

A Lei Nacional dos Resíduos Sólidos precisa ser observada, principalmente por conta do novo desenrolar da realidade de catadores e catadoras, cada vez mais presentes nos lixões e nas ruas das cidades brasileiras, das múltiplas relações e mediações que englobam a vida

cotidiana de mulheres, homens, crianças, adolescentes e idosos que trabalham de maneira precária para sobreviverem. O mundo do trabalho tem presenciado um processo crescente de exclusão dos jovens e de trabalhadores considerados mais “velhos” pelo sistema capitalista, fazendo com que os primeiros, muitas vezes, façam parte de movimentos neonazistas ou fiquem sem perspectivas diante da sociedade do desemprego e os que possuem mais de 40 anos, uma vez excluídos do trabalho dificilmente conseguem se requalificar para voltar ao trabalho, ampliando assim os contingentes do trabalho informal, além de aumentar o exército industrial de reserva. (ANTUNES, 2009).

Os catadores e catadoras de material reciclável atuam há décadas, sem nenhum respaldo legal e fazem parte de um contingente social da miséria e da exclusão social, com índices alarmantes de subnutrição, baixa escolaridade, problemas de saúde e falta de higiene, baixa renda, inexistência de serviços, de oportunidades e de exercerem o direito à cidadania. (STROH, 2009).

Esta realidade também se faz presente no município de Esperantina (PI), onde alguns catadores e catadoras fazem do lixo o seu meio de sobrevivência. São homens e mulheres que estão fora do mercado de trabalho e das relações de emprego assalariado e passaram a desenvolver atividades informais. Esses atores sociais na maioria das vezes não se veem como desempregados, mas como pessoas que estão desenvolvendo um trabalho dotado de um sentido social.

5 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE CATAÇÃO DE MATERIAL RECICLÁVEL EM FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI)

Se o homem, por meio de seu trabalho – na qualidade de produtor, residente, ocupante ou, ainda, participante ocasional de uma atividade permanente –, não transmite vida à coisa (esta vida da qual apenas ele é o detentor), o objeto permanecerá sempre técnico e não econômico. Se as forças naturais só se tornam produtivas por meio do trabalho humano, o mesmo ocorre com as forças materiais sociais, criadas pelo homem através do processo de produção, presente ou passada (SANTOS, 2012a, p. 83).

5.1 Catadores e catadoras do aterro controlado, em Teresina (PI)

A pesquisa de campo teve início com o pré-teste, aplicado em março (2014), no aterro controlado de Teresina. Comumente chamado de aterro sanitário pela população e às vezes até mesmo na mídia, na verdade, trata-se de um aterro controlado, pois segundo Magera, um aterro sanitário é definido como:

Forma de disposição final de resíduos sólidos urbanos no solo, mediante confinamento em camadas cobertas com material inerte, geralmente solo, e possui uma camada impermeabilizante na parte de baixo, ficando, assim, o lixo embalado. Possui também, saída para a estação de tratamento do chorume e dreno de gás e das águas da superfície. (MAGERA, 2005, p. 38).

Em Teresina (PI), o aterro não dispõe de toda esta engenharia, portanto, é um aterro controlado, no qual foi realizado o pré-teste, um procedimento investigativo utilizado em muitas pesquisas, a fim de realizar uma previsão do que se vai encontrar no momento da aplicação definitiva. Ele testa os instrumentos para averiguar se estão adequados ou não, ajuda no aprofundamento de alguns temas, testa a própria metodologia e verifica novas abordagens.

Esta etapa é um contato inicial com o objeto e os sujeitos da pesquisa, e serve como modelo para posteriores adaptações. Nela, deve ser pesquisado o mínimo de (10%) do total de sujeitos da pesquisa posterior. O grupo de sujeitos deve ser o mesmo da pesquisa, no entanto, os que participarem do pré-teste não poderão fazer parte da pesquisa final.

Nesta pesquisa, em Furna da Onça, Esperantina (PI), como o grupo de sujeitos catadores e catadoras de material reciclável totalizava 15 pessoas, número insuficiente para a aplicação do pré-teste e realização da pesquisa, foi necessária a escolha de outro espaço

geográfico que abrigasse grupo semelhante de sujeitos, ou seja, catadores e catadoras de material reciclável²⁰.

Por isso, fez-se a opção pelo aterro controlado de Teresina, essa escolha não aconteceu de forma aleatória, mas pela ausência de sujeitos envolvidos no processo de catação de resíduos sólidos, aqui considerados o lixo seco inorgânico, passível de reciclagem, em outras cidades do Estado do Piauí. Acabamos por aplicar nossa metodologia com 14 sujeitos, quase a integralidade da pesquisa de fato.

Neste espaço, foi aplicado um questionário socioeconômico de 28 questões e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), técnica esta adotada por diversos autores, inclusive Laurence Bardin, que serve para identificar parte do processo de identificação das representações sociais dos agentes envolvidos em determinada atividade.

As cidades pesquisadas pela autora sobre a existência de catadores e catadoras de lixo foram: Esperantina, Batalha, Barras, José de Freitas, Campo Maior, Altos, União, Rio Grande do Piauí, Floriano, Parnaíba, Teresina e Timon, no Maranhão. Das cidades citadas, apenas Esperantina, Parnaíba e Teresina possuem um grupo de catadores e catadoras trabalhando no depósito municipal de lixo. Portanto, a nossa capital tornou-se a opção mais viável, apesar de ter um perfil bem diferente de Esperantina, cidade objeto de estudo da pesquisadora, mas apresenta semelhanças no que tange aos catadores e catadoras.

Optamos por analisar, no questionário socioeconômico, dados pessoais, características do domicílio e dados econômicos individuais e familiares dos catadores e catadoras, e tomamos como referência o salário mínimo de R\$ 724,00, em vigor a partir de 1 janeiro de 2014, através do decreto presidencial nº 8.166/2013, de 23 de dezembro de 2013.

A proposta inicial seria realizar o questionário socioeconômico e o TALP com os catadores e catadoras dentro do aterro de Teresina, mas em contato com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEMDUH) nos foi sugerido o contato com os catadores e catadores que trabalham na entrada do aterro que estavam em processo de organização de cooperativa e que contavam com o apoio e orientação da Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Social (SEMTCAS). Assim, seguindo orientação da referida Secretaria, foram estes os sujeitos que fizeram parte da pesquisa inicial, ou seja, do pré-teste.

²⁰Em nossa pesquisa, os termos *lixo* e *material reciclável* serão utilizados por conta da duplicidade de significados. Enquanto para a população, este material é considerado *lixo*, para os trabalhadores, é material reciclável, considerado dinheiro, renda.

O aterro de Teresina fica localizado no Km 7 da BR 316, na zona sul desta capital. Para facilitar o acesso a este espaço, foi feito contato com um representante da Associação de Moradores da Vila São Francisco e Parque Dagmar Mazza, que tivesse acesso a estes catadores e catadoras, a fim de facilitar a ligação aos mesmos. Isto feito, fomos ao aterro, onde devidamente apresentados, bem como o objetivo da pesquisa, teve início a aplicação do questionário socioeconômico e do TALP. Inicialmente, os referidos trabalhadores mostraram-se um pouco arredios, mas logo depois se tornaram acessíveis.

O questionário socioeconômico foi aplicado de forma individual e isoladamente, e a autora anotou todas as respostas dos questionários, tendo em vista a dificuldade de os sujeitos responderem aos mesmos, já que o grau de escolarização deles é baixo, e há dificuldade em manusear papel e caneta, pois estão com as mãos sujas do trabalho realizado com o lixo.

Assim, foram entrevistados 14 sujeitos para o pré-teste, os quais deveriam obedecer a alguns critérios, a saber: idade igual ou superior a 18 anos, total grau de lucidez, que estivesse com disposição para responder às perguntas, e que se encontrasse no local onde é realizado o processo de seleção de material a ser reciclado, que acontece na entrada do aterro sanitário.

Próximo ao espaço onde realizam a atividade de catação de material reciclável existe um galpão que, segundo informações dos catadores e catadoras, foi construído pela Prefeitura de Teresina, para que os mesmos realizassem o seu trabalho. O galpão foi devidamente equipado com maquinários necessários para a execução do trabalho, no entanto, nunca entrou em atividade, ou seja, não fizeram uso deste espaço, por falta de ligação da rede elétrica aos equipamentos.

Estes catadores e catadoras recebem o lixo que vem do aterro previamente selecionado em grandes sacos. No espaço onde ficam organizados, fazem uma seleção criteriosa, retirando apenas o que poderá ser, de fato, reciclado, como: plástico, alumínio, ferro, cobre e papelão.

5.1.1 Perfil socioeconômico

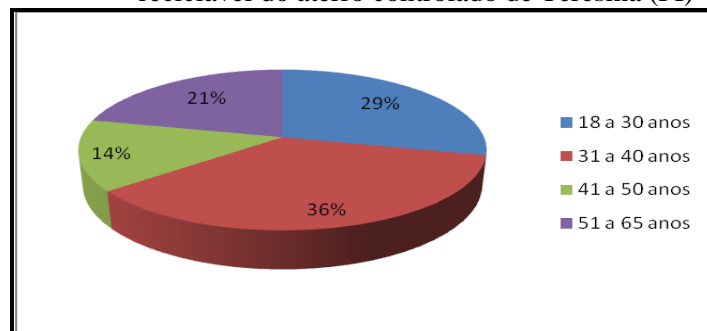
Durante o encaminhamento da pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas, principalmente no que se referem às informações dadas pelos catadores e catadoras, que são pessoas humildes e de poucas palavras, que têm dificuldade de responder a algumas questões, tanto pelo tempo, já que trabalham o tempo todo, parando apenas para fazer algum lanche, como pelo baixo grau de instrução da grande maioria. O questionário socioeconômico foi dividido em três partes: dados individuais, características do domicílio, dados econômicos,

individuais e familiares. Os dados coletados foram sintetizados e apresentados sob a forma de gráficos.

Na caracterização dos catadores e catadoras do aterro sanitário de Teresina, dos 14 entrevistados, constam nove mulheres e cinco homens, perfazendo um total de (64,2%) e (35,7%), respectivamente, revelando uma inserção maior de mulheres na atividade de catação. No que se refere ao estado civil dos entrevistados, (71,4%) estão solteiros. Mesmo vindos de relações conjugais anteriores, alguns moram sozinhos, outros, com filhos ou, ainda, com o(a) companheiro(a), mas o fato de morarem ou não acompanhados não lhes tira a responsabilidade principal do sustento da família.

Quanto à faixa etária, os dados mostram uma problemática social relevante: todos os trabalhadores estão em fase potencialmente ativa²¹, podendo desenvolver outras atividades laborais, com melhores perspectivas de vida, e não deveriam, portanto, estar submetidos a um trabalho tão desgastante e comprometedor para a sua saúde. Ou mesmo trabalhando nesta atividade, poderiam ter políticas públicas que atendessem às suas necessidades principais, quais sejam: um espaço digno para exercerem suas atividades, educação, um atendimento médico local, afinal estão em contato direto com material que pode trazer danos à sua saúde. Mas nessa faixa etária estão vivendo uma vida de miséria, como observou Santos (2013, p. 132) “eles descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, enfrentam e buscam remédio para suas dificuldades”. É dessa forma, que encontram no trabalho com o lixo, um meio para sua sobrevivência. A faixa etária de 31 a 40 anos representa a maior quantidade de catadores (36%) inseridos nessa atividade, no entanto, a faixa etária de 18 anos a 30, também possui uma quantidade significativa (29%) indicando que estão nesta atividade, provavelmente, por estarem fora do mercado de trabalho, conforme podemos observar o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Faixa etária dos catadores e catadoras de material reciclável do aterro controlado de Teresina (PI)

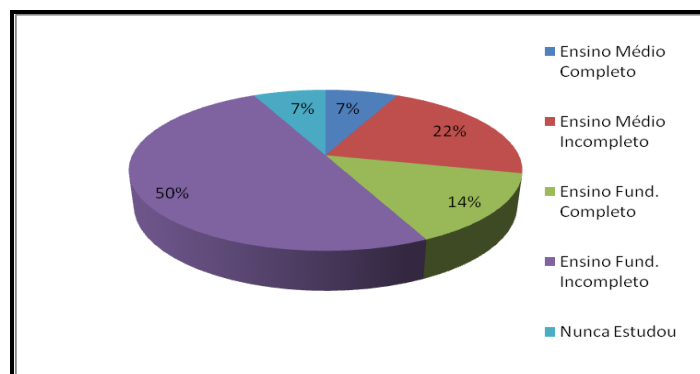


Fonte: Elaboração da autora (2014).

²¹Segundo o IBGE, população potencialmente ativa, ou seja, aquela com idade compreendida entre 15 e 64 anos.

Em relação ao grau de instrução dos catadores e catadoras de material reciclável, somente um deles concluiu o ensino médio; os demais possuem baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto ou completo, deixando evidente a sua exclusão do processo de educação, direito este que deveria ser garantido, de acordo com a Carta Magna²² do nosso país. A baixa escolaridade é fato também presente em outras realidades, como na pesquisa de Magera (2005, p. 175) com catadores de Cooperativas no Estado de São Paulo “o fato de os cooperativados não possuírem estudo ou serem analfabetos realmente dificulta seu envolvimento nas questões administrativas das cooperativas [...]”. Esse fato traz à tona a importância da educação na vida do ser humano, como forma de fazer suas escolhas na vida profissional. E o autor continua “a formação educacional é importante para o entendimento das relações sociais e de trabalho [...]” Magera (2005, p.176). De acordo com a Gráfico 3 podemos verificar a baixa escolaridade, onde (50%) dos catadores e catadoras possuem apenas o ensino fundamental incompleto e (7%) sequer frequentou uma escola.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade dos catadores e catadoras



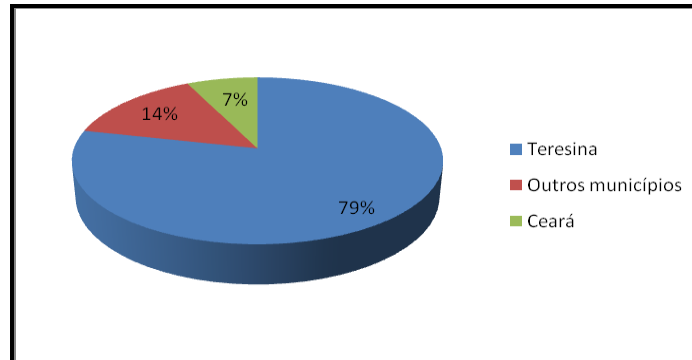
Fonte: Elaboração da autora (2014).

A origem destes trabalhadores e trabalhadoras informais revela que, em sua quase totalidade, são pessoas que nasceram e cresceram em Teresina (PI), sem terem tido grandes oportunidades de acesso à educação e a melhores condições de trabalho e vida digna. Estes catadores e catadoras são oriundos em sua grande maioria (79%) desta Capital e (14%) são provenientes de outros municípios piauienses, como Monsenhor Gil e Miguel Alves e apenas (7%) do estado do Ceará, ou seja, não tiveram outras experiências de vida ou laborais em outros estados. Portanto, as oportunidades de trabalho que lhes foram apresentadas são poucas

²²Constituição Federal do Brasil, em seu art. 205, cap. III, Seção I: a educação é direito de todos e dever do Estado e da família.

e, por isso, acabam optando pelo trabalho de catação de lixo, de acordo com o Gráfico 4 abaixo.

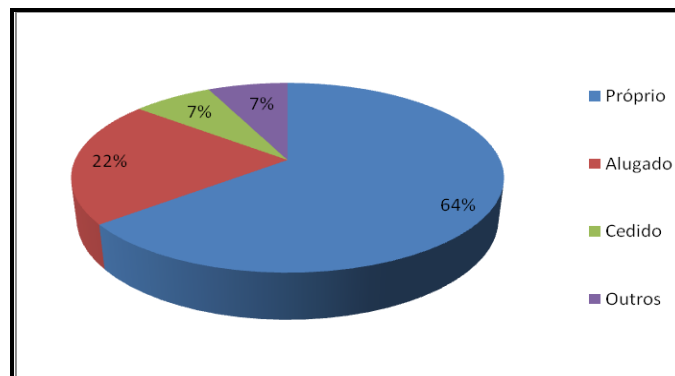
Gráfico 4 – Origem dos catadores e catadoras de material reciclável



Fonte: Elaboração da autora (2014).

No entanto, no que se refere às características do domicílio, o Gráfico 5 mostra que, apesar dos baixos rendimentos obtidos, a aquisição da casa própria é um quesito presente na grande maioria dos sujeitos, onde (64%) moram em domicílio próprio, (22%) moram em residências alugadas e apenas (7%) residem em casas alugadas ou cedidas por parentes ou amigos.

Gráfico 5 – Tipo de domicílio dos catadores e catadoras

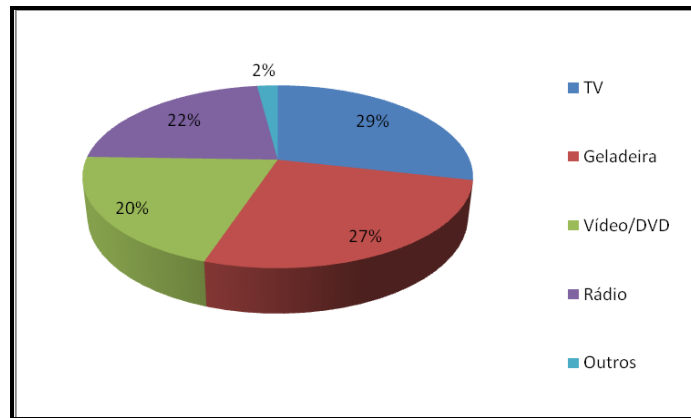


Fonte: Elaboração da autora (2014).

Na verdade, a moradia em que habitam não é fruto dos rendimentos que conseguem com a catação de materiais recicláveis, e sim, de doações do poder público, que realiza a entrega de lotes, obviamente, após algumas reivindicações dos mesmos. No entanto, (36%) ainda não possuem o seu imóvel, vivendo de aluguéis ou em locais cedidos por pessoas da família, em forma de um empréstimo temporário, necessitando, pois, de providências por parte do poder público. Moram em casas de alvenaria e possuem serviços básicos e essenciais, como água encanada, luz elétrica e serviço de coleta de lixo.

Quanto aos itens presentes nos domicílios dos sujeitos pesquisados, podem indicar um nível de conforto ou de escassez, é o que nos mostra o Gráfico 6.

Gráfico 6 – Eletrodomésticos dos catadores e catadoras



Fonte: Elaboração da autora (2014).

Portanto, no tocante ao item conforto, o Gráfico 6 nos mostra que os catadores e catadoras possuem apenas os itens básicos para a sua sobrevivência, estando desprovidos de outros bens que lhes possam proporcionar maior conforto e até mesmo informação. Apenas (7,1%) deles possuem computador em sua casa.

Com relação aos dados econômicos individuais e familiares destes trabalhadores, são reveladores da ausência de políticas públicas de inclusão social, uma vez que nenhum deles possui carteira assinada, trabalham todos na informalidade, sendo que a maioria sequer passou, em algum momento de sua vida, por algum emprego com vínculo empregatício.

O grau de escolaridade dos pais também é baixo, onde a maioria ao menos estudou. No tocante à renda obtida com a catação de material reciclável, é de até um salário mínimo, isso quando conseguem trabalhar muito, pois o preço que repassam por cada fardo de 100 kg é de R\$ 0,45 o quilo, necessitando, portanto, de uma árdua tarefa para conseguir obter esta renda.

5.1.2 Representação social do trabalho de catação de material reciclável

Com relação ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), foi utilizada uma frase indutora: “trabalhar com o lixo é...”, onde cada catador elencou cinco palavras que, para eles, caracterizam o seu trabalho com o lixo, mostrando o seu significado. Depois disso,

escolheram duas palavras que possuíam maior importância, revelando aquelas que melhor traduzem o sentido dado ao objeto.

Segundo Bardin (2011, p. 57-58), “o teste por associação de palavras é o mais antigo dos testes projetivos. [...] é utilizado para fazer surgir espontaneamente associações relativas às palavras exploradas ao nível dos estereótipos que criam.” Sua aplicação dá-se da seguinte forma: individualmente, pede-se a cada sujeito que diga, livre e rapidamente, cinco palavras que lhe vêm à mente, a partir da fala da frase indutora (estímulo), fazendo, antes, o pesquisador, uma pequena justificativa sobre a escolha do tema.

Este primeiro momento possibilita uma aproximação semântica, ou seja, de palavras com mesmo sentido, sobre como os sujeitos pensam a respeito de seu trabalho com o lixo, além de permitir, em momento posterior de análise, identificar os campos semânticos de suas representações. As palavras evocadas no teste de associação de palavras constituem o nosso campo semântico, onde fazemos um trabalho de identificação de sentido das palavras. A autora nos orienta que:

Uma vez reunida a lista das palavras suscitadas por cada palavra indutora (ou as fichas divididas em pilhas, segundo o estímulo respectivo), sendo este o primeiro trabalho de classificação, confrontamo-nos perante um conjunto heterogêneo de unidades semânticas. Face a esta desordem, torna-se necessário introduzir uma ordem. [...] para que a informação seja acessível e manejável, é preciso tratá-la, de modo a chegarmos a representações condensadas (análise descritiva do conteúdo) e explicativas (análise do conteúdo), veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo a que nos propusemos[...]. (BARDIN, 2011, p. 58).

Assim, na pré-análise dos dados obtidos a partir da fala dos catadores e catadoras, o Quadro 1, a seguir, apresenta o resultado do TALP com a ordem de ocorrência da fala dos sujeitos.

Quadro 1 – Apresentação dos dados obtidos através do TALP

Trabalhar com lixo é...	Frequência de ocorrência
Conta própria	(1)
Não é bom	(2)
Reciclagem	(1)
Coleta	(1)
Trabalho	(1)
Fé em Deus	(1)
Bom	(8)
Maravilhoso	(2)
Perigoso	(4)
Difícil	(1)
Renda	(3)
Desconfortável	(2)
Mau cheiro	(1)
Muito ruim	(1)
Bactérias	(1)
Complicado	(2)
Amizade	(1)
Relacionamento	(1)
Facilidade	(1)
Falta de opção	(1)
Preciso	(2)
Distração	(1)
Esporte	(1)
Gosto	(1)
Legal	(2)
Ganho muito dinheiro	(1)
Ótimo	(1)
Dinheiro	(1)
Farra	(1)
Importante	(1)
Digno	(1)
Me dou bem	(1)
Serviço qualquer	(1)
Cansativo	(1)
Terapia	(1)
Ruim	(1)

Fonte: Bardin (2011) Adaptado pela autora.

No Quadro 2, apresentamos um quadro das palavras acima citadas pelos catadores e catadoras de Teresina (PI) com relação à sua atividade de catação, em forma decrescente de ocorrência e por aproximação semântica.

Na pesquisa realizada em Esperantina (PI), estes resultados serão trabalhados de forma mais minuciosa. Aqui, serão tratados de forma sintetizada.

Quadro 2 – Ordem decrescente de palavras e aproximação semântica

Trabalhar com lixo é...	
Bom, gosto, ótimo, me dou bem, legal, maravilhoso	(15)_____
Perigoso, bactérias, mau cheiro, difícil	(11)_____
Muito ruim, ruim, não é bom, cansativo, complicado, desconfortável	(9)_____
Renda, dinheiro, ganho muito dinheiro	(5)_____
Amizade, relacionamento	(2)_____
Preciso	(2)_____
Conta própria	(1)_____
Reciclagem	(1)_____
Coleta	(1)_____
Trabalho	(1)_____
Fé em Deus	(1)_____
Facilidade	(1)_____
Falta de opção	(1)_____
Distração	(1)_____
Esporte	(1)_____
Farra	(1)_____
Importante	(1)_____
Digno	(1)_____
Serviço qualquer	(1)_____
Terapia	(1)_____

Fonte: Bardin (2011). Adaptado pela autora.

Após o tratamento deste material, conhecido como *codificação* que, segundo Bardin (2011, p. 133), este processo “corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão.”

A fase seguinte corresponde à categorização, que é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2011, p. 147). O critério de categorização utilizado para esta pesquisa, tanto na fase do pré-teste, como na fase final da pesquisa, foi o semântico, onde são criadas categorias temáticas com palavras sinônimas ou próximas em nível semântico.

Por tratar-se de um pré-teste, ou seja, uma fase de adaptação para a pesquisa posterior, foram criados apenas dois sistemas de categorias, revelando os aspectos positivos e negativos da representação social que os catadores e catadoras fazem de seu trabalho com o lixo, que podem ser visualizados no Quadro 3.

Quadro 3 – Categorias criadas a partir da fala dos catadores e catadoras

Trabalho com o lixo			
Aspectos Positivos	Total	Aspectos Negativos	Total
Bom, gosto, ótimo, me dou bem, legal, maravilhoso, renda, dinheiro, ganho muito dinheiro, amizade, relacionamento, preciso.	24	Perigoso, bactérias, mau cheiro, difícil, muito ruim, ruim, não é bom, cansativo, complicado, desconfortável	20

Fonte: Elaboração da autora (2014).

Na análise dos dados, configuraram-se duas grandes categorias: aspectos positivos e aspectos negativos, representados pelos catadores e catadoras, relacionados ao seu trabalho de catação de lixo, assim entendidas conforme a construção de sentidos destes trabalhadores, de acordo com o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), os quais carregam, também, no corpo, o preconceito pelo trabalho com o lixo.

Assim, na categoria dos *aspectos positivos*, o trabalho com o lixo, mesmo sendo informado como “bom”, é revelador da falta de opção de outro trabalho, diante da baixa escolaridade, bem como da facilidade de locomoção, já que todos moram próximo ao espaço de trabalho, e também da flexibilidade de horários, sendo os próprios sujeitos responsáveis pelo seu horário e produtividade.

Na representação sobre o trabalho com o lixo, configura-se atrelado a um ofício “bom”, uma forma de obter “renda”, porque é “preciso.” Porém, em todas estas representações, o trabalho é percebido como uma forma de sobrevivência, já que estão excluídos da sociedade e se percebem como estranhos no meio desta.

Na categoria *aspectos negativos*, o trabalho é considerado “perigoso” por parte de alguns sujeitos, que percebem nesta atividade laboral a possibilidade de contrair doenças; é “ruim”, evidenciando uma ambiguidade, pois enquanto para uma parcela de sujeitos, o trabalho é bom, para outros, é revelador de falta de opção de outra atividade. Revelam-se a dualidade exclusão/inclusão e o dilema entre o imperativo de subsistência e a falta de outras opções de sustento, senão a de submeter-se aos riscos do espaço contaminado do aterro. Daí emerge a falta de esperança de melhor qualidade de vida, em uma triste expectativa de que trabalharão no aterro enquanto puderem.

Evidenciando a configuração do lixo sempre presente no cotidiano dos catadores e catadoras, no meio de suas significações, cabe informar que este movimento de construção de sentido ocorre a partir das representações que o grupo elabora no coletivo, significando um dado objeto no segmento vivido. Assim, as representações sociais são organizadas “enquanto

sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, e organizam as comunicações e as condutas sociais” (JODELET, 2001, p. 36).

O lixo, designado como restos ou como tudo aquilo desprovido de uma utilidade óbvia e objetiva, adquire uma imagem negativa, quase sempre associada à sujeira, à doença, à morte e à miséria (VELLOSO, 2010).

Em função da repugnância ao lixo, os catadores e catadoras são alvo de preconceito, direcionado, em geral, às pessoas que o manuseiam, ainda que profissionalmente. Sobrevivendo dos restos da sociedade e sentindo-se como tal, ao portarem suas roupas sujas, rasgadas e malcheirosas, os catadores e catadoras descobrem-se em situação de inferioridade ante as pessoas que andam limpas, sendo passíveis, portanto, de contínua marginalização social.

Impregnado em sua própria identidade corporal, o lixo influencia um modo próprio de autoconceito na significação de ser catador, construindo numa autoimagem negativa e alienada, ante a repulsa da sociedade. A identidade é formada e transformada no âmago da dialética que envolve indivíduo e sociedade, considerando-se a questão das relações entre a identidade socialmente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada, conforme destacam Berger e Luckmann (1985).

Neste sentido, a identidade dos catadores e catadoras constitui-se como dialética entre a identificação atribuída a eles pelos outros e a autoidentificação, “entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada” Berger; Luckmann (1985, p. 177), o que depende do conhecimento socialmente difundido em um todo dotado de sentido, do qual o outro é parte integrante.

A representação social dos catadores e catadoras revela modos de pensar diante do enfrentamento de algum tipo de preconceito em razão de seu trabalho com o lixo, por perceberem atitudes aversivas de pessoas em relação à sua própria imagem de catador. Nesta perspectiva, as representações surgem associadas ao fato de sentirem-se como “mendigos” na representação de si mesmos, diante da sociedade, ao perceberem as expressões de “medo” por parte de alguns.

Apesar de alguns catadores e catadoras mencionarem serem indiferentes, no tocante a estas atitudes de exclusão, em outros momentos de suas falas externam tristeza, ao relatarem que as pessoas fazem julgamentos errados a seu respeito, o que demonstra que, de fato, incomodam-se com as atitudes discriminatórias das pessoas.

Considera-se que a compreensão dos preconceitos sociais passa pela análise de como as representações se expressam no senso comum. Como pessoas sociais, estamos em uma espécie de estufa de vidro, em tempos aparentemente calmos, sendo possível certo terror da vida, em toda parte, à flor da pele; e quando tratamos uma pessoa particular como um ser impessoal, existe um elemento de violência, lembra Moscovici (2011).

Na representação social sobre o trabalho cotidiano no aterro, surge a ideia de inclusão em um sistema social organizado junto a outros catadores e catadoras de lixo, em função do tipo de material que separam - uns com metais, outros com plásticos ou papelão. Evidencia-se uma dupla realidade de exclusão/inclusão: entre inclusão dentro do aterro e exclusão fora dele.

Não obstante excluídos pela sociedade, os catadores e catadoras traduzem o aterro como um modo de se sentirem incluídos socialmente, por estarem inseridos em uma atividade, de certa forma, organizada, junto a outros catadores e catadoras. Este modo de pensar, que apresenta certo orgulho do trabalho que exercem, ao demonstrarem conhecimento do local, dos materiais e do grupo que ali trabalha, mostra que eles se sentem incluídos socialmente como trabalhadores do lixo, vivendo a mesma realidade laboral daquele grupo. Assim, a catação torna-se uma atividade que faz do excluído um trabalhador inserido no trabalho, não obstante a exclusão imposta pela sociedade.

Para Medeiros e Macedo (2006), a atividade de catação de lixo abarca alguns aspectos positivos, pois dela se obtém o sustento, mas também negativos, pela complexidade da problemática. Por isso, a relação dos catadores e catadoras com o lixo é ambígua, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação. Outra perspectiva reflete o modo de pensar o cotidiano em meio a montantes de lixo misturados, de diversas procedências, um verdadeiro caos no ambiente de catação, ação associada fortemente à vivência de riscos constantes no ambiente do aterro, o que tem impacto sobre a saúde.

Na presente pesquisa, observou-se que o lixo era gradualmente depositado por caminhões em sacos de cem quilos, e estes trabalhadores ficam em um espaço também no aterro (mas reservado para o recebimento de material previamente selecionado, embora ainda venha misturado a outros materiais não passivos de reciclagem), por isso, os catadores e catadoras tinham de revolver por longas horas o lixo ali depositado, catando o material aproveitável.

O ambiente do aterro constitui um contínuo risco aos catadores e catadoras. Sisinnio e Moreira (2000) advertem que alguns metais, como cádmio, cromo, manganês e chumbo, podem ser encontrados no líquido percolado (chorume) e em compartimentos ambientais (águas superficiais e subterrâneas, solos), em níveis acima do que seria tolerável.

Existe, portanto, a necessidade de se construírem programas de educação ambiental que possam sugerir mudanças efetivas e duradouras nos comportamentos da sociedade para com o meio ambiente. Somando-se às suas concepções, em meio à noção do perigo de acidentes e doenças, pode-se apreender um inquietante dilema que os catadores e catadoras vivenciam entre o risco de acidentes e a insegurança a que se submetem continuamente, e a necessidade de continuar trabalhando na catação.

5.2 Lixão de Furna da Onça, em Esperantina (PI): trajetória e trabalho dos catadores e catadoras

Como mencionado anteriormente, na parte referente aos procedimentos metodológicos, foram elaborados três instrumentos de coleta de dados (Apêndice I, II e III). Para ter acesso à história de vida e laboral destes trabalhadores²³, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob o parecer nº 993.549, CAAE 37423114.2.0000.5214, e contou com a anuência dos próprios catadores e catadoras.

O apêndice I objetivou a obtenção de informações referentes aos aspectos culturais e socioeconômicos dos sujeitos pesquisados – catadores e catadoras de material reciclável de Esperantina (PI) – como já informado, no que se refere ao seu trabalho. E o segundo e terceiro visaram a colher a representação social destes trabalhadores.

A história dos catadores e catadoras tem início por volta do ano de 2006, quando um grupo de pessoas, moradores da zona rural do município de Esperantina, mais precisamente nos povoados Murici e Junco, que ficam situados próximos ao povoado Furna da Onça (espaço onde é depositado o lixo da cidade), em situação de desemprego e com dificuldades para sobreviver, viram naquele espaço a oportunidade de retirar algum dinheiro com a venda de materiais recicláveis e, com isso, garantir a sua sobrevivência.

²³ De acordo com Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata de pesquisas com seres humanos, as informações devem ser divulgadas de forma anônima. Obedecendo à Resolução, os identificamos pelas plantas nativas do município de Esperantina (PI). A maioria destas plantas possui uso medicinal, revelando um grande valor, por isso, a opção por sua utilização, a fim de mostrar o valor que a cidade deve atribuir a estes catadores e catadoras.

A luta para conseguir o pão de cada dia tornava-se uma tarefa árdua, como narra o seguinte catador²⁴:

Tive que sair duas vezes para o Maranhão trabalhar de escravo para dar o sustento da minha família. Lá trabalhei 30 dias e cheguei em casa com R\$ 50,00 no bolso. Cheguei em casa a mesma coisa. Da segunda vez que cheguei do Maranhão, cheguei com R\$ 80,00 e lá trabalhei 35 dias. E aqui no lixão depois que fundei [...] realmente chegou aqui um cidadão de Barras para comprar o material aqui, aí eu disse rapaz nós não podemos juntar [...] aí ele disse vamos dar um jeitinho. Aí nós juntamos três carradas. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

A partir de então, o catador Angico e alguns outros perceberam a riqueza existente no local, e que poderia melhorar um pouco suas vidas. No entanto, as dificuldades foram muitas, e o pequeno grupo viu, diante de si, mais uma luta a ser travada. “Aí os políticos botaram nós pra correr. Até policial vieram aqui pra dentro. Um bocado de gente trabalhava de noite [...] juntava a noite toda, dormia de dia e de noite trabalhava” (ANGICO. Informação verbal).

Na narrativa da catadora Amora, percebe-se a dificuldade inicial: “antigamente nós fazia era roubar. Nós catava o lixo e jogava aqui para o lado de fora, pois o pessoal não deixava. Então, depois que a gente formou o grupo e a associação, foi tudo liberado pra nós trabalhar” (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Diante dos obstáculos surgidos, principalmente por parte do poder público, de não permitir o acesso a estas pessoas, elas sentiram a necessidade de buscar alternativas para dar continuidade ao trabalho, só que de forma regularizada:

Fui atrás do dirigente do lixão lá na Prefeitura. Aí o vereador Paulo Brasil me informou, [...] ele foi o primeiro que fui na casa dele. [...] ele disse que não ia dar certo, [...] que era melhor eu formar uma associação. Aí eu fui e cadastrei 20 pessoas, [...] formamos a associação e com essas pessoas assistimos é [...] na base de 25 reuniões pra nós chegar na Promotora e ver qual era o direito que ela ia dar. [...] aí eu cheguei na Promotora, marquei a reunião, assistimos a reunião. [...] ela não aprovou na primeira reunião mais aprovou na segunda. Na primeira reunião ela se informou e na segunda ela decidiu que nós poderíamos trabalhar. Então ficou faltando a assinatura do prefeito e ele massacrou mais a gente, porque ele se escondia da gente pra poder não assinar [...] até que assinou e estamos aqui trabalhando (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

A catadora Carnáuba também fez parte do grupo que decidiu buscar ajuda para a regulamentação do trabalho de catação de lixo.

²⁴Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos catadores e catadoras, durante os meses de setembro, outubro e novembro/2014.

De primeiro aqui era pra ser fechado, não era pra trabalhar ninguém[...] Nesse tempo o Felipe Santolia era o prefeito [...] aí a gente passava o dia todinho lá na Prefeitura pra poder liberar. Inclusive a gente fez reunião [...] aí veio a Defensora Pública, veio o capitão Albino (parece que era ele), veio a polícia, a Defensora aqui no lixão. Eles queriam era fechar, mais a gente não tinha do que viver, tinha que ficar aqui dentro. Então, nessa época, nós ficamos de frente, fizemos a associação. O Paulinho (ex-vereador Paulo Brasil) tem a ata todinha (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Vencidas as dificuldades iniciais, depois de diversas reuniões realizadas nas residências dos pretensos catadores e catadoras com o poder público, foi concedida a permissão para os mesmos realizarem a atividade. No entanto, para a consolidação de tal fato, era necessária a assinatura do prefeito da época, que dificultou um pouco o referido ato.

Depois da assinatura, apareceram mais adeptos e chegaram a formar um grupo de 20 catadores e catadoras. Inicialmente, era de apenas quatro. Constituíram uma Associação, com presidente, tesoureiro e demais membros necessários para a formação de uma organização social, e passaram, finalmente, a exercer livremente o trabalho de catação de lixo, sem mais nenhuma proibição por parte do poder público.

Porém, a Prefeitura permitiu o exercício do trabalho, mas deu pouca assistência aos trabalhadores. Como afirma a catadora Janaguba, “às vezes, a Prefeitura manda algumas botas pra gente” (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

De forma aleatória, a Prefeitura ajuda em alguns raros momentos, fato este, passado, às vezes, despercebido por outros catadores e catadoras, diante da dificuldade de recebimento de algum material de proteção, conforme narra a catadora:

Não recebemos nenhum apoio. Eles não atrapalham, mas também não ajudam. Até água que é pra vir pra nós, que nós sofremos problema de água, eles ainda não mandaram. Mandaram no mês passado uma vez e nunca mais. Nós tiramos água dos poços alheios. Nós somos esquecidos. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Assim, esses trabalhadores iniciaram seu trabalho informal de catação de lixo, na verdade, de materiais recicláveis, pois tudo o que coletam é para ser reaproveitado. Vendem este material para empresas de Barras (PI) e Teresina (PI), pois na cidade não há empresas de reciclagem. Em sua jornada de trabalho, de aproximadamente 40 horas semanais, eles coletam plástico, alumínio, vidro, ferro e pneus, de segunda a sexta-feira, de 8h às 12h e de 14h às 18h, e no sábado, de 8h às 12h, horário este bastante flexível, pois eles mesmos determinam o seu tempo de trabalho, já que não possuem chefe.

Entretanto, o trabalho é árduo. Em razão de ficarem expostos a um sol escaldante, estes trabalhadores exercem sua atividade sem nenhum tipo de conforto, e só garantem o seu sustento se catarem bastante material: “Aqui a gente só recebe dinheiro se trabalhar, a gente pode tá morrendo de doente, os problemas de mulher mesmo, tanto faz como tanto fez, só recebe se trabalhar”. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

É neste cenário de dificuldades que os catadores e catadoras realizam o trabalho de catação há aproximadamente nove anos, exercendo o importante papel de despoluir o meio ambiente, mesmo de forma precária e pouco conhecida, mas estão neste espaço geográfico, trabalhando, muitas vezes, sem proteção, e expondo a sua saúde a riscos, como nos mostra a Figura 13.

Figura 13 – Fotografia dos catadores e catadoras de material reciclável do povoado Furna da Onça, município de Esperantina (PI)



Fonte: SILVA (2014).

São sujeitos sociais que buscam o direito ao trabalho e à vida, desenham trajetórias que levam ao conhecimento de lugares que a cidade desconhece ou tenta esconder, para buscarem o seu sustento com materiais que a sociedade descarta, que não quer mais. Lixo este que se torna um problema nas áreas urbanas e o fato de serem jogados em áreas distantes está longe de ser uma preocupação com o meio ambiente por parte da administração pública, mas sim, uma forma de vê-lo distante da cidade.

Neste sentido, a geógrafa Rodrigues questiona a ideia de que a natureza se torna um obstáculo que deve ser superado pelo homem.

Esboça-se, assim, a justificativa da apropriação e da propriedade da natureza e dos homens. E como parece que se funda no trabalho, cria-se e recria-se a propriedade como um dom natural. Este álbi permanece até hoje quando se considera que os “pobres” são pobres porque não trabalham “o suficiente” para conseguir propriedade que garantam a sua riqueza. (RODRIGUES, 1988, p, 32).

E assim, percebe-se a questão do lixo, com uma compreensão de meio ambiente onde se evidencia a questão da produção, do consumo e do trabalho destes seres, que são “pobres” e trabalham não para garantir a sua “riqueza”, mas a sua sobrevivência. Diante da luta pela sobrevivência, trabalham arduamente para conseguirem extrair do seu trabalho o material de revenda aos sucateiros²⁵, mas são mal remunerados, conforme revela tabela 2.

Tabela 2 – Valor de venda dos produtos coletados no lixão do povoado Furna da Onça em Esperantina (PI)

Produtos	Valor em R\$ (kg)
Cobre	9,00
Alumínio	2,00
Lata de cerveja e refrigerante	1,50
Cadeira	1,00
Bateria de carro	0,80
Plástico	0,40
Pneu de moto	(unidade) 0,30
Ferro	0,15

Fonte: Associação de catadores e catadoras de Esperantina (PI)

Esta é a difícil situação em que se encontram os catadores e catadoras de material reciclável em Esperantina. Mas, segundo Magera, esta é a realidade que enfrentam estes atores sociais que trabalham com o lixo:

Sejam cooperativados ou catadores autônomos, a exploração dá-se em todos os níveis da cadeia produtiva ou reprodutiva da reciclagem. Nestas condições, a reciclagem, em si, não representa uma alternativa econômica e muito menos ambiental; somente ameniza momentaneamente as pressões sociais sobre o desemprego dos excluídos e propicia um ganho pelas indústrias, por meio da redução de seus custos; e estas, utilizando-se dos sucateiros, os grandes “senhores do lixo”, controlam o mercado de produtos reciclados. (MAGERA, 2005, p. 108).

Este é o quadro que se delinea, onde as grandes beneficiadas em todo o processo de reciclagem do lixo no Brasil e no mundo são as indústrias que se utilizam dos materiais

²⁵Na estrutura do mercado de reciclagem, segundo Magera (Ibidem, p. 108), são três os componentes deste mercado: o primeiro, os catadores; o segundo, os sucateiros que compram os produtos; e o terceiro, as indústrias.

recicladados e impõem os valores dos produtos, seja a associações ou cooperativas, tornando-os submissos a uma exploração da economia formal sobre a informal.

5.2.1 Perfil socioeconômico

O perfil socioeconômico dos catadores e catadoras de material reciclável foi obtido por meio da aplicação do questionário socioeconômico (Apêndice I). O grupo de sujeitos participantes desta pesquisa constituiu-se de 15 pessoas, que perfazem a quase totalidade de trabalhadores em Furna da Onça, Esperantina (PI).

Antes, este grupo já possuiu 21 integrantes, cinco dos quais abandonaram a atividade e foram à procura de melhor trabalho e o outro catador continua, mas se recusou a conceder qualquer informação, pois segundo o próprio sujeito, é dono de uma extrema timidez. Portanto, o grupo seria composto de 16 catadores e catadoras.

Os dados obtidos pelo questionário socioeconômico foram convertidos em texto e gráficos. Com relação ao gênero dos sujeitos, dez são do sexo feminino e cinco do masculino. A partir dos dados obtidos, pode-se perceber que a maioria dos trabalhadores da atividade (66%) é do sexo feminino, e (33%) do masculino. Assim como no pré-teste, realizado em Teresina (PI), do grupo pesquisado, (64%) são mulheres realizando o trabalho de catação de material reciclável.

Pesquisa realizada em Ipatinga (MG), por Oliveira et al. (2007), obteve resultados semelhantes com 20 catadores e catadoras, sendo a maioria do sexo feminino (65%), e com idade variando entre 18 a 65 anos. Mesmo sendo em outra cidade, com realidade bem distinta, os dados servem para revelar a presença marcante da mulher no aludido trabalho.

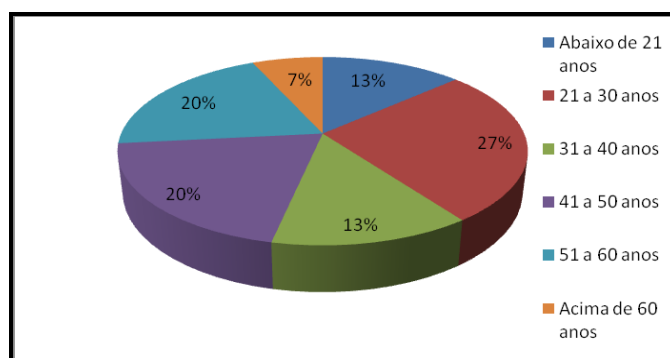
Mas no geral, a realidade brasileira é diferente. De acordo com relatório do IPEA (2013), que trata da situação social dos catadores e catadoras de material reciclável, é o sexo masculino que predomina entre as pessoas que exercem a atividade de coleta e reciclagem de resíduos sólidos no Brasil, onde os homens representam (68,9%) do total, contra (31,1%) das mulheres.

O fato deste percentual do município de Esperantina divergir da realidade brasileira, talvez devesse se explicar por conta da presença maior de mulheres do que de homens na população do município. Segundo censo do IBGE (2010), a quantidade de homens no município é de 18.776, e o de mulheres, 18.991. Porém, a atividade de catação é realizada na zona rural, onde esta quantidade sofre variação, ficando as mulheres em menor quantidade

6.964, e os homens, 7.645. Provavelmente, isso pode ser explicado pelo fato de os homens da zona rural buscar na atividade da agricultura o seu sustento, ficando as mulheres com a atividade de catação no lixo.

No que se refere à faixa etária dos catadores e catadoras que participaram da pesquisa, esta varia de 19 a 67 anos, de acordo com o gráfico 7.

Gráfico 7 – Faixa etária dos catadores e catadoras de material reciclável no povoado Furna da Onça em Esperantina (PI)



Fonte: Elaboração da autora (2014).

Os dados são reveladores de que (40%), ou seja, quase a metade destes catadores e catadoras está em uma faixa etária bem jovem, e que nesta fase de vida, encontram-se sem muitas perspectivas de melhoria de vida, pois praticamente não tiveram acesso à educação escolar; na faixa etária acima de 65 anos, encontramos um percentual de (7%), indicador de que mesmo com uma idade avançada, ainda se faz necessária a sua presença no trabalho para ajudar nas despesas do lar.

Com relação à escolaridade, os dados revelam que a grande maioria teve pouco acesso à escola, ou seja, sequer concluíram o ensino fundamental, sendo considerados, portanto, analfabetos funcionais²⁶. No Brasil, em 2002, existia de acordo com os dados coletados através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), um total de 32,1 milhões de analfabetos funcionais, representando (26%) da população com 15 anos ou mais de idade. Em 2009 a PNAD revelou que a taxa de analfabetismo funcional no Brasil na mesma faixa etária correspondia a (21%) demonstrando um índice ainda elevado.

A região Nordeste, neste mesmo período, apresentava maior taxa de analfabetos funcionais do que as demais regiões brasileiras, com um índice de (40,8% e 31,6%)

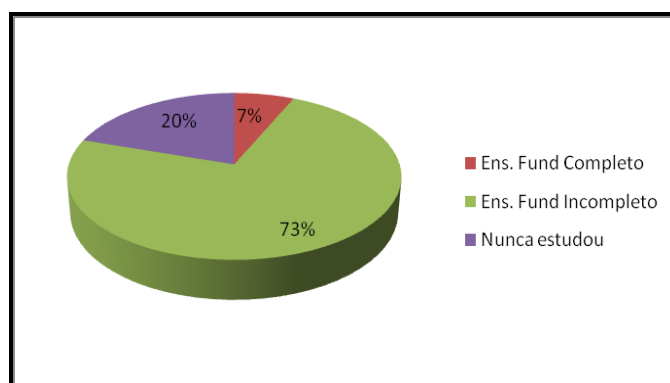
²⁶Analfabeto funcional, de acordo com o IBGE, é a pessoa que não possui domínio de habilidades em leitura, escrita, cálculos e ciências, em correspondência a uma escolaridade de até 3 séries completas do ensino fundamental ou antigo primário.

respectivamente, para os anos citados, confirmando uma grande desigualdade também no sistema educacional.

Em Esperantina, a realidade não é muito diferente, o que pode ser claramente percebido a partir do Censo Educacional 2012, do IBGE, que mostra o município com 51 escolas de pré-escolar, 56 de ensino fundamental e apenas cinco de ensino médio, indicando a falta de investimentos do poder público na etapa final da educação básica.

O gráfico 8 apresenta o nível de escolaridade dos catadores e catadoras, que são excluídos do direito à educação básica.

Gráfico 8 – Nível de escolaridade dos catadores e catadoras



Fonte: Elaboração da autora (2014).

No resultado coletado, vem a confirmação do analfabetismo funcional, onde (73%) dos sujeitos entrevistados nem ao menos concluiu a antiga 4ª série do ensino fundamental (atual 5º ano, de acordo com a Lei 11.274/2006²⁷), e nenhum deles cursou o ensino médio. Souza, em sua pesquisa com catadores e catadoras de material reciclável, também identificou a baixa escolaridade destes sujeitos, tanto que utiliza a palavra ao invés da escrita, e afirma que:

Esta é a forma de expressão, de linguagem, de um número substantivo de catadores e catadoras que, em sua maioria, são analfabetos e que encontram na fala e nos gestos as únicas formas de se fazer representar e de serem compreendidos como trabalhadores cidadãos. (SOUSA, 2011, p. 25).

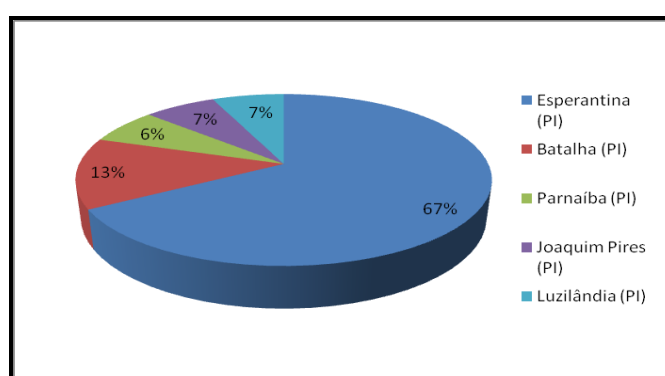
Através da fala, estes trabalhadores se fazem compreender, pois a maioria deles é de semianalfabetos, fato que contribui para a sua exclusão do mercado de trabalho. Sobre o estado civil dos catadores e catadoras, foi constatada a predominância da união estável, com (53%), seguida de (20%) de casados, (13%) de viúvos e (13%) de solteiros, revelando,

²⁷A Lei 11.274/2006 estabelece a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos, transformando o último ano da educação infantil no primeiro ano do Ensino Fundamental.

também, que na família, geralmente existe mais de uma pessoa trabalhando, seja na atividade de catação ou em outro trabalho, e são responsáveis pela manutenção da casa.

Com relação à origem dos catadores e catadoras, (67%) nasceram no município de Esperantina (PI), e (33%) vieram de outros municípios do Piauí. Nenhum deles é oriundo de outro Estado, como se percebe no Gráfico 9. Mesmo os que não nasceram no município, já estão no mesmo há, no mínimo, 15 anos, tendo, portanto, desenvolvido laços de identidade com este espaço geográfico.

Gráfico 9 – Origem dos catadores e catadoras



Fonte: Elaboração da autora (2014).

Citando Santos (2012, p. 33-34), “o que une, no espaço, é a sua função de mercadoria ou de dado fundamental na produção de mercadorias. O espaço, portanto, reúne homens tão fetichizados quanto a mercadoria que eles vêm produzir nele.” É neste espaço que estes trabalhadores estão unidos pela força do trabalho, que fornece a mercadoria para a sua sobrevivência.

Verificamos que no item relacionado às características do domicílio, (100%) dos catadores e catadoras moram em residência própria, em casas de alvenaria, adobe ou taipa, com dois a cinco cômodos, são abastecidos por água de poço tubular, um que fica no povoado Murici, um no povoado Junco, e outro em Furna da Onça, além de um chafariz para uma das moradoras que trabalha no lixão e reside na cidade, no bairro Santa Luzia.

Já a luz elétrica chega aos povoados, sendo que (80%) dos trabalhadores afirmaram serem beneficiados por ela, e (20%) informaram não possuírem a mesma, por motivos não especificados. Porém, as condições sanitárias ainda são bastante precárias, revelando que (93%) dos catadores e catadoras sequer possuem banheiro/sanitário em suas casas.

Com relação ao item *eletrodomésticos*, os dados apresentam um indicativo semelhante aos dos catadores e catadoras de Teresina (PI), mas em nível inferior, pois nenhum destes

trabalhadores de Furna da Onça possui computador, internet, assinaturas de jornais ou revistas, ou seja, o único meio de comunicação é o falado, através da televisão e do rádio. Os eletrodomésticos que possuem são: geladeira, televisão, vídeo cassete/DVD, rádio, ventilador, liquidificador e ferro elétrico. Porém, estes equipamentos, por mais simples e essenciais em uma residência, ainda não estão ao alcance de todos, já que três destes catadores e catadoras, o equivalente a (20%), não possuem energia elétrica em suas casas.

No tocante à situação econômica individual e familiar, os dados encontrados são indicadores da exclusão destes trabalhadores e trabalhadoras do mercado formal de trabalho. Na definição de Sawaia:

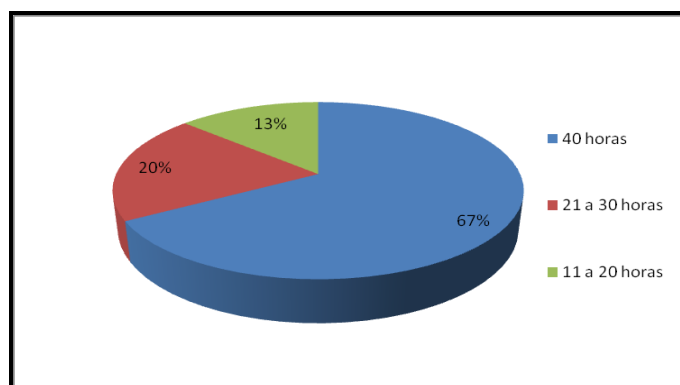
A exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2008, p. 9).

Neste complexo processo de exclusão/inclusão em que se encontram inseridos estes trabalhadores e trabalhadoras, foi constatado que as famílias têm no trabalho de catação de material reciclável a principal fonte de sobrevivência, e que nenhum destes catadores e catadoras possuíram, em algum momento de suas vidas, carteira profissional assinada, ou seja, vivem excluídos de seus direitos principais, como previdência, férias remuneradas, décimo terceiro salário, auxílio-doença, licença-maternidade (para as mulheres), entre outros benefícios garantidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

A renda obtida desta atividade não chega a um salário mínimo. Apenas dois destes catadores e catadoras (marido e mulher) informaram obter acima de um salário mínimo, pois nesta atividade estão envolvidos também seus filhos, daí a quantidade de material coletado ser maior, fazendo com que ultrapasse este rendimento.

Esta variação na renda dos demais catadores e catadoras também se explica pela diferença no número de horas trabalhadas, na quantidade de material reciclável encontrado por cada um, no ritmo de trabalho, em conformidade com o Gráfico 10.

Gráfico 10 – Horas trabalhadas semanalmente



Fonte: Elaboração da autora (2014).

O ritmo de trabalho é um dos fatores determinantes na renda dos catadores e catadoras, aonde cerca de (67%) chegam a trabalhar 40 horas semanais ou mais; outros trabalham entre 11 a 30 horas, semanalmente. Esta jornada de trabalho é imposta por eles mesmos, na expectativa de obtenção de melhores rendimentos.

Alguns destes catadores e catadoras procuram complementar sua renda buscando outras fontes de recursos para ajudar na sobrevivência, pois todos eles possuem uma média de quatro pessoas morando em suas casas, sejam filhos ou não, necessitando de um pouco mais de dinheiro. Apenas dois destes trabalhadores possuem aposentadoria, outros procuram trabalhar em faxinas, de vez em quando, ou dividem as despesas com o(a) companheiro(a).

5.2.2 Representação social do trabalho de catação de material reciclável

Com o objetivo de colher a representação social destes catadores e catadoras, foi aplicada o TALP e a entrevista semiestruturada (Apêndices II e III). Aqui será apresentado o resultado do Apêndice I, à luz de Bardin (2011), e escolhemos a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, para dar fundamentação teórica à pesquisa, tendo em vista que como o homem se constitui como um ser social, a sua elaboração conceitual provém da relação com o mundo e, conforme Moscovici (2013, p. 8), “as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.” Assim, graças às influências estabelecidas através da comunicação, pretendemos descobrir as representações do trabalho dos catadores e catadoras de material reciclável.

Por ser uma importante fonte de dados, houve uma preocupação metodológica com a aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e com a construção de um roteiro semiestruturado de entrevista que direcionasse os entrevistados para o objetivo da pesquisa. O TALP foi aplicado com a seguinte frase indutora: “Trabalhar com lixo é...”, semelhante ao aplicado no pré-teste, em Teresina (PI), e as respostas foram anotadas na íntegra, conforme a fala dos sujeitos, pela pesquisadora, pois os mesmos, em sua maioria, são analfabetos.

As entrevistas foram agendadas previamente, os entrevistados foram convidados a participar da pesquisa, por meio de uma Carta Convite (Apêndice V) e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que corresponde ao Apêndice VI. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e tiveram a duração de aproximadamente 30 minutos.

Ao todo, tivemos a participação de 15 sujeitos catadores e catadoras de lixo, que procederam ao Teste de Associação Livre de Palavras, mecanismo que consiste no desencadear da fala dos sujeitos a partir da frase indutora “Trabalhar com lixo é...”. Esta técnica nos permite colher as ideias no momento em que estão sendo elaboradas. Assim, vem à tona alguns elementos ocultos, que não aparecem em uma fala articulada, mas que estão presentes em sua prática, ou seja, a associação livre permite um discurso mais transparente.

De posse deste material coletado, entre as mais diversas técnicas existentes, utilizamos a análise de conteúdo categorial de ordem semântica, à luz de Bardin (2011). Segundo esta autora, a análise por categoria “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 2011, p. 201).

A seguir, apresentamos, através do Quadro 4, as palavras citadas pelos catadores e catadoras, juntamente com a frequência com que foram evocadas.

Quadro 4 – Resultado do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)

Trabalhar com lixo é...	Frequência de ocorrência
Perigoso	(6)
Bom	(11)
Sobrevivência	(1)
Ajuda	(1)
Tranquilidade	(2)
Ajuda o meio ambiente	(1)
Dinheiro	(8)
Compras	(1)
Alimento	(1)
Eu gosto	(5)
Liberdade	(1)
Independência	(2)
Autônoma	(1)
Despreocupada	(1)
Relaxante	(2)
Amizade	(8)
À vontade	(1)
Sossego	(3)
Movimento	(1)
Trabalho	(2)
Alegria	(2)
Grupo	(1)
Associação	(1)
Necessidade	(1)
Prazer	(1)
Sustento da família	(2)
Distração	(1)
Aproveitamento	(1)
Felicidade	(1)
Recolhimento	(1)
União no trabalho	(1)
Doença	(1)
Importante	(1)
Cansaço	(1)

Fonte: Bardin (2011) Adaptado pela autora.

Eis como Bardin recomenda a utilização destes dados para posterior análise:

Antes de qualquer agrupamento por classificação (divisão das unidades significativas em categorias, rubricas ou classes), começamos por reunir e descontar as palavras idênticas, sinônimas ou próximas em nível semântico. [...] esta primeira análise, estabelecida por aproximações semânticas ligeiras [...] mas não destituídas de critérios de agrupamento, [...] permite representar a informação de maneira condensada [...]. (BARDIN, 2011, p. 58-59).

Após a apresentação das palavras citadas pelos catadores e catadoras, a partir da frase indutora, constrói-se um diagrama em barras, por ordem decrescente de frequência, conforme orienta Bardin (2011), e de acordo com o Quadro 5.

Quadro 5 – Ordem decrescente de frequência de palavras e aproximação semântica

Trabalhar com lixo é...	
Bom, eu gosto	(16)_____
Dinheiro	(8)_____
Amizade	(8)_____
Perigoso, doença	(7)_____
Sobrevivência, necessidade, sustento da família, ajuda, alimento, compras	(7)_____
Tranquilidade, sossego	(5)_____
Independência, autônoma, liberdade	(4)_____
Relaxante, à vontade, despreocupada	(4)_____
Alegria, felicidade	(3)_____
Grupo, associação, união no trabalho	(3)_____
Aproveitamento, recolhimento	(2)_____
Compras, alimento	(2)_____
Trabalho	(2)_____
Movimento	(1)_____
Prazer	(1)_____
Distração	(1)_____
Importante	(1)_____
Cansaço	(1)_____
Ajuda o meio ambiente	(1)_____

Fonte: Bardin (2011). Adaptado pela autora.

Após a apresentação das palavras faladas pelos catadores e catadoras, de acordo com a ordem decrescente de frequência, parte do processo de codificação.

Conforme Bardin (2011, p. 133), a organização da codificação compreende três escolhas [...]:

- . o recorte: escolha das unidades;
- . a enumeração: escolha das regras de contagem;
- . a classificação e a agregação: escolha das categorias.

Então, como recorte, escolhemos a palavra como unidade de registro do TALP, justamente por elas serem citadas pelos catadores e catadoras na aplicação do mesmo, e como regra de enumeração, escolhemos a frequência. Bardin (2011, p. 138) nos diz que “a frequência geralmente é a medida mais usada. Corresponde ao seguinte postulado [...]: a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição.”

Por isso, as palavras faladas com maior frequência pelos sujeitos da pesquisa tiveram maior importância. Feito o procedimento, iniciou-se o processo de categorização, que é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2011, p. 147). As categorias foram, então, criadas, identificando a

representação feita pelos catadores e catadoras sobre a sua atividade de catação, conforme o Quadro 6.

Quadro 6 – Categorias criadas a partir da fala dos catadores e catadoras de Esperantina (PI)

Categorias			
Relação com o trabalho			
Relação de afetividade	Relação econômica	Relação social	Relação de cuidados
Bom, eu gosto	Dinheiro	Amizade	Perigoso, doença

Fonte: Elaboração da autora (2014).

O quadro permite compreender que na análise de conteúdo da fala dos catadores e catadoras, é possível inferir, a partir dos resultados, que os sujeitos mantêm uma relação com o seu trabalho que não é meramente funcional. São relações que remetem a representações sociais. Nesta relação que os catadores e catadoras de material reciclável de Esperantina (PI) possuem com o seu trabalho, destaca-se, com maior importância, a relação de afetividade através das falas “bom” e eu “gosto”, que também estão diretamente ligadas à relação econômica através do “dinheiro”, afinal necessitam deste rendimento para sobreviverem, bem como, com a relação de “amizade”.

Estão intrinsecamente interligadas, como nos relata o catador Angico: “Bom porque pago as minhas contas e posso comprar comida para sustentar minha família” (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador) ou na fala da catadora Ameixa: “Gosto muito de trabalhar junto com os outros, me sinto bem” (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), mas novamente o dinheiro se destaca nas palavras do catador Jenipapo: “Preciso de dinheiro para sustentar a minha família, e esse é o único meio que tenho” (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador), pensamento confirmado por Sapucaia: “A gente consegue dinheiro para ajudar nas despesas da casa, da família” (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Mas a “amizade” também ganha destaque em suas falas, como afirma Aroeira: “Trabalho com prazer, principalmente, quando estamos todos juntos” (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). Ou, ainda, na fala de Ameixa: “Gosto muito de trabalhar junto com os outros, me sinto bem” (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), a qual é reafirmada por

Sapucaia: “Gosto do trabalho porque aqui no lixão a gente faz amizade” (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), e pelo catador Jatobá: “Porque amizade é importante pra tudo na vida” (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

No tocante à relação de cuidados, o “perigoso” e a “doença” não se destacam tanto quanto os itens anteriores, porém, há uma ambiguidade na fala dos catadores e catadoras: enquanto possuem a consciência de que existe o perigo no trato com este lixo, acreditam que o perigo de contrair doenças, principalmente por não utilizarem equipamentos de proteção, não existe para eles. Isso fica evidente na fala de Angico: “Perigoso porque posso sofrer algum acidente, mas com relação a doenças, não me preocupo, pois nunca adquiri nenhuma” (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador). No relato de Mutamba, ela diz que é “Perigoso, posso me cortar, me acidentar, mas não existe perigo de contrair doença” (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nos fragmentos das narrativas destes catadores e catadoras, percebe-se a crença de que estão imunes às adversidades advindas do lixão. Assim, busca-se compreender as dificuldades que estes sujeitos enfrentam, cotidianamente.

Para tanto, considera-se essencial, nesta reflexão, a contribuição de Santos, quando se refere aos pobres das zonas urbanas:

Por serem “diferentes”, os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. [...] É na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos. [...] Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. (SANTOS, 2009, p. 326).

Mesmo não sendo moradores da zona urbana, mas de área contígua, estes sujeitos são vítimas de todas as espécies de carências, mas em sua luta diária, travam e encarnam a vontade de enfrentar o futuro e de manter as relações profundas que se estabelecem com o seu espaço, com o seu lugar de trabalho. “[...] enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a consequente (re)descoberta são individuais, diferenciados, enriquecendo as relações interpessoais, a ação comunicativa” (SANTOS, 2009, p. 330)

Na busca da representação social do trabalho exercido pelos catadores e catadoras de material reciclável de Furna da Onça, em Esperantina (PI), optamos por utilizar, como complementação do TALP, outro procedimento metodológico, através do *software* NVivo 10,

que ajuda na investigação e organização de dados, buscando informações e estruturando-as, ajudando a encontrar as percepções dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa foi realizada com os sujeitos catadores e catadoras de material reciclável, sobre o trabalho de catação realizado pelos mesmos, com entrevista²⁸ semiestruturada. Foram feitas as transcrições das entrevistas pela autora da pesquisa e transportadas para o *software* NVivo 10, com possui recursos que permite que vejamos todas as respostas dadas a cada pergunta e a partir dessas respostas seja feita a codificação (os nós), que são as categorias, conforme se verifica na Figura 14.

Figura 14 – Categorias criadas no *software* NVivo 10 sobre o trabalho com o lixo

Nome	Fontes	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em
TRABALHO COM O LIXO	0	0	16/03/2015 10:45	CCS	23/03/2015 10:30
MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO	0	0	23/03/2015 10:26	CCS	23/03/2015 10:30
IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	0	0	16/03/2015 10:47	CCS	23/03/2015 10:32
TRABALHO ORGANIZADO	0	0	16/03/2015 10:53	CCS	23/03/2015 10:32
CONVIVÊNCIA SOCIAL	0	0	16/03/2015 10:55	CCS	23/03/2015 10:32
VISÃO SOCIAL DO TRABALHO	0	0	16/03/2015 10:55	CCS	23/03/2015 10:32
PRECONCEITO	0	0	16/03/2015 10:57	CCS	23/03/2015 10:32
VISÃO DO PODER PÚBLICO	0	0	16/03/2015 10:57	CCS	23/03/2015 10:32
PROBLEMAS	0	0	16/03/2015 10:57	CCS	23/03/2015 10:33
CONSUMO DO LIXO	0	0	16/03/2015 10:57	CCS	23/03/2015 10:34
RENDÁ E SOBREVIVÊNCIA	0	0	16/03/2015 10:58	CCS	23/03/2015 10:34
FAMÍLIA NO TRABALHO	0	0	16/03/2015 10:58	CCS	23/03/2015 10:34
VISÃO DA FAMÍLIA	0	0	16/03/2015 10:58	CCS	23/03/2015 10:34
EXPECTATIVAS	0	0	16/03/2015 10:59	CCS	23/03/2015 10:34

Fonte: Elaboração da autora (2015).

De um total de 13 perguntas realizadas na entrevista (Apêndice III), foram criadas 13 categorias, e as subcategorias são o resultado da fala dos sujeitos, ou seja, as representações que eles fazem de seu trabalho com o lixo. A partir da categoria principal, “trabalho com o lixo”, foram construídas as demais, com as suas subcategorias, sendo a primeira “motivação para o trabalho.” Na fala dos sujeitos, foram elencadas as seguintes subcategorias: satisfação,

²⁸ As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2014, todas gravadas com o consentimento dos catadores e catadoras, e sendo devidamente assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme exigência do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

necessidade, falta de emprego, ganhar dinheiro, indicação, amizade, autonomia e meio ambiente.

A motivação para o trabalho busca compreender como estas pessoas iniciaram sua vida laboral, o que as conduziu para esta atividade, a partir da realidade cotidiana em que vivem. De acordo com suas falas²⁹, podemos perceber os significados, as formas de viver e de trabalhar neste espaço geográfico do lixão. Satisfação, necessidade e falta de emprego são os principais motivadores para o trabalho com o lixo, conforme depoimento dos catadores e catadoras a seguir:

Foi a Amora [...] eu não tinha o que fazer, ela me botou aqui e eu estou muito satisfeita. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eu vim pra cá por causa da bondade, porque tem muita coisa boa, tem muita amizade. Essa parte aí é uma coisa muito boa que a pessoa faz. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eu me sinto mais à vontade, me sinto melhor do que trabalhar nas casas [...] eu trabalho na hora que eu quero e outra, nós estamos trabalhando porque também serve pro meio ambiente, aproveita muita coisa e ajuda também muito a gente na despesa da casa. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O motivo é que as meninas começaram a trabalhar aqui aí eu vinha para pegar comida pros meus porcos, aí achei bom o serviço [...] eu gosto tanto de trabalhar e acabei ficando aqui. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Porque eu gosto de trabalhar. Faz muito tempo que eu trabalho aqui. Porque eu não gosto de estar parada. Antes de vir pra cá eu quebrava coco. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Porque eu vi muitas pessoas trabalharem aqui, aí deu vontade de trabalhar aqui também. Gostei e pretendo continuar aqui. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Porque não tinha outro emprego. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O que me levou a trabalhar no lixão foi necessidade, precisão e conta para pagar, porque os políticos não dão emprego. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

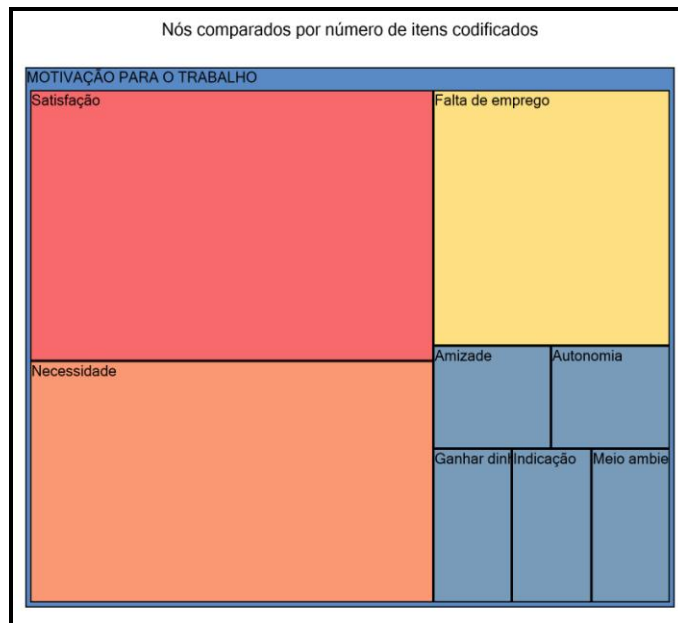
O motivo é necessidade, a gente não tem emprego, aí eu vi a Amora por aqui, aí eu vim devagarzinho, até que eu pedi pra entrar. Eu não tenho

²⁹ Foi realizada edição das falas dos catadores e catadoras para melhorar a compreensão do texto, no entanto, não foi modificado o conteúdo das falas desses sujeitos.

emprego de nada. Meu marido também não tem emprego de nada, só em diariuzinha aqui e acolá. Eu nada disso tinha. Então o jeito é ficar por aqui. Precisão, a gente tem necessidade das coisas, filho pra criar. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O elemento representacional presente na categoria motivação para o trabalho com o lixo, é de satisfação, necessidade e falta de emprego; as demais falas possuem pouca significação, não sendo passíveis de uma representação do grupo. A partir dos depoimentos dos catadores e catadoras, o *software* NVivo 10 criou mapas de árvore dos subnós (subcategorias), através de diagramas, de acordo com a ocorrência das palavras, ou seja, a fala que possui maior frequência fica em maior destaque. O tamanho e a cor de cada caixa representam informações selecionadas sobre a fonte, conforme a Figura 15. Todos os diagramas a seguir representam a fala dos catadores e catadoras.

Figura 15 - Diagrama³⁰ da categoria “motivação para o trabalho” conforme frequência de ocorrência



Fonte: Elaboração da autora (2015).

Para Joffe (2013), “objetos sociais estranhos evocam medo, porque eles ameaçam o sentido de ordem das pessoas e sua sensação de controle sobre o mundo”. Uma vez assim, este processo nos ajuda a compreender porque o trabalho com o lixo, visto por muitos como

³⁰Diagrama produzido no *Software* NVivo 10. Os quadrados e retângulos maiores indicam as falas dos catadores e catadoras que possuem maior frequência, portanto, o conteúdo da representação. Já os menores representam as falas dos catadores e catadoras que possuem pouca significação.

trabalho não qualificado, inferior ou, ainda, que padece de uma “invisibilidade pública”³¹ pode ter outra representação para estes sujeitos.

Neste sentido, a satisfação em realizar o trabalho de catação do lixo aparece com (60%)³² no conteúdo representacional dos sujeitos, seguida pela necessidade (50%) e pela falta de emprego (30%), ou seja, a satisfação em realizar o trabalho prevalece, mas certamente ela é comandada pela necessidade e pela falta de emprego.

No entanto, é necessário procurar compreender as dificuldades que estes sujeitos enfrentam no seu dia a dia, e isso inclui as disputas pelos espaços dentro do lixão, a precariedade das condições de vida e de trabalho. Mesmo com todas estas dificuldades, buscam a atividade de catação, que envolve pessoas com trajetórias de vida diferentes, mas que sempre lutaram pela sobrevivência diária. Alguns trabalharam em outras atividades, e agora se encontram no lixão, no trabalho de catar material reciclável para buscar a sua subsistência. Moscovici a partir de sua Teoria das Representações Sociais, afirma que:

[...] o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois, para nós, quase como que objetos materiais, pois eles são o produto de nossas ações e comunicações. (MOSCOVICI, 2013, p. 40).

Desta forma, as representações vão emergindo a partir da comunicação e do comportamento dos indivíduos dentro do grupo, e sofrendo influência mútua. A história destes catadores e catadoras revela a preocupação constante de buscar uma melhoria para suas vidas. Mesmo com a dificuldade em encontrar empregos em virtude da falta de qualificação, estes sujeitos, às vezes, sequer procuram outras atividades, encontrando no lixão certa satisfação, como diz a catadora Palmeira: “não tinha dinheiro pra comprar as coisas, aí eu vim trabalhar aqui. Já vim direto pra cá. Já gostei logo daqui. Não cheguei a procurar outros empregos”. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). Com relação às demais subcategorias - ganhar dinheiro, indicação, amizade, autonomia e meio ambiente -, não chegam a gerar um conteúdo representacional, pois não se repetem na fala dos sujeitos pesquisados.

³¹Termo utilizado pelo psicólogo social, Fernando Braga da Costa, em sua tese sobre retratos biográficos de dois garis, posteriormente transformado no livro “Homens Invisíveis”.

³²Os percentuais obtidos não totalizam 100% porque as falas dos catadores e catadoras são recorrentes.

A categoria “Importância do trabalho” com o lixo realizado pelos catadores e catadoras foi outra categoria criada e como subcategorias encontramos: sustento da família, alegria, dinheiro, sobrevivência, amizade, atividade, gosto pelo trabalho, liberdade e meio ambiente.

O gosto pelo trabalho destaca-se como elemento principal, assim representado pelos catadores e catadoras:

Quando eu estou aqui, eu fico de peito aberto, fico, assim, cheia de vida quando eu estou trabalhando. Eu acho bom trabalhar aqui. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A importância daqui é como eu lhe falei [...] é o cabra arrumar a amizade e se é do cabra tá parado é melhor tá futurando uma melhora, é melhor do que ficar parado. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Aqui é muito bom de trabalhar. (IPÊ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eu gosto muito de trabalhar aqui. O dinheiro que ganho com o meu trabalho aqui serve pra ajudar nas despesas de casa. A gente também ajuda o meio ambiente, tirando daqui essas coisas que iam se acabar aí no lixão. Quero continuar trabalhando aqui, não penso em sair. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Porque eu não gosto de estar parada. Aqui eu gosto da folia. Eu trabalho aqui de manhã e de tarde [...]. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Porque eu gosto muito de trabalhar mesmo, de ajudar minha mãe no sustento da família e da casa. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

É importante porque eu gosto de trabalhar, eu não gosto de estar parada. Gosto de tirar meu dinheirinho daqui. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eu me sinto muito alegre, porque pra quem tem esse problema de depressão, tem que procurar um lugar que se sintam mais à vontade, né? (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A importância, pra mim poder ganhar dinheiro, pra poder comer, pagar minhas contas, para sobrevivência mesmo. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

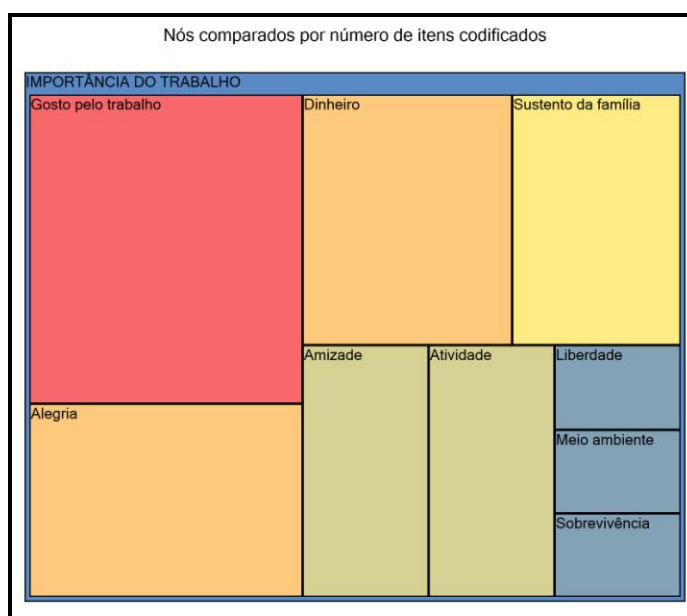
Minha filha aqui pra mim é bom demais, é onde eu tiro meu sustento e para dar para meus filhos. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

É muito importante, pois é daqui que nós tiramos o nosso sustento e ainda dá pra ajudar outras pessoas. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Merece ser destacado aqui que a atividade de catação, mesmo sendo desvalorizada diante de outras ocupações, por ser um trabalho considerado pesado, grosseiro, com sujeira e mal remunerado, é realizado por grande parte dos catadores e catadoras com muito gosto, como nos diz a catadora Amora: “Enquanto eu estiver viva eu quero continuar trabalhando aqui. **Eu amo Deus no céu e esse lixo aqui.** Eu me sinto muito feliz aqui [...]” (AMORA. Informação verbal, obtida em entrevista realizada com a catadora. Grifo nosso).

Na fala da catadora, o serviço é realizado por prazer, certamente a necessidade e a falta de qualificação também a conduzem para este trabalho, mas é a satisfação de executá-lo que se destaca. O dinheiro e a alegria estão colocados no mesmo patamar, na fala dos catadores e catadoras, afinal, é através dele que podem criar expectativas e construir sonhos de melhoria de vida, mas também procuram exercer esta atividade com alegria. Na figura 16, a representação “gosto pelo trabalho” ganha destaque.

Figura 16 – Diagrama da categoria “importância do trabalho”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

No diagrama, a subcategoria “gosto pelo trabalho” possui um conteúdo representacional de (50%) na fala dos catadores e catadoras, seguida de “alegria” (30%), “dinheiro” (30%), e “sustento da família” (20%). Estes depoimentos revelam as expectativas destes catadores e catadoras, cheios de significações, pontuados pela necessidade de ter o

dinheiro para a sua sobrevivência, o que trouxe novos valores a um tipo de trabalho que é exercido com alegria para poder enfrentar a realidade do seu dia a dia.

Os casos dos catadores e catadoras de Furna da Onça e das demais cidades brasileiras fazem parte de uma realidade de um grande número de pessoas, jovens, adultos e até idosos pobres das periferias urbanas, que veem na atividade de catação de material reciclável uma perspectiva de melhorar um pouco suas vidas. A dura realidade da ausência de estudos e a falta de experiência profissional para enfrentar as novas exigências do mercado do trabalho, os levam a este trabalho informal que, mesmo sendo difícil, é valorizado por eles, por gostarem ou, talvez, por desconhecimento de outras atividades.

Neste sentido, lembramos as palavras do catador Angico, que reafirma a difícil realidade antes vivida e agora melhorada com o atual trabalho com o lixo, sentindo-se feliz por isso.

[...] pra quem não tinha nada e passava fome bastante, hoje graças a Deus eu me sinto feliz [...] tenho pra mim almoçar e jantar e dar de comer quem chega na minha casa, ajudar pessoas que tão doente lá na cidade, em qualquer região que esteja [...] eu tenho sobrando, tenho reserva para ajudar aquela pessoa com 100, 200, 300 ou 500 reais, se for possível, nós se junta e ajuda [...] ajuda uma pessoa que não tem o que comer [...] quando eu vou abastecer minha geladeira, aquilo que tá bom de uso como, a carne eu dou pro meu vizinho que não tem [...] não deixo se estruir [...]. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Também chama a atenção no depoimento deste mesmo catador a valorização do atual trabalho no lixão, ao mencionar:

Tive que sair duas vezes para o Maranhão trabalhar de escravo para dar o sustento da minha família. Lá trabalhei 30 dias e cheguei em casa com R\$ 50,00 no bolso. Cheguei em casa a mesma coisa. Da segunda vez que cheguei do Maranhão, cheguei com R\$ 80,00 e lá trabalhei 35 dias. [...] depois que eu tô aqui eu vou na feira compro 20 quilos de carne pra semana, é 10 quilos de peixe [...] o trocadinho não falta no bolso[...].(ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Esta renovação de sua trajetória de vida, que tem como marco o início de seu trabalho com o lixo, é uma forma de se sentir integrado à vida laboral, de fazer parte de um grupo que trabalha, luta, está inserido em uma sociedade. Neste relato, o catador fala de sua experiência anterior, quando trabalhava para outras pessoas: “passava seis meses na propriedade dum [...] dum como é que diz [...] como morador. Em tudo que aquele proprietário começava a querer me humilhar [...] eu dizia, aqui não dá [...] já saía pra outro terreno”. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

A rotina de seus vários trabalhos para outras pessoas faz parte de seu passado, mas está sempre presente em suas lembranças. Enquanto isso, continua em seu trabalho de catação de material reciclável no lixão de Furna da Onça, mesmo sentindo-se “feliz”, alimenta a esperança de um dia poder encontrar outro trabalho “[...] enquanto eu não conseguir um emprego pra acabar de realizar meus sonhos [...] vou trabalhar aqui dentro[...]”(ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Portanto, para os catadores e catadoras, o trabalho por eles realizado possui grande importância, revelada por meio do gosto pela atividade, pelo dinheiro, pela alegria e pelo sustento da família, que está diretamente ligado ao dinheiro, e mesmo vivendo diante de muitas precariedades, em uma situação de pobreza, conseguem extrair bons momentos. Em se tratando de pobreza, Santos afirma que:

A pobreza existe em toda parte, mas sua definição é relativa a uma determinada sociedade. [...] A definição de pobreza deve ir além dessa pesquisa estatística para situar o homem na sociedade global à qual pertence, porquanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social. (SANTOS, 2009, p. 18).

Certamente, a pobreza é um problema social, cuja realidade é definida por influências de fatores econômicos, políticos e culturais de cada sociedade. A pobreza dos catadores e catadoras apresenta-se como um estado de privação não só de bens materiais, mas dos demais bens, como a educação, saúde, trabalho formal, lazer. E neste estado de privação vivem milhares de indivíduos em nosso país.

Esperantina não foge à regra, com pessoas vivendo em situação de pobreza, em especial, os sujeitos catadores e catadoras de material reciclável. Na tentativa de esquivar-se do problema da pobreza, o poder público, muitas vezes, trata o problema de forma isolada. Como afirma Santos:

Já não se afirmou que o pobre pode melhorar sua situação através do esforço individual, da iniciativa pessoal ou da educação? É dessa maneira que se alimenta a esperança da mobilidade ascendente, justificando, ao mesmo tempo, a sociedade competitiva. Assim, a pobreza é considerada apenas como uma situação transitória, um estágio necessário na mobilidade social, evitando-se procurar ideias para mudar esse estado de coisas. (SANTOS, 2009, p. 20-21).

Só que a pobreza não é transitória, ela permanece, é real, e enquanto uma diversidade de estudiosos procura explicar as suas causas, ela continua se expandindo em todos os países,

e de forma mais dura em países subdesenvolvidos. O fenômeno tem atraído olhares e suscitado teorias sobre as suas causas, mas Santos (2009, p. 13) alerta: “A abordagem do problema da pobreza nos países subdesenvolvidos é cheia de dificuldades e ciladas. [...] formulações teóricas falsas ou incompletas representam verdadeiras arapucas.”

As teorias são criadas para justificar a pobreza, bem como o crescimento econômico “necessário” para atender à demanda da população de pessoas de uma sociedade consumista, comandada pelo capital. E o capital “aprisiona o trabalho ao seu controle, exploração e hegemonia” (MOREIRA, 1987, p. 99) permitindo uma concentração de riqueza nas mãos de poucos e deixando as massas trabalhadoras com trabalho precário e vivendo na pobreza. Assim a relação trabalho x capital é uma relação onde os trabalhadores vendem sua força de trabalho ao patronato, que se utiliza desta para aumentar seu capital, seus lucros e sua riqueza pessoal.

A respeito da sociedade capitalista, que privilegia o consumo, evidenciamos o debate de Bauman e a constatação de que:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias. (BAUMAN, 2008, p. 20).

Os que não atendem a este apelo do sistema capitalista são relegados a último plano, são esquecidos, são invisíveis. Sobre invisibilidade Moscovici nos alerta:

Essa invisibilidade não se deve a nenhuma falta de informação devida à visão de alguém, mas a uma fragmentação pré-estabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, e que faz delas visíveis e outras invisíveis (MOSCOVICI, 2013, p. 31).

No caso dos catadores e catadoras, que são pessoas marcadas por privações sociais e econômicas ao longo de sua existência, eles não deixam, em sua espacialidade, de tentar reafirmar a sua luta, ao buscar estabelecer-se para tentar conseguir oportunidades de trabalho, a fim de tentar organizar suas vidas e de seus familiares, e buscar ganhar um pouco de visibilidade.

A categoria “trabalho organizado” reflete o modo como os catadores e catadoras de Esperantina (PI) se veem organizados, neste caso, em forma de associação e não em cooperativa, mais comum à realidade brasileira.

Segundo o Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), o conceito de associativismo está relacionado à adoção de métodos de trabalho que estimulem a confiança, a ajuda mútua, o fortalecimento do capital humano, entre outros fatores. Já o cooperativismo está ligado à união de pessoas para o atendimento de aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de sociedade coletiva.

De acordo com a Lei 5.764/1971³³, uma cooperativa, para ser constituída, necessita da formação voluntária de no mínimo 20 pessoas reunidas com objetivos comuns, de caráter econômico. Porém, esta lei já sofreu mudança com relação ao quantitativo de formação, através da Lei 12.690/2012³⁴. Além do foco econômico, as cooperativas devem trabalhar voltadas ao atendimento dos princípios de Rochdale³⁵. Dentre os sete princípios normatizadores do cooperativismo, estão o controle democrático pelos sócios e a participação econômica. Não cabe, nesta pesquisa, abordar o cooperativismo. Para isso, ver Magera (2005).

Porém, os catadores e catadoras, por desconhecimento da nova lei, por falta de orientação do poder público ou de organizações não governamentais, ainda imaginam ser o número mínimo de 20 pessoas para compor uma cooperativa e, por isso, optaram por uma organização em forma de associação.

A fala destes trabalhadores deixa claro que existe a falta de conhecimento de uma forma de organização que possa trazer benefícios, tanto sociais como econômicos, e que a força de um grupo conciso poderá ter grande peso. A catadora Aroeira deixa clara a função da associação, quando diz: “Aqui a associação é só uma forma de nós se organizar, mas não vem ajuda de ninguém, só de nós mesmo”. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

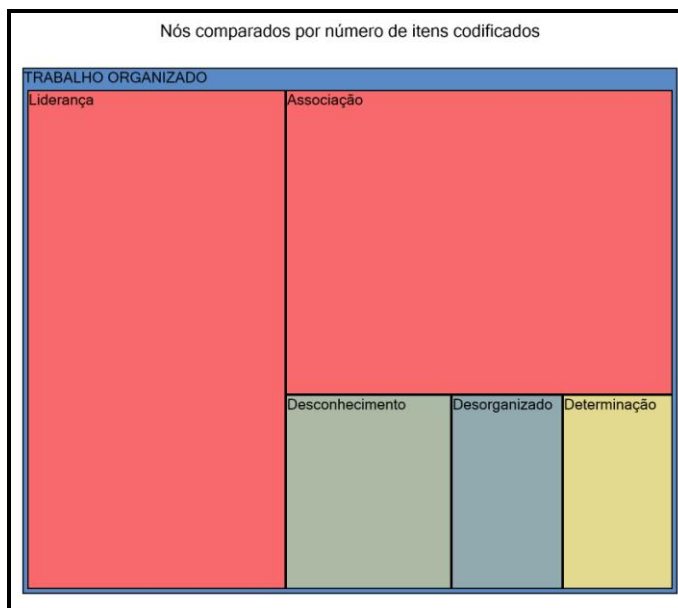
A Figura 17 mostra a representação que eles fazem do trabalho organizado em forma de associação.

³³A Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971, definiu a Política Nacional do Cooperativismo, instituindo as atividades decorrentes destas iniciativas.

³⁴A Lei 12.690, de 19 de julho de 2012, que dispõe sobre a organização e o funcionamento das cooperativas de trabalho, determina o número de sete sócios para a sua constituição.

³⁵Cidade de Manchester, na Inglaterra, onde surgiu o cooperativismo, no ano de 1844, através da cooperativa de consumo Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale.

Figura 17 – Diagrama da categoria “trabalho organizado”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

Liderança (80%) e associação (70%) estão representadas de forma bem próximas na fala dos catadores e catadoras, mas também estão presentes o desconhecimento (20%) da atuação da associação e a desorganização (10%).

A presença da associação está visível na narrativa da catadora Amora, quando indagada sobre a forma de organização do trabalho no lixão:

Existe associação organizada. Não tem líder. A associação aqui é o seguinte [...] ela foi formada [...] aí ela foi registrada em Cartório [...] aí o nosso líder, que nós podemos dizer que nós temos, é o vereador Paulo Brasil [...] foi ele que fundou a associação para nós [...] que antigamente nós fazia era roubar. Nós catava o lixo e jogava aqui para o lado de fora, pois o pessoal não deixava. Então, depois que a gente formou o grupo e a associação, foi tudo liberado pra nós trabalhar. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O desconhecimento e a desorganização aparecem com menor representação na fala dos catadores e catadoras, como afirmam Mamona e Mutamba, quando indagadas sobre a existência da associação: “Não sei, acho que sim” (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora) ou “Acho que sim. Não sei tão bem”. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora) ou, ainda, o catador Jucá: “Aqui é bagunçado, não tem nada organizado não” (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Assim, na categoria “trabalho organizado”, temos: associação, liderança, desconhecimento, desorganizado e determinação. O catador Angico, em sua fala, deixa evidente a dificuldade e o desconhecimento, sendo necessária a orientação por parte de um vereador, para a constituição da associação, mas também a liderança e a determinação destes ávidos trabalhadores.

Fui atrás do dirigente do lixão lá na Prefeitura. Aí o vereador [...] me informou [...] ele foi o primeiro que fui na casa dele [...] ele disse que não ia dar certo por que o cara lá era cara de pau e não ia apoiar. Que era melhor eu formar uma associação. Aí eu fui e cadastrei 20 pessoas [...] formamos a associação e com essas pessoas assistimos é [...] na base de 25 reuniões pra nós chegar na Promotora e ver qual era o direito que ela ia dar [...] aí eu cheguei na Promotora, marquei a reunião, assistimos a reunião [...] ela não aprovou na primeira reunião mas aprovou na segunda. Na primeira reunião ela se informou, e na segunda ela decidiu que nós poderíamos trabalhar. Então ficou faltando a assinatura do prefeito e ele massacrou mais a gente, porque ele se escondia da gente pra poder não assinar [...] até que assinou e estamos aqui trabalhando. Ficou na rotação eu como presidente, ficou minha esposa como vice-presidente, ficou outros mais [...] sei que cada função ficou um [...] ficou o presidente, o vice-presidente, suplente, fiscal [...] aí começamos a trabalhar [...] pra quem não tinha nada e passava fome bastante, hoje graças a Deus eu me sinto feliz [...] (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Portanto, a associação foi uma das alternativas encontradas por estes sujeitos para se fortalecerem e tornarem visível o seu trabalho. No entanto, esta associação simplesmente foi criada, não tendo mais nenhum tipo de apoio, de qualificação ou orientação. Conseguiram a permissão do poder público para a realização do trabalho no lixão, o que antes era proibido, mas permaneceram neste patamar.

Trabalham em condições de precariedade, não possuem infraestrutura, o trabalho realizado por seus associados é apenas para a sua sobrevivência, não tendo grande produtividade. Mas a responsabilidade não é só deles: estes “agentes ambientais” trabalham no limite de sua resistência física. É desta forma que outra catadora vê a organização deste trabalho, quando fala da associação dos catadores e catadoras:

Sim. Mais ela tá atrasada. Nós tinha o papel mais nós deixamos atrasar. Tem que pagar R\$ 500,00 no Cartório da Dona de Deus. Eu já fui presidente durante os últimos quatro anos, [...] desde julho passado eu sou a tesoureira. Aqui a gente só recebe dinheiro se trabalhar, a gente pode tá morrendo de doente, os problemas de mulher mesmo, tanto faz como tanto fez, só recebe se trabalhar. Pra você ver, a gente trabalha sem luva, essas botas eu consegui agora com o prefeito, mas não são todos que querem trabalhar com bota, uns calçam outros não, uns puxam prum lado, outros puxam pro outro, eu acho

assim que pra ser associação todo mundo tem que pensar igual e aqui não [...] aqui eu acho não é igual não. Quando é no inverno, aqui é na lama, você sente catinga. Aqui a associação é só uma forma de nós se organizar, mas não vem ajuda de ninguém, só de nós mesmo. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O associativismo nasceu da necessidade de os homens unirem seus esforços para alcançarem um objetivo comum. No Brasil, esta forma de organização data da segunda metade do século XIX. Segundo Jesus (2007, p. 145), “toda vez que um grupo de pessoas desejasse fundar uma associação – científica, religiosa, cultural, profissional [...] para organizar, explicitar ou defender seus interesses, [...] era obrigatório que pedissem autorização na delegacia mais próxima do local em que pretendessem se reunir.”

O trabalho de catação de resíduos inorgânicos, para posterior reciclagem, na maioria das capitais brasileiras, acontece ainda de forma amadora e informal. De acordo com estimativa do IPEA (2013), o percentual de trabalhadores ligados a cooperativas e associações neste setor está em torno de apenas (10%). Diante dos motivos elencados para a baixa adesão ao trabalho coletivo, está a desinformação para a constituição de cooperativas e associações, e a falta de conhecimento técnico especializado para a sua criação e gestão.

Na visão de Magera:

As dificuldades encontradas pelos catadores de lixo de rua para se organizarem em associações ou cooperativas fazem parte de um processo histórico e secular em nosso país; as camadas menos favorecidas não têm acesso ao crédito/financiamento e ficam nas mãos das instituições sociais, normalmente religiosas ou assistenciais que, com boa intenção, tentam ajudar, mas, na falta de uma visão mais profissional do trato com o lixo ou até com a própria gestão da associação/cooperativas, fracassam por não atenderem às expectativas econômicas, sociais ou ambientais da reciclagem do lixo. (MAGERA, 2005, p.106).

Estas são as grandes dificuldades encontradas por estes sujeitos, mas o trabalho dos catadores e catadoras, quando organizado via associação ou cooperativa, poderá constituir-se em uma alternativa para a melhoria da qualidade de suas vidas, embora necessite de melhorias de infraestrutura e qualificação, de engajamento.

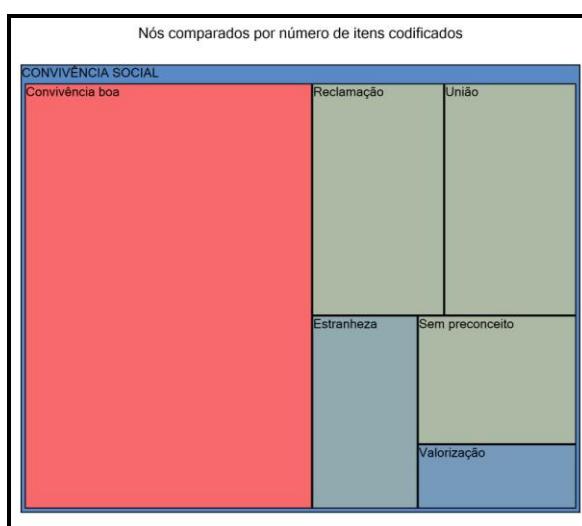
Como observou Bauman (2003, p. 48), “nenhum agregado de seres humanos é sentido como “comunidade”, a menos que seja “bem tecido” de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa. A ausência desta experiência é que leva à desintegração de um grupo e a atuação em conjunto promete mais ganhos do que perdas.

A categoria “convivência social” é considerada como boa. Quando se observa o desenrolar da realidade dos catadores e catadoras dos lixões ou das ruas de outras cidades brasileiras, podem-se verificar as múltiplas relações que englobam a vida cotidiana de homens, mulheres, crianças, adolescentes e idosos, que trabalham de maneira precária e são excluídos de uma vida social.

A partir de 2002 com a inserção na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), esta categoria profissional passou a ter melhor inserção na sociedade, e contou com uma melhor identificação em pesquisas PNAD e censos demográfico do IBGE. Nestas pesquisas, os catadores e catadoras eram identificados, muitas vezes, com nomenclaturas pejorativas, como “lixeiro”, vindo somente a ser substituída a partir do censo do IBGE de 2010, quando passou a receber o nome de “coletores de lixo e material reciclável, classificadores de resíduos e varredores e afins.” (IPEA, 2013).

Porém, para os catadores e catadoras de Esperantina (PI), o conteúdo representacional elaborado a partir da convivência com moradores do entorno do lixão (zona rural) e do contato com moradores da cidade é bom, sem preconceitos, com união e valorização por partes das pessoas. Apenas (30%) identificaram reclamação e estranheza na relação - é o que informa a Figura 18.

Figura 18 – Diagrama da categoria “convivência social”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

No diagrama acima, a “convivência boa” é representada por (80%) dos catadores e catadoras que, em seus relatos, afirmam conviverem de forma saudável tanto com os moradores do entorno, como os da cidade de Esperantina. (20%) representam a união

existente entre eles e (20%), reclamação. Convém lembrar que esta realidade se difere em outras cidades brasileiras.

Em pesquisa realizada pelo psicólogo Fernando Braga da Costa (2008), com os garis de São Paulo, trabalhadores estes que também lidam com o lixo, para o autor, mesmo no senso comum “é considerada a profissão mais desqualificada que existe.”

Tião, Moisés, Chico, Nilce, Bahia: estes homens-garis só se sentem bem quando distantes dos homens oficiais, dos humanos admitidos, em presença de quem são vigiados, são subalternos. Sinal paradoxal de resistência: os varredores encontram vez no espaço excluído: ali é bom estar. (BRAGA, 2008, p. 213).

Diante da constatação de que estes trabalhadores não eram tratados como seres humanos, criou-se o conceito de “invisibilidade social”. Diferentemente desta e de outras realidades, os catadores e catadoras de Furna da Onça, ao contrário, não se percebem discriminados e relatam uma boa convivência com a população do entorno do lixão e da cidade de Esperantina (PI). Verifica-se isso nos depoimentos a seguir, dos catadores e catadoras:

É muito bom, minha filha. Muito bom, graças a Deus. Com a população de Esperantina também é muito bom. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Tudo unido, não tem um vizinho aqui que tenha preconceito, recebe a gente na casa deles muito bem, palestra com a gente muito bem, brinca com a gente, são pessoas bem respeitadas. Tanto na população de Esperantina, como os daqui. É a mesma convivência, muita alegria, recebe a gente bem, trata a gente bem, com toda a educação. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

É bom. O convívio é bom. Eles vem aqui, acham muito importante o que nós fazemos aqui. Eu fico de peito aberto, cheia de felicidade. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O convívio, muito bom. Nós somos todos unidos aqui. Eles tratam bem. Não tem nada estranho, não. Logo eles veem que a gente precisa. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O convívio é bom. Ninguém zanga com ninguém, aqui todo mundo é unido. E com as pessoas da cidade é do mesmo jeito. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Nós somos uma família aqui dentro. Com as pessoas que moram aqui perto eles dizem que não sabem como a gente aguenta trabalhar aqui nesse lixão por causa dessa catanga. As pessoas da cidade dizem que a gente tem muita coragem de trabalhar aqui, pois a gente pode pegar alguma doença. Pra pegar doença em qualquer lugar a gente pega. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Na verdade, o espaço geográfico os une nesta atividade laboral, realizando as mesmas tarefas cotidianamente, mas o espaço não pode ser considerado apenas pelo aspecto físico.

Como observou Santos:

Se o espaço nada mais fosse que a forma física, isso seria totalmente verdadeiro; mas o espaço social distingue-se das formas vazias pelo próprio fato de sua cumplicidade com a estrutura social. Eis por que, com o desenvolvimento das forças produtivas e a extensão da divisão do trabalho, o espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classe. (SANTOS, 2012, p. 32)

E o autor vai adiante, quando afirma ser o espaço que une e separa os homens. Este movimento pode ser percebido em todo e qualquer espaço, mas, principalmente, nas cidades, que vão crescendo e promovendo a distância entre os homens, bem como, quanto mais complexo for o processo produtivo, maiores serão as cidades. E o que une no espaço é a função de mercadoria. Do mesmo modo, Moreira (1987, p. 96) diz que “é a burguesia [...] quem dá a direção e determina a forma do arranjo espacial”, ou seja, são as classes detentoras do poder que organizam a distribuição territorial da população distanciando os proprietários da força de trabalho, dos proprietários dos meios de produção.

Esperantina (PI) é um município de pequeno porte³⁶. Mesmo assim, necessitou segregar um espaço para o lixo, pois a cidade já não dá mais conta da produção crescente de resíduos produzidos pela população. Espaço e população também segregada, os despossuídos de educação, de renda, de inclusão social. Mesmo tendo uma boa convivência social, os catadores e catadoras são trabalhadores excluídos socialmente e segregados espacialmente.

Vivendo segregados, com carências diversas, estes sujeitos vivem ao abandono de sua própria sorte. Estamos diante da situação descrita por Santos:

A cidadania que falta não é apenas urbana, mas também e, sobretudo, a cidadania rural, para a qual contribuem conjuntamente o mercado e o Estado. O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se premunir contra as vacilações da natureza, de se armar para acompanhar os progressos técnicos [...] Esse homem do campo é menos titular de direitos que a maioria dos homens da cidade, já que os serviços públicos essenciais lhe são negados, sob a desculpa da carência de recursos para lhe fazer chegar saúde e educação, água e eletricidade, para não falar de tantos outros serviços essenciais. (SANTOS, 2012, p. 41-42).

³⁶Segundo o IBGE (2010), municípios de pequeno porte são os que possuem até 100 mil habitantes.

Tal situação é vivenciada diariamente pelos catadores e catadoras, os quais contam com a escassez de água e de outros benefícios, como assistência médica e de todo e qualquer serviço, vivendo no limite e necessitando de deslocamentos para a obtenção dos mesmos. São constrangimentos que impedem uma realização plena do indivíduo e da vida social, e a repetição constante destas práticas, por omissão do poder público, acabam por conduzir o indivíduo a se habituar e aceitar isso como normal.

Este fato é comum, principalmente em grupos que vivem em minoria. Moscovici (2013, p. 360) alerta para o fato de que eles necessitam de “reconhecimento [...] é isso que as minorias procuram. Elas de fato têm acesso a uma existência própria e à vontade de se tornarem maioria, somente na medida em que são reconhecidas por outros grupos.” É assim que eles se comunicam e se influenciam.

Na categoria “visão social do trabalho”, ou seja, como a sociedade percebe o trabalho dos catadores e catadoras, verifica-se o conteúdo representacional da incerteza de alguns, marcada pelo desconhecimento do que representa este trabalho para a sociedade.

Tomemos o relato da catadora Amora: “Eu acho que eles acham que nós estamos fazendo um trabalho muito bom”. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). Os pequenos fragmentos das falas destes sujeitos são reveladores da falta de conhecimento e reconhecimento por parte da população esperantinense acerca da importância do trabalho de catação de material reciclável.

Sem maiores informações, eles revelam algumas percepções das poucas pessoas que têm conhecimento desta atividade laboral. De acordo com a catadora Ameixa, “Veem bem. Ninguém nunca disse nada com a gente não”. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). No depoimento de Carnaúba, “As pessoas só dizem que tem muita gente que trabalha aqui, eles valorizam o trabalho da gente aqui. Antigamente, a gente saía daqui e ia fazer reciclagem até na cachoeira. Pegava o lixo de lá, tinha o carro que transportava pra cá, agora é que não tem mais”. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A sociedade esperantinense sequer tem o conhecimento real da quantidade de pessoas trabalhando no lixão, e o poder público municipal, que antes cedia um carro para levar estes trabalhadores, já não o faz. Na verdade, apenas a população do entorno tem maior conhecimento do trabalho destes catadores e catadoras.

A fala de alguns deles (as), de forma vaga, sem maior conhecimento, deixa isso evidente:

Vê de forma normal. Tudo tranquilo. Antigamente, quando se queimava o lixo, o pessoal aqui de perto reclamava, mais hoje ninguém queima mais nada, aí ninguém mais reclama. Até o mau cheiro vindo do lixo é muito difícil a gente sentir daqui. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Às vezes, vem gente da cidade olhar o nosso serviço. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

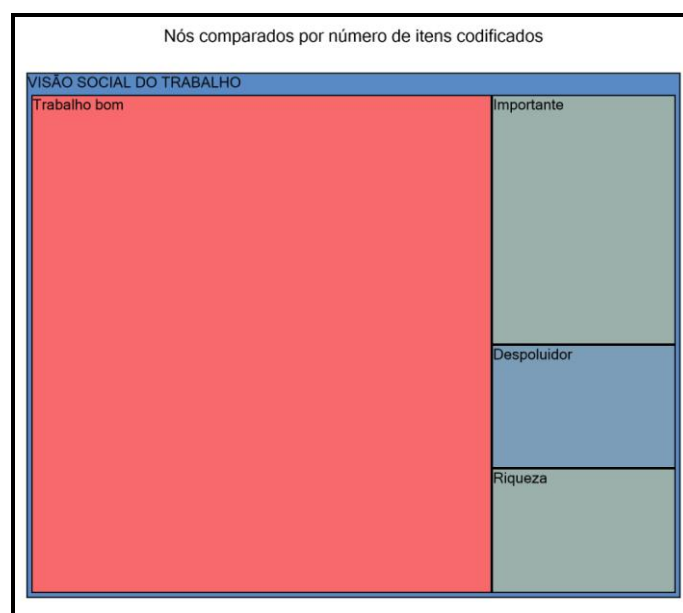
As pessoas veem com bons olhos. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

As pessoas veem com bons olhos. As pessoas respeitam nosso trabalho. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A população do entorno, quando se sentia prejudicada, reclamava. Atualmente, isso não mais ocorre. É esta população que convive na mesma espacialidade, que se encontra próxima desta realidade, que conhece as estratégias diárias de sobrevivência. Os demais não atribuem tanto significado a este trabalho, como enfatiza Sapucaia, quando mencionou, em sua fala, que algumas pessoas elogiam o trabalho desenvolvido por eles.

Portanto, o conteúdo representacional de trabalho bom foi evocado por (60%) dos catadores e catadoras e importante com (10%), despoluidor e riqueza, com menos de (10%). Esses conteúdos traduzem, na verdade, a visão social da população do entorno e de algumas pessoas da cidade, como nos mostra a Figura 19.

Figura 19 – Diagrama da categoria “visão social do trabalho”



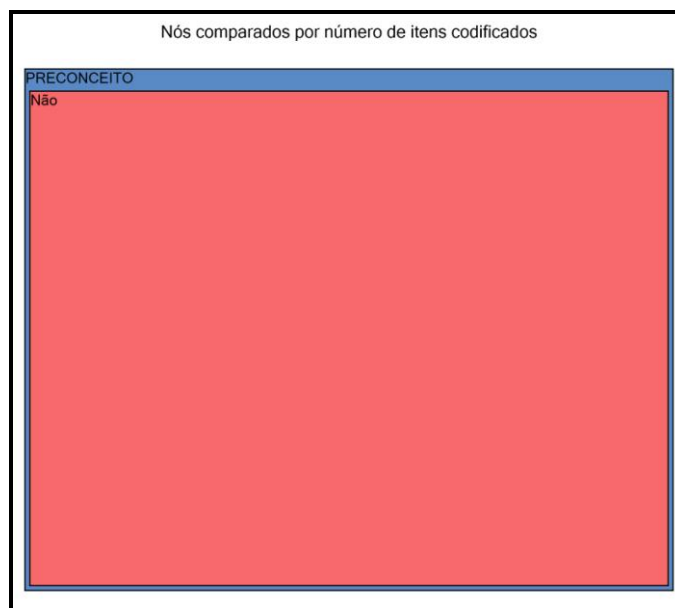
Fonte: Elaboração da autora (2015).

Assim estas pessoas vivem em um gueto, separados da vida social da cidade. Na definição de Bauman (2009, p. 16), “guetos involuntários são [...] a área a que estão confinados (excluídos de qualquer outro lugar), é um espaço do qual não lhes é permitido sair.”

Residentes há, no mínimo, 15 anos no entorno do lixão, estes catadores e catadoras já possuem identidade com este espaço, transformando-o em um lugar, e mesmo se não fosse assim, não teriam oportunidades de escolha de outro local para residirem, em virtude das diversas carências de que são possuidores.

Na categoria “preconceito”, os catadores e catadoras, ao serem indagados se em algum momento de sua trajetória de trabalho com o lixo, teriam sofrido algum tipo de preconceito por parte das pessoas, (100%) dos sujeitos entrevistados foram enfáticos ao afirmarem não terem sofrido qualquer discriminação ou preconceito. Assim está disposto na Figura 20.

Figura 20 – Diagrama da categoria “preconceito”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

É o que se percebe nos relatos abaixo, dos catadores e catadoras:

Não, não, não. Graças a Deus não. Tudo em paz. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Até hoje não. Até hoje eu tenho uma boa amizade com as pessoas. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não. Nunca sofri preconceito por trabalhar aqui. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não, graças a Deus não. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Até agora não. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não. Nunca sofri preconceito. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Nunca sofri nenhum preconceito. (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nunca sofri nenhum preconceito. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Eu só venho à tarde pra cá, pela manhã eu fico na minha casa fazendo as minhas coisas. Nunca tive nenhum problema aqui. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nunca sofri nenhum tipo de preconceito por parte das pessoas. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Nunca sofri nenhum preconceito por trabalhar aqui. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Ninguém nunca nos tratou de forma diferente. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

O conteúdo representacional da categoria “preconceito” chama a atenção pelo fato de (100%) dos catadores e catadoras afirmarem não sentir preconceito por exercer o trabalho com o lixo. Realidade esta bem diferente vivenciadas em outras cidades brasileiras. Em pesquisa realizada em Maceió (AL), Stroh revela que:

“Diversos depoimentos exprimem o contundente sofrimento do se sentir alvo da humilhação resultante do preconceito social, por meio do qual a pessoa do catador sente-se vista pela sociedade com indiferença, desprezo e mais ainda, com repugnância, sustentada na representação estigmatizada do catador de lixo como alguém sujo, porque vive na imundície do lixo.” (STROH, 2009, p. 69).

A ausência de preconceito relatada pelos catadores e catadoras de Esperantina (PI) provavelmente possa ser entendida pela falta de maior contato desses sujeitos com os cidadãos, já que esses não cultivam o hábito de visitar o lixão, muitos sequer sabem de sua localização. Já os catadores e catadoras quando se dirigem à cidade vão como consumidores na aquisição de alimentos ou outros bens, não sendo identificados como trabalhadores do

lixão. Com relação aos moradores do entorno do lixão, a situação de vida é semelhante, todos esses moradores vivem excluídos da cidade.

Desta forma, observa-se que se sentem bem, apesar da difícil vida laboral que enfrentam em seu cotidiano, não sentindo o preconceito por parte das pessoas. Assim, recorremos a Santos (2012a, p. 39), “[...] revalorizar o trabalho e o próprio homem, para que ele não seja mais tratado como valor de troca.”

A atividade laborativa destes trabalhadores deve ser valorizada, a fim de que possam ser estabelecidas bases de um espaço para unir os homens para e por seu trabalho, pois segundo o supracitado autor, o espaço de trabalho do homem não deve ser uma matéria-inerte, mas, sim, um espaço *natureza social*, que esteja aberto à valorização dos seres humanos, que seja um instrumento de reprodução da vida e não “uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria” (SANTOS, 2012, p. 41).

A categoria “visão do poder público” é representada pelos catadores e catadoras como uma situação de descaso e ajuda mínima, pois desde a permissão da Promotoria Pública e Prefeitura de Esperantina (PI), estes catadores e catadoras raramente são contemplados com algum tipo de benefício, os quais são caracterizados apenas por equipamentos de proteção, como afirmam os mesmos:

O prefeito outro dia veio aqui e deu umas botas pra nós e umas luvas de couro. Só que as luvas que ele deu não presta porque são muito duras e não serve para pegar o material. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

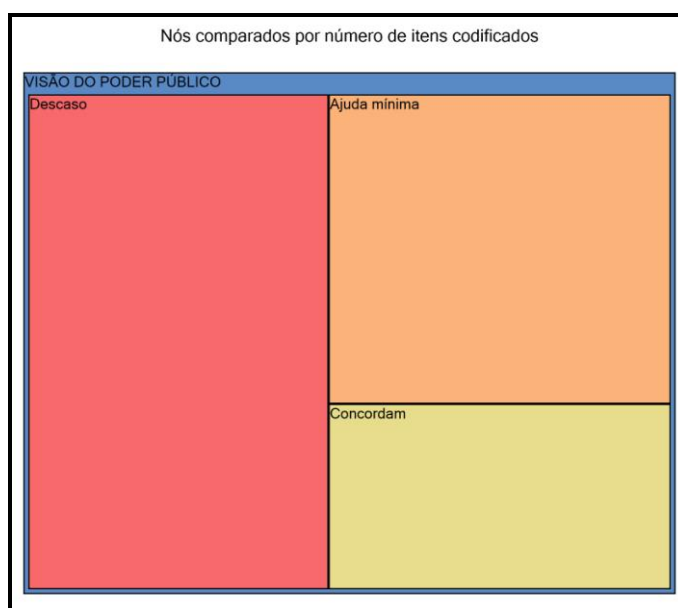
[...] a gente conversou com a vereadora [...] e ela disse que ia falar com o prefeito pra arranjar umas botas. Aí eu perguntei pra ela assim: será que essas botas chega aqui ou vai ficar lá? Ela disse: chega aqui. Aí chegou as botas, luvas, vieram entregar aqui dentro do lixão. Recebemos. Agora só que é o seguinte: vereadores de Esperantina, prefeito eu só cheguei a ver ele três vezes. Eu não vou falar mal deles porque ele é uma pessoa que cuida dele e eu sou uma pessoa que cuida de mim. Mais de qualquer maneira, vereador em Esperantina eu só conheço um, o [...] fazer um projeto e não ficar só no papel, faz o projeto e amostra, é o único vereador que eu conheço, os outros a gente só conhece no período eleitoral, quando chega no início da eleição, eles não deixam mais a gente dormir de noite. Quando você deita chega um e bate na porta [...] rapaz tu vai votar pra quem? Vou votar pra fulano. Rapaz não vota pra fulano não, vota no meu candidato [...] é a vez que a gente vê o político da cidade. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Na fala dos catadores e catadoras, há a constatação de que o poder público pouco faz para melhorar a precariedade do trabalho, e que os trabalhadores são percebidos somente em período eleitoral, quando são procurados e lhes prometem mudanças de acordo com as

peculiaridades do lugar ou de seus habitantes. Tais promessas acenam para melhorias individuais que dificilmente são cumpridas.

A Figura 21 apresenta o conteúdo representacional dos catadores e catadoras como “descaso” (50%) e “ajuda mínima” (30%) por parte do poder público, enquanto a representação de “concordam” (20%) apenas evidencia a permissão por parte do poder público para a realização da atividade laborativa, não a valorização ou o reconhecimento deste trabalho.

Figura 21 – Diagrama da categoria “visão do poder público”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

A representatividade política é de suma importância na democracia de um país, e é por sua distorção que a vontade do povo se desfigura. Uma opinião pública amadurecida na prática representativa responderia de outra forma a este engendramento político que aí está configurado. Desta forma, a atividade parlamentar seria mais prudente e a população habituar-se-ia a práticas que ultrapassariam o dia das eleições e as campanhas eleitorais, e seria obtida a fusão da prática democrática com a experiência vivida por cada qual, transformando a vida em uma escola de democracia (SANTOS, 2012b, p. 91-92).

Momentos como os acima citados pelos catadores e catadoras não aconteceriam se houvesse uma consciência sobre a importância de seu trabalho para toda a sociedade esperantinense.

Bauman (2008, p. 243-253) observou que os cidadãos devem ser autônomos, livres para expressar suas opiniões, bem como a sociedade como um todo também deve ter esta

mesma autonomia, ser livre para sugerir suas leis, sabendo que todo e qualquer benefício da lei é fruto do exercício desta liberdade.

Mas o que se vê são inversões de valores das elites instruídas durante o período eleitoral, e que a equidade, a justiça, o bem público, a boa sociedade ou a cidadania efetiva, são conceitos significativos e que merecem ter uma ação voltada para os mesmos.

Mas esta autonomia e liberdade não têm ocorrido efetivamente, o que se tem percebido, principalmente pela ausência dos poderes institucionalizados em ações que estejam voltadas para o aprimoramento da atividade laboral dos catadores e catadoras.

Ausência esta visível na fala do catador Jucá, quando indagado sobre como é visto o trabalho dos catadores e catadoras pelo poder público: “Essa parte aí, eles não se importam mais não”. (Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador). Ou no depoimento de outros catadores e catadoras, conforme segue:

Não recebemos nenhum apoio. Eles não atrapalham, mas também não ajudam. Até água que é pra vir pra nós, que nós sofremos problema de água, eles ainda não mandaram. Mandaram no mês passado uma vez e nunca mais. Nós tiramos água dos poços alheios. Nós somos esquecidos. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eles nem andam aqui. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Às vezes, a Prefeitura manda algumas botas pra gente. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Aqui eles não fazem nada não. Aqui tudo é por conta da gente mesmo. Antigamente, eles andaram por aqui [...] há uns três anos atrás. Mais aí largaram de mão. Foi no tempo do Felipe. No tempo do prefeito Felipe Santolia, ele andou por aqui. O prefeito Chico Antônio também andou por aqui também. Só pra olhar. Só promessa que eles faziam e nunca que traziam. No tempo do Felipe ele trazia luvas, botas. A luva e a bota é importante aqui dentro. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A Prefeitura, às vezes dá luvas e botas pra gente. É a única ajuda que eles nos dão. Nada mais. (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não tenho conhecimento da vinda deles aqui não. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eles deixam claro que estão abandonados, que existem diversas necessidades não atendidas e que estão relegados à sua própria sorte.

A categoria “Problemas” diz respeito às questões enfrentadas com o trabalho no lixão e os possíveis riscos para a saúde. A representação que os catadores e catadoras fazem sobre os aspectos da saúde nos remete a uma problemática preocupante, ou seja, não existe o conhecimento dos riscos reais que o trabalho com o lixo pode trazer para cada um destes trabalhadores (as), já que realizam as suas atividades com a crença de que estão imunes a qualquer doença e de que o máximo que lhes pode acontecer são perfurações, por conta da grande presença de objetos cortantes no lixão.

A Teoria da Representação Social enfatiza que a investigação nos possibilita especificar a maneira como a representação social molda a realidade em que as pessoas vivem, modificando comportamentos em relação a esta realidade (MOSCOVICI, 2013, p. 96).

É desta forma que a realidade dos catadores e catadoras se apresenta, com a representação da não-doença, da imunidade, e isso faz com que trabalhem sem receios e sem proteção. Esta crença é claramente perceptível na fala dos catadores e catadoras:

Aqui que eu saiba não tem problema não. Minha filha o problema que eu vejo aqui é que o lixo ele vem misturado com muita terra se ele viesse separado era melhor pra nós, porque ele fica muito pesado pra nós. Com relação aos problemas de saúde não existe até agora graças a Deus nenhum problema de saúde pra nós. Nunca tivemos doença por trabalhar aqui no lixão. **Esse trabalho não afeta nossa saúde.** (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora, grifo nosso).

Aqui tem muita coisa, porque aqui dentro tem muita coisa de resto de saúde que não era pra vir junto e vem. Essa parte era pra vir separada e tá vindo tudo junto e aí é perigoso, umas agulhas daquelas é perigoso, você se fura. O risco que tem pra nossa saúde é que a gente nunca tem o preparo completo, aqui ninguém tem as luvas, nem as botas. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Os cacos de vidro, as agulhas do hospital. Hoje de manhã veio tudo misturado, o lixo com as agulhas do hospital e às vezes vem até o lixo do matadouro tudo misturado. Eu não uso luva, só bota. Mas graças a Deus nunca aconteceu nada comigo, só caco de vidro que às vezes a gente se corta. Mais o resto tá bem. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Até hoje nunca tive nenhum problema de saúde aqui não. Só uma vez que eu cortei meu pé, aí botou muito sangue, aí uma amiga cuidou de mim, levou ali pra casa dela, me levou de moto para o hospital. Foi um corte pequeno mais profundo no meu pé, mais sarou depressa. Foi a única coisa que me aconteceu aqui, mais nada. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Já me feri com caco de vidro aqui no lixão, mas não foi nada grave. Nunca tive nenhum outro problema, nenhuma doença de pele, nem

respiratória, nada. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

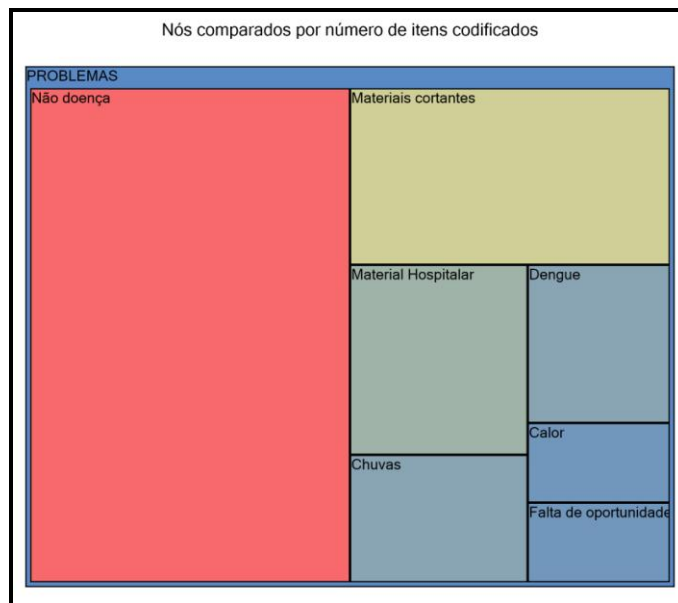
Tem. Quando vem agulha, a gente pode se furar. Vem tudo misturado, até osso do matadouro, pena de frango que era pra eles jogarem longe e eles estão jogando perto. No inverno também tem o perigo do mosquito da dengue. Às vezes eu também sinto uma coceira no corpo, acho que é por causa da sujeira que gruda no corpo da gente. Mas fora isso, eu nunca tive nenhuma doença não. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Nunca adquiri nenhuma doença por trabalhar no lixão. **Não vejo nenhum perigo para nós.** (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora, grifo nosso).

Pra mim não existe nenhum risco de saúde não. Até hoje nunca contrai nenhuma doença aqui. Nunca usei nenhum material de proteção, já deram aqui, mais eu não gosto de usar, pra mim não é proteção. Só uso bota no inverno por causa da meladeira. No verão não uso, esquenta muito. **Aqui nunca tive nenhum problema de saúde.** (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora, grifo nosso).

A Figura 22 apresenta a forma como os catadores e catadoras representam os problemas enfrentados no trabalho com o lixo e quais os riscos que os mesmos percebem que têm para sua saúde.

Figura 22 – Diagrama da categoria “problemas”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

A palavra “doenças” aparece em quase (90%) da fala dos catadores e catadoras como possibilidade inexistente de serem contraídas no simples trato com o lixo, o que se revelou na fala da catadora Amora: “Nunca tivemos doença por trabalhar aqui no lixão. **Esse trabalho**

não afeta nossa saúde". (Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora, grifo nosso).

Esta possibilidade somente passa a existir quando surge a presença de "material hospitalar", segundo suas narrativas. Os "materiais cortantes" (30%), como os cacos de vidro, também aparecem em suas representações apenas como uma forma de se cortarem sem, no entanto, trazerem maiores danos. Fatores como "chuvas", "dengue", "calor" e "falta de oportunidades" aparecem em suas falas, mas com pouca representatividade.

A percepção de problemas com o trabalho está voltada para a questão dos materiais cortantes. A denúncia repete-se na fala de alguns catadores e catadoras com relação aos resíduos de serviços de saúde³⁷, que apresentam riscos à saúde pública e ao meio ambiente, devido à presença de agentes biológicos.

Segundo a Resolução nº 283, do CONAMA, são considerados resíduos do grupo A³⁸ os objetos perfurantes ou cortantes, provenientes de estabelecimentos prestadores de serviços de saúde, e do grupo B, os medicamentos vencidos, não utilizados, impróprios para consumo. Medicamentos vencidos e seringas foram encontrados no lixão. De acordo com o art. 4º, da referida Resolução, caberá ao responsável legal pelo estabelecimento de saúde o gerenciamento destes resíduos, a partir da geração até a disposição final em locais devidamente autorizados pelos órgãos ambientais integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) e Sistema Nacional de Vigilância Sanitária.

Para os catadores e catadoras, os riscos que conseguem associar à saúde estão relacionados basicamente aos materiais hospitalares e à dengue ou, ainda, a alguma reação na pele, mas para os quais não dão tanta importância, conforme depoimento da catadora Sucupira: "no inverno também tem o perigo do mosquito da dengue. Às vezes eu também sinto uma coceira no corpo, acho que é por causa da sujeira que gruda no corpo da gente" (Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Além destas observações, não há outras preocupações nos conteúdos representacionais dos catadores e catadoras, no que se refere aos perigos no trabalho com o lixo.

Na categoria "consumo do lixo", buscamos informações do que é utilizado para consumo pessoal proveniente do lixão. Diferentemente do que ocorre na capital, Teresina/PI, onde segundo matéria publicada, "quando chega um caminhão do Carvalho ou outro

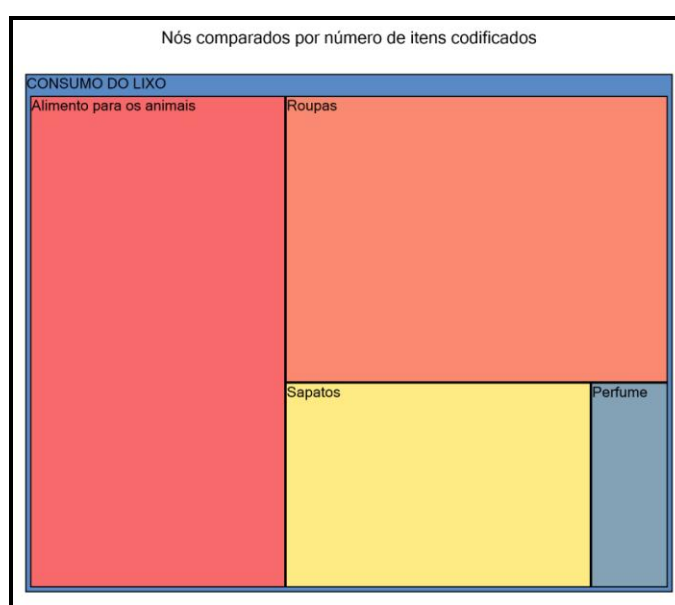
³⁷Segundo a Resolução nº 283, de 12/07/2001, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), resíduos de serviços de saúde são os provenientes de qualquer unidade que execute atividades de natureza médico-assistencial humana ou animal.

³⁸Ainda de acordo com esta Resolução, existem os resíduos do grupo A, B, C e D, sendo que os três primeiros representam risco à saúde pública e ao meio ambiente.

supermercado que, com estoque velho para se desfazer [...] tem gente que vai lá e pega para levar para casa e comer [...] de arroz à carne, todo tipo de comida, aparece aqui”. (www.portalodia.com).

Os catadores e catadoras de Esperantina não fazem uso de alimentos para consumo pessoal, mas o recolhem para alimentar os animais que criam em suas residências, e fazem uso de roupas, sapatos e perfumes encontrados no lixão, desde que estejam em bom estado de conservação, o que está representado através da Figura 23.

Figura 23 – Diagrama da categoria “consumo do lixo”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

Através do diagrama acima, a fala dos catadores e catadoras sobre o que é consumido do lixão revela que (50%) retiram apenas alimento para os animais, (40%) fazem uso de roupas e (20%) de sapatos. É o que nos afirmam:

Só o material que eu vendo e compro o alimento. Do lixão nós não aproveitamos nada pra comer, só o material que nós vendemos (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não. Só levo pros meus animais, pros meus porcos, os restos de comida. Mas outra coisa não. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Aproveito só comida para os porcos, como arroz, por exemplo. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não dá pra aproveitar nada não, pra gente usar, só às vezes quando a bota da gente acaba e o dinheiro da gente só dá mesmo pro nosso consumo, não dá pra comprar outra, aí se a gente achar algum sapato fechado, às vezes a gente

acham também alguma calça jeans com selo ainda, aí a gente pega. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Só algum resto de alimento para os animais. (IPÊ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Roupa, aqui e acolá a gente também acha novinha. Comida, a gente só leva pros bichos. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Às vezes eu acho chinelo, às vezes vem roupa novinha com etiqueta e também comida pros porcos. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não. Só trago comida pros porcos. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. O que eu tiro daqui é pra vender e comida pros porcos. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nos depoimentos dos catadores e catadoras, emergem palavras de que o interesse maior está voltado para o material que pode ser vendido para dele retirar o seu sustento, afinal, são estes produtos que alimentam o mercado de descartáveis. Percebemos que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, os trabalhadores estão no espaço do lixão em busca de sua sobrevivência, retirando dali o que pode ser vendido, não revelando maiores interesses em produtos para uso pessoal.

Como afirmou Santos (2012a, p. 61), a sociedade não se organiza por acaso, ela reúne-se mediante uma seletividade histórica e geográfica, traduzidas pela necessidade, que vislumbram possibilidades da sociedade em um dado momento. Eis porque os catadores e catadoras estão reunidos em uma atividade laboral no espaço do lixão. A necessidade de sobrevivência os levou a selecionar este espaço, criando expectativas de melhorias.

Na categoria “renda e sobrevivência”, ao serem questionados sobre os resultados financeiros obtidos do trabalho com o lixo, se são suficientes para a sua sobrevivência, (60%) dos catadores e catadoras relataram que sim, contra (40%) que declararam ser insuficiente a renda proveniente de seu trabalho para ter uma vida digna.

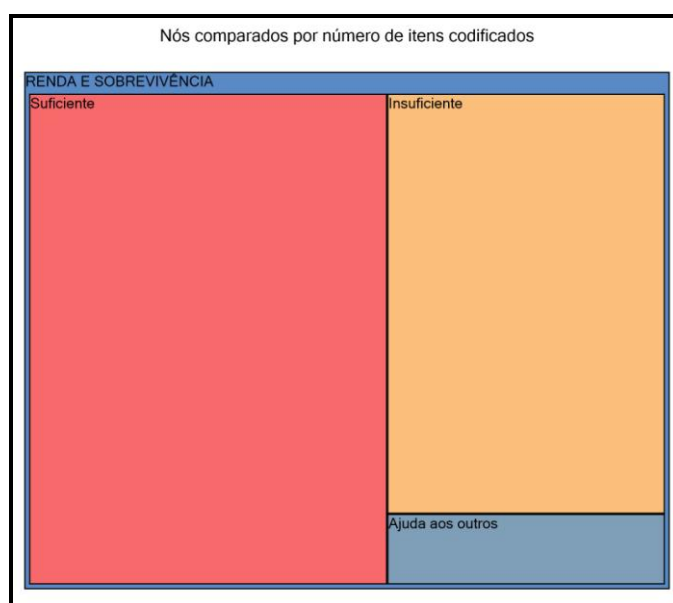
De acordo com relatório do IPEA (2013), a renda adquirida pelos catadores e catadoras difere entre as regiões brasileiras, sendo a região Sudeste a que possui maior rendimento entre os catadores e catadoras, com um valor de R\$ 629,89, em 2010³⁹; e a região

³⁹ O salário mínimo deste ano era R\$ 510,00. Ou seja, na região Sudeste, os catadores e catadoras, em sua atividade laboral, percebiam valor superior ao salário mínimo da época.

Nordeste é tida como inferior, onde a renda obtida através do trabalho destes sujeitos está abaixo da média nacional, ou seja, inferior a R\$ 476,00.

Em Esperantina, os catadores e catadoras que nunca possuíram carteira assinada, segundo seus próprios relatos, portanto, estão habituados a uma vida somente com o mínimo necessário para a sua subsistência, e representam, em sua maioria, como suficiente a renda para a sobrevivência, outros como insuficiente, e ainda há quem diga que diante do pouco que ganham, dá para ajudar aos outros. Observando a Figura 24, os dados podem ser verificados.

Figura 24 – Diagrama da categoria “renda e sobrevivência”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

De acordo com os relatos dos catadores e catadoras:

Pra mim, dá que sobra. Pra mim almoçar bem, ajudar as pessoas e ainda sobra. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Sim, com a ajuda do meu esposo, dá. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

É o jeito, mais ou menos. Pra mim mesmo, o mais que eu ganhei aqui com os plásticos foi R\$ 250,00, às vezes por mês. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

É não. A pessoa tem que procurar outro meio para outro lado. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Na minha casa é eu e meu marido, meu filho, minha nora e meu sobrinho. E ele ainda me ajuda. Meu sobrinho também trabalha aqui. Dá pra gente ir

enganando o feijão, pra ir escapando, porque não tem outro serviço mesmo. Mas dá pra tirar mais de um salário mínimo aqui. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Dá para sobreviver. (IPÊ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Dá pra sobreviver, ajudar em casa e comprar minhas coisas. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

É [...] dá pra ajudar um pouco. Eu não tiro mais que um salário mínimo porque eu não trabalho mais todo dia. Eu não apanho plástico, eu apanho só alumínio e vidro. Eu vendo lá na rua [...] Se eu levar hoje, hoje mesmo eu já vendo. Ele compra a latinha, o alumínio, o vidro. Ele só não compra nem o papelão, nem o plástico. Ele compra pra levar pra Teresina. Ele é um dos compradores. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Às vezes dá e às vezes não dá. Depende muito do que a gente junta lá. Eu junto muito plástico, ferro, pneu. A gente vendia muito pneu, mas agora estamos vendendo pouco. O carro que vem de Barras, agora tá comprando só garrafa pet, alumínio e fio de cobre. Às vezes, dá um salário mínimo. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Não. Não dá. Até porque eu não trabalho direto aqui. Às vezes, eu venho só pela manhã, ou só à tarde. (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

É. Eu tiro menos de um salário mínimo, mas dá pra sobreviver. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nestes relatos, verifica-se uma dualidade entre o suficiente e o insuficiente. Mas o que consideram suficiente ainda não lhes permite um viver que contemple o atendimento de suas necessidades primordiais. O desenvolvimento do ser humano é um requisito necessário para se ter uma vida digna e, partindo deste princípio é que o Programa das Nações Unidas (PNUD) criou este conceito, que está voltado para as capacidades e oportunidades que as pessoas devem ter para ser o que desejam. Esta perspectiva procura ver a sociedade não apenas pelo viés econômico, mas pelo seu bem-estar, sendo que a renda é vista como um meio para o desenvolvimento e não como o seu fim.

O Relatório de Desenvolvimento Humano 2013 (RDH)⁴⁰ instituiu o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que considera a saúde, educação e renda como pilares e

⁴⁰ O Relatório de Desenvolvimento Humano é um documento publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que visa a aumentar a conscientização sobre o desenvolvimento humano em todo o mundo.

como medidas para avaliar o desenvolvimento humano. De acordo com este índice, o padrão de vida (renda) é medido pela Renda Nacional Bruta (RNB) *per capita* expressa em poder de paridade de compra (PPP), constante, em dólar, tendo o ano de 2005 como ano de referência.

No Brasil, é utilizado pelo governo federal e por administrações regionais, através do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Estas informações são disponibilizadas no Atlas do Desenvolvimento Humano, que identifica o IDHM de Esperantina de 0,605, em 2010, situando o município em uma faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM) entre 0,600 a 0,699 (PNUD, 2013).

O município de Esperantina ocupa a 4029^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros, ficando o maior IDHM para São Caetano do Sul (SP), com 0,862, e o menor para Melgaço (PA), com 0,418 (ATLAS BRASIL, 2013).

Mesmo estando em uma posição de índice de desenvolvimento médio, o município ainda deixa a desejar, principalmente no que se refere à renda de sua população. Conforme a Tabela 3, que trata das desigualdades sociais, percebe-se que muito ainda há que ser melhorado.

Tabela 3 - Renda, pobreza e desigualdade em Esperantina (PI)

	1991	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	114,84	167,88	293,39
Pobres (%)	79,63	67,17	37,61
Extremamente pobres (%)	56,74	37,37	18,75

Fonte: PNUD. Adaptado pela autora.

Embora a renda *per capita* média de Esperantina tenha tido um crescimento de 155,48% nas duas últimas décadas, passando de R\$ 114,84, em 1991, para R\$ 293,39, em 2010, o município requer a adoção de políticas públicas voltadas para o bom desenvolvimento humano, pois possui (56,36%) da população vivendo na condição de pobre e extremamente pobre, de acordo com os dados do PNUD (2010).

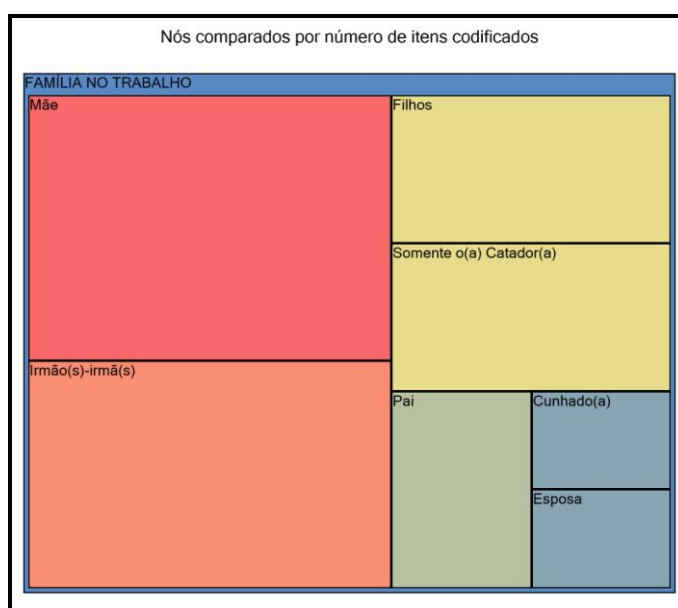
Para Santos (2009, p. 36-37), existe uma relação entre necessidades e recursos, e se esta relação fosse adequadamente modificada, haveria recursos suficientes para atender a toda uma população. O que ocorre, porém, é que os recursos são mal distribuídos, atendendo a uma parcela menor da população e deixando uma grande parcela à margem do bem-estar social.

Ainda segundo o autor, a abordagem do problema da pobreza deve levar em consideração os efeitos da modernização tecnológica, em nível internacional e local. Este mecanismo é marcado por uma dialética: de um lado, introduzindo um número de pessoas ao

mercado de trabalho através de empregos recém-criados, e de outro, expulsando um número maior, criando de uma só vez o “subemprego, o desemprego e a marginalidade” (SANTOS, 2009, p. 42).

A categoria “família no trabalho” foi criada para identificar o envolvimento de outros membros da família do catador e catadora no trabalho de catação de material reciclável. Através da Figura 25, constatamos a presença de outros membros envolvidos, configurando-se em uma realidade onde existe a necessidade da presença familiar para complementar a renda.

Figura 25 – Diagrama da categoria “família no trabalho”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

A presença da mãe na atividade de catação representa (50%), enquanto irmãs(ãos) somam (40%), filhos(as) e somente o catador, (20%); os demais, pai, cunhado(a) e esposo(a) possuem pouca representatividade. Na fala dos catadores e catadoras, constata-se a presença de alguns membros da família de quase todos eles, com algumas pequenas exceções, conforme se verifica nas falas dos catadores e catadoras:

Dois filhos meus trabalham aqui. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Tem uma irmã minha e a minha mãe. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Minha mãe. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não, só eu mesmo. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Minha família. Minhas irmãs, minha mãe. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Meu pai, minha mãe e meu irmão. (IPÊ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Só eu e minha filha. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Meus filhos e eu trabalhamos aqui. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Trabalhavam. Tinha três filhos meus, meu esposo, duas noras. Só eu continuo aqui. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Minhas irmãs e minha mãe. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Meus irmãos e minha mãe. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Não. Meu marido trabalhava aqui mais agora não trabalha mais não, ele tá na roça. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A pobreza em que vivem os catadores e catadoras faz com que alguns membros da família se envolvam no trabalho com o lixo, a fim de angariar mais rendimentos na tentativa de melhorar a sua qualidade de vida. Dos quinze catadores e catadoras que trabalham no lixão de Esperantina, doze moram nas proximidades, em casas simples, sem fornecimento de água da AGESPISA e de forma bem precária.

A realidade destes sujeitos é bem diferente da brasileira, onde (93%) dos catadores e catadoras são urbanos, (99%) têm acesso à energia elétrica, (49,8%) usufruem de saneamento básico, com água encanada e rede de esgoto, (17,7%) dos domicílios de catadores e catadoras possuem computador (IPEA, 2013).

Os catadores e catadoras do município de Esperantina vivem em zona rural, possuem energia elétrica em sua quase totalidade, mas não possuem água tratada, nem saneamento básico, e desconhecem computador.

A categoria “visão da família” procurou identificar a representação social que os membros da família fazem com relação ao trabalho de catação de material reciclável, principalmente os que não trabalham no lixão, apenas usufruem dos benefícios obtidos do

local. Os catadores e catadoras representam a visão da família, em sua maioria, como “trabalho bom”.

Vejamos algumas falas:

Eles pensam [...] o pensar deles é o seguinte [...] eles ganham o dinheiro deles, compram a boa roupa, compram um bom perfume pra eles, não andam liso e não precisam me pedir. Papai me dê um par de chinelos, uma muda de roupa, porque é suficiente pra eles se manter e ainda me ajudar com açúcar, café, pão. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eles acham muito bom, minha mãe ela adora o serviço. Nós todos adoramos trabalhar aqui. (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eles gostam, não reclamam de nada não. É melhor trabalhar do que roubar. (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Nada, eles dizem que é bom, pois tá ajudando nas despesas. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

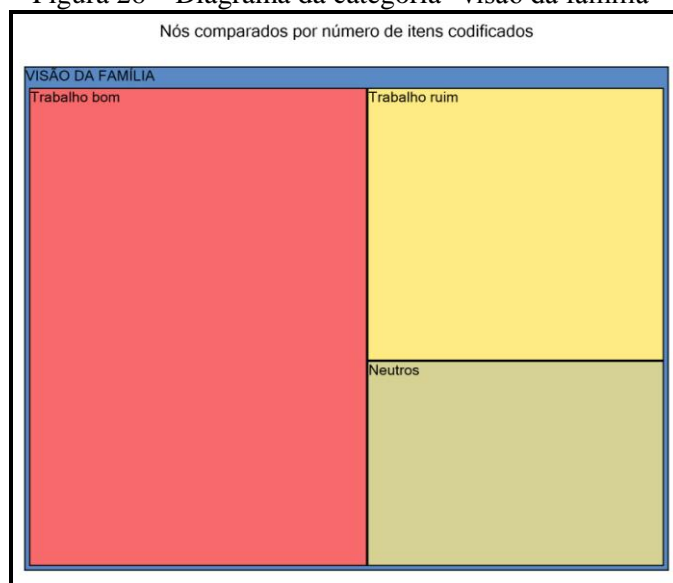
Eles acham muita vantagem de eu trabalhar aqui. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eles gostam, não reclamam de nada não. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eles gostam que eu trabalhe aqui. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A Figura 26 representa a visão dos outros membros da família, a percepção dos mesmos sobre o trabalho no lixão.

Figura 26 – Diagrama da categoria “visão da família”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

Aqui foram classificados como “trabalho bom” por (60%) dos integrantes do núcleo familiar que concebem esta atividade, (30%) como “trabalho ruim”, ou se mantendo “neutros” (10%), sem opinião formada.

Revedo a fala dos mesmos, a representação de “trabalho ruim” faz-se presente para os catadores e catadoras Amora, Janaguba e Carnaúba, enquanto Jenipapo e Palmeira são neutros.

Às vezes, eles dizem: mamãe eu acho muito ruim trabalhar nesse serviço. Aí eu digo: [...] mais eu coloquei vocês na escola e vocês não quiseram estudar [...] era pra vocês estar uma pessoa como se diz, mas vocês desistiram, vocês não quiseram [...] agora o jeito é ciscar lixo. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Eu tenho um filho que reclama muito, ele não queria que eu trabalhasse aqui. (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Só faz dizer[...] mãe, a senhora não é mais pra tá trabalhando no lixão. [...] Mais eu digo, dinheiro é bom. É uma coisa que a gente acha bom é dinheiro, no dia que a gente não tem dinheiro a gente acha ruim. A gente vindo pela aqui, a gente acha uma coisinha, dá uns 10 reais ou 20 reais, já ajuda. Meu marido não quer mais trabalhar aqui [...]. Eu é porque gosto mesmo de trabalhar aqui. Não gosto de ficar em casa parada. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Acham normal, pois eu não posso trabalhar em serviço muito pesado. Eles sabem que eu sou doente do osso. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eles sobrevivem do lixão e quem não trabalha não reclama de nada não. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Novamente, uma dualidade: bom e ruim em suas falas, e o que se constata é que os que não gostam, representados nas falas dos catadores e catadoras Amora, Janaguba e Carnaúba, são os mais jovens, ou seja, os filhos que possuem desejos de mudança em seu padrão de vida.

A categoria “Expectativas” busca a representação dos catadores e catadoras referente aos seus anseios para o futuro, o que desejam que seja melhorado em seu trabalho, se veem alguma perspectiva de mudança. Averigua-se a dura realidade enfrentada por estas pessoas, que sobrevivem do trabalho no lixão, tão acostumadas a conviver com o mínimo, em um enfrentamento diário, onde apenas algumas de suas necessidades básicas são atendidas, e suas expectativas não são surreais, ao contrário, são palpáveis e estão voltadas para a realização de

simples itens que poderiam ser patrocinados pelo poder público e que, certamente, lhes traria benefícios.

Entre os itens citados, a “prensa” e a “água” ganharam destaque como elementos essenciais que proporcionariam melhores condições de trabalho, conforme os relatos dos catadores e catadoras:

Nós precisamos que os governantes olhem mais pra nós. Nós precisamos de uma prensa para prensar nosso material, pra poder vender mais caro, precisamos de água [...] estamos pra morrer de sede, não tem água aqui [...] há uns vinte dias atrás veio um carro pipa e nunca mais. Precisamos de um galpão. Precisamos de uma prensa, pois ela custa treze mil reais e nós não temos condição de comprar. (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

O que eu desejo para o meu futuro é sair dessa vida velha de [...] é caçar um emprego melhor pra mim, é saúde e amigos. Eu sei fazer todo tipo de serviço [...] todo tipo de serviço eu sei fazer [...] quando eu completei meus 15 anos de idade, eu já comecei a trabalhar de roça por conta própria. (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eu desejo muito mais, felicidade pra mim, ter o que comer. Eu não desejo nada demais, eu desejo pelo menos uma sobrevivência melhor, pra mim dar para minha filha estudar, por que aqui tá muito pouco. Eu quero mais coisas pra frente, pois eu tenho uma filha de 10 anos e outra de 14 anos. Eu espero trabalhar em outras coisas melhor do que aqui, quando eu venho pra cá eu sinto muita dor de cabeça, acho que é por causa dessa quintura do sol quente [...] Mais eu gosto de trabalhar aqui por causa dos meus amigos, aqui todo mundo é unido, mas pela minha saúde eu acho muito ruim. Eu venho de manhã e não aguento vir à tarde, eu não sou como eles que vem de manhã e de tarde. Eu não consigo trabalhar. (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Que melhore as coisas pra nós. Eu não pretendo sair daqui. Que o governo olhasse pra nós, mandasse alguma ajuda pra nós porque a gente precisa, porque nós somos esquecidos. Se mandasse ao menos água pra nós, a água pra nós aqui é tudo. Quando a gente vem trabalhar aqui a gente traz água nas garrafas, a gente lava roupa no rio, porque aqui não tem água. (AROEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Qualquer coisa que possam fazer pra gente aqui. Que trouxesse alguma ajuda pra gente. Porque as autoridades não reconhecem o nosso trabalho. Nosso trabalho é individual, não temos ajuda de ninguém. (AMEIXA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Desejo continuar trabalhando aqui. Eu gosto daqui. Nunca me imaginei trabalhando fora daqui. Um benefício pra cá seria uma prensa para prensar material para poder vender mais. (JATOBÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Eu desejo uma boa melhora para quem está na Associação. Os prefeitos prometeram uma prensa para a Associação. Se viesse pra cá era melhor,

porque prensava o material aqui mesmo e já vendia mais, é mais valorizado. (CARNAÚBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

[...] seria a água que nós não temos aqui. A gente pega no Murici cerca de 2 km daqui. No Jatobá também tem poço tubular. Falaram que iam botar um chafariz aqui, mais até hoje nunca botaram. (JENIPAPO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Muita coisa boa, principalmente um poço tubular, porque o que fica mais perto aqui pra gente é o que fica dentro do lixão e o outro é no Dedé, mas fica um pouco longe. O povo diz que a água lá do lixão é contaminada, mas graças a Deus nunca aconteceu nada com a gente não. E a gente tem que pegar água é de lá mesmo, que é mais perto. E mesmo sendo perto a gente sofre que só puxando água na calha, tem que botar muita força. (SUCUPIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

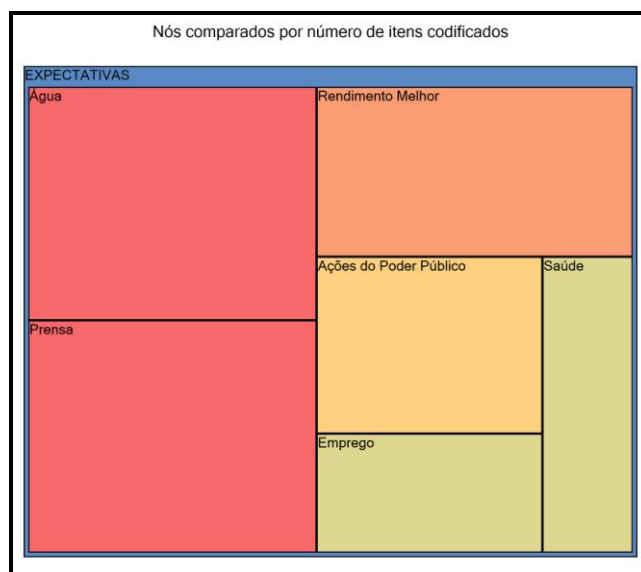
Que tenha uma prensa pra melhorar o nosso ganho e água. (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Uma máquina de prensar melhoraria nosso serviço aqui. (PALMEIRA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Assim, os catadores e catadoras representaram suas expectativas sobre o trabalho no lixão, mostrando as possibilidades de melhorias que poderiam ser conduzidas pelo poder público, trazendo uma ressignificação da vida coletiva destes trabalhadores (as). Cabe à administração municipal atuar como agente facilitador da atividade destes sujeitos, envolvendo diferentes atores sociais.

Na Figura 27, os catadores e catadoras evidenciam, por intermédio de suas falas, os seus desejos mais urgentes.

Figura 27 – Diagrama da categoria “expectativas”



Fonte: Elaboração da autora (2015).

No diagrama acima, os catadores e catadoras relatam que a água e a prensa (30%), cada, são itens essenciais para a melhoria da qualidade do trabalho com o lixo, rendimento melhor (20%), resultado da aquisição de uma prensa, que traria aumento na venda do material coletado. As ações do poder público (20%) que, na verdade, estão voltadas para a aquisição dos itens iniciais: a água e a prensa, pois sem esta ajuda, os mesmos não têm como conseguir. Emprego e saúde também aparecem em suas representações, embora com pouca relevância.

O desejo de mudar de vida também se encontra presente na fala dos catadores e catadoras: “O que eu desejo para o meu futuro é sair dessa vida velha de [...] é caçar um emprego melhor pra mim, é saúde e amigos” (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador), ou “Eu espero trabalhar em outras coisas melhor do que aqui, quando eu venho pra cá eu sinto muita dor de cabeça, acho que é por causa dessa quintura do sol quente” (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Também faz parte de seus anseios a necessidade de que sejam vistos pelos governantes, pelos administradores públicos, no sentido de trazerem os benefícios citados. Isso é perfeitamente possível, pois caminhos e recursos existem para tal, como observa Morin (2000): na história, temos visto com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado se torna possível e se realiza.

Neste sentido, esperamos que o que parece impossível se torne concreto e que as responsabilidades dos gestores públicos sejam praticadas. Portanto, diante dos objetivos

propostos para esta pesquisa, de identificar as representações sociais compartilhadas pelos catadores e catadoras de material reciclável em Esperantina(PI), e a partir dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas com estes sujeitos, criamos três grandes categorias, observando a análise categorial de Bardin (2011, p. 148) “a análise de conteúdo[...] deve produzir um sistema de categorias [...] tem como primeiro objetivo [...] fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Desta forma, e a partir dos objetivos desta pesquisa, as 13 categorias de análise do trabalho de catação dos catadores e catadoras de Esperantina (PI) foram sintetizadas em apenas três, quais sejam: “significados do trabalho”, “inclusão/exclusão” e “importância”, agregando todas as categorias anteriores, criadas a partir das falas emergidas dos catadores e catadoras, conforme se verifica no Quadro 7, abaixo.

Quadro 7 – Categorias criadas a partir das entrevistas com catadores e catadoras de Esperantina (PI)

Categorias		
Significados do trabalho	Inclusão/Exclusão	Importância
Motivação para o trabalho	Preconceito	Importância do trabalho
Trabalho organizado	Problemas	Renda e sobrevivência
Convivência social	Visão social do trabalho	Família no trabalho
Consumo do lixo	Visão do poder público	Expectativas
	Visão da família	

Fonte: Elaboração da autora (2015).

A partir das falas dos catadores e catadoras, é possível inferir que a representação social que fazem do trabalho de catação do material reciclável é compartilhada pelos mesmos através de três conteúdos representacionais principais.

5.2.2.1 Conteúdo representacional “significados do trabalho”

Os significados do trabalho reúnem as categorias “motivação para o trabalho”, “trabalho organizado”, “convivência social” e “consumo do lixo”, onde os catadores e catadoras representam que são motivados para o trabalho de catação pela “satisfação”, sendo

que (60%)⁴¹ dos sujeitos entrevistados se dizem satisfeitos: “eu vim pra cá por causa da bondade, porque tem muita coisa boa, tem muita amizade” (JUCÁ. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador) ou “eu estou muito satisfeita, enquanto eu estiver viva eu quero continuar trabalhando aqui. **Eu amo Deus no céu e esse lixão aqui**” (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora, grifo nosso). Destes trabalhadores, (50%) são motivados pela “necessidade”, representada nas falas dos catadores e catadoras: “o que me levou a trabalhar no lixão foi necessidade, precisão e conta para pagar” (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador), “o motivo é necessidade, a gente não tem emprego,” (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). E (30%) são motivados pela “falta de emprego”, como assim mencionam: “porque não tinha outro emprego” (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), ou “eu não tenho emprego de nada. Meu marido também não tem emprego de nada, só em diariazinha aqui e acolá” (MUTAMBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora). Assim, movidos pela necessidade e satisfação, organizam-se em associação e possuem uma boa convivência social. Dentre os sujeitos, (80%) não fazem uso do lixo na alimentação pessoal.

Os significados para estes catadores e catadoras possui uma conotação positiva e negativa, diferentemente de outras realidades brasileiras, que geralmente, são apenas negativas. Em Maceió, pesquisa realizada por Paula Yone Stroh et al. (2009, p. 69) assinala que “os depoimentos exprimem o contundente sofrimento do se sentir alvo da humilhação resultante do preconceito social, por meio do qual a pessoa do catador se sente vista pela sociedade com indiferença, desprezo e, mais ainda, com repugnância.”

Na pesquisa de Pereira (2012), que buscou as representações sociais dos catadores e catadoras em Niterói (RJ), ficou evidenciado que “o lixo se configura atrelado a um estigma vivido no social, pela sujeira e pelo odor característicos dos catadores que se percebem como estranhos no meio da sociedade, focos de aversão e medo dos transeuntes.”

A realidade dos catadores e catadoras esperantinenses possui um dado diferente dos de outras cidades brasileiras: eles são em pequeno número e, com isso, conseguem realizar laços de afeto e de amizade, pois além de dividirem o mesmo espaço social, possuem uma proximidade geográfica residencial. Como sugere o sociólogo Zygmunt Bauman (2009, p. 13), “[...] como seres humanos, estão confinados de manhã à noite no espaço físico em que

⁴¹ Os percentuais aqui utilizados não totalizam 100% porque, normalmente, as falas se repetem em um mesmo sujeito.

atuam, num ambiente já predisposto e continuamente regenerado no decorrer da luta em busca de sentido e identidade.”

Desta forma, vivendo segregados e compartilhando da mesma realidade de exclusão social, conseguem ter boa convivência social entre si e entre a população do entorno. Já com a população da cidade, a situação também se reafirma, por conta do pouco conhecimento que os cidadãos têm da atividade dos mesmos.

Conforme este entendimento, Moscovici (2013) nos diz que as representações que nós fabricamos de algo são sempre o resultado de um esforço contínuo de tornar comum algo que é incomum, ou seja, não familiar. Quando isso ocorre, nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, daí este mundo é enriquecido e transformado.

5.2.2.2 Conteúdo representacional “inclusão/exclusão”

Chama a atenção o fato de os catadores e catadoras de Esperantina não se sentirem vítimas de preconceitos por parte das pessoas. A totalidade destes sujeitos, ou seja, (100%), confirmou, em seus relatos, a ausência de preconceito. A não-doença, ou seja, a possibilidade de não contrair doenças é representada por (90%) deles, fazendo prevalecer o *sensu comum* de que são imunes, que estão com a saúde protegida no trato com o lixo, excetuando-se apenas quando lidam com o material hospitalar.

A maioria deles (60%) representa a visão de que a sociedade tem percebe o seu trabalho como “trabalho bom”. Somente na visão referente ao poder público é que (70%) representam como “descaso” e “ajuda mínima”, visto que a administração pública municipal pouquíssima faz por estes catadores e catadoras. Na categoria “visão da família”, (53%) representa como “trabalho bom”, contra (26%) de “trabalho ruim”.

Isso nos leva a considerar que os catadores e catadoras de Esperantina, através de suas evocações, fazem uma representação de inclusão quando se reconhecem como trabalhadores responsáveis por sua subsistência, pois como revela o catador Angico, “se é de eu pegar e arranjar 10 pessoas, adultos, organizado por mim e fazer assalto e tirar o sossego dos outros [...] eu trabalho aqui dentro pra ajudar a mim e a quem não tem, eu me sinto mais feliz” (ANGICO. Informação verbal obtida em entrevista realizada com o catador).

Percebe-se, em sua fala, que o trabalho dignifica, e que é melhor trabalhar do que roubar, mas esta mesma fala é contraditória, quando ele diz: “vou trabalhar aqui dentro direto [...] enquanto eu não conseguir um emprego pra acabar de realizar meus sonhos [...] vou trabalhar aqui dentro [...]” verificando-se, assim, um desejo de arranjar um emprego, de algo

melhor, portanto, de sair do lixão. Em contrapartida, também existe a representação da exclusão, de serem esquecidos, de estarem sem amparo do poder público ou de instituições que possam ter um compromisso social com o grupo. É desta forma que a catadora Amora relata: “nós precisamos que os governantes olhem mais pra nós” (Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), ou na expressão da catadora Aroeira, “que o governo olhasse pra nós, mandasse alguma ajuda pra nós porque a gente precisa, porque nós somos esquecidos. Se mandasse ao menos água pra nós, a água pra nós aqui é tudo” (Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Confirma-se, assim, uma dialética de inclusão/exclusão. São incluídos quando recebem permissão da administração pública municipal e da promotoria pública para trabalharem de forma legal, quando se constituem como associação, mesmo atuando de forma precária, e são excluídos quando relegados a praticamente nenhum plano de ajuda pública.

Bader Sawaia (2008) faz uma reflexão sobre a dialética exclusão/inclusão, onde afirma que a exclusão é entendida como o descompromisso político com o sofrimento do outro, e que o pobre é constantemente incluído, por diversas mediações, nos nós que o excluem, gerando um sentimento de culpa individual pela exclusão.

5.2.2.3 Conteúdo representacional “importância do trabalho”

Do grupo de catadores e catadoras, (85%) empregam um discurso de “gosto pelo trabalho” e “alegria” em executar a catação. Quando falam sobre este trabalho, uma resposta é comum: “aqui pra mim é bom demais” (AMORA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora) ou “quando eu estou aqui eu fico de peito aberto, fico assim cheia de vida quando eu estou trabalhando. Eu acho bom trabalhar aqui” (MAMONA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

Nota-se que o gosto pelo trabalho está relacionado a aspectos como amizade, companheirismo e união do grupo, mas também e, evidentemente, a renda obtida para garantir a sua sobrevivência, já que, conforme observado, apenas (20%) dos catadores e catadoras trabalham sozinhos; os demais (80%) possuem outros membros da família colaborando no trabalho, criando um sistema de relações de parentesco no espaço geográfico do lixão.

Diante da importância atribuída ao trabalho, criam anseios e expectativas de conseguirem benefícios que possam trazer mais qualidade ao seu trabalho, tão precarizado: o papel tão esperado pelos catadores e catadoras, de que seja feito pela administração municipal

uma intervenção do mínimo, quando dizem: “precisamos de água [...] estamos pra morrer de sede, não tem água aqui” (AMORA. *Ibidem*). “Que tenha uma prensa pra melhorar o nosso ganho e água” (SAPUCAIA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora), para valorizar o trabalho e com isso fazer com “que a gente ganhasse bem, pois o dinheiro aqui tá muito fraco, tá muito barato” (JANAGUBA. Informação verbal obtida em entrevista realizada com a catadora).

A explicação para os resultados de grande importância que os catadores e catadoras atribuem ao seu trabalho pode estar associada à falta de outras oportunidades de trabalho, fazendo com que estes se agarrem à única opção que se apresenta para garantir a sua subsistência. As elaborações mesmo sendo espontâneas, apresentam conteúdos de um conhecimento verdadeiro, que traz informações sobre o estado do nosso mundo ambiente, guiando a nossa ação sobre ele. (JODELET, 2005).

Moscovici (2013, p. 32) salienta que “nós somente experienciamos e percebemos um mundo em que, em um extremo, nós estamos familiarizados”. É neste sentido que os catadores e catadoras dão importância e valorização ao seu trabalho, pois é a realidade a que estão familiarizados e que vivenciam diariamente.

Estabelecendo um diálogo com Magera (2005, 2013) sobre a questão do lixo e dos empresários do lixo (pessoas que trabalham com o lixo, via associação ou cooperativas), na tentativa de compreender o mundo destes catadores, relativo à categoria “importância do trabalho”, a este respeito o autor traz grande contribuição, quando diz que os catadores são intermediários importantes, pois é com o seu trabalho que tem início todo o processo de reciclagem de lixo em nosso país, afinal, estes “agentes ecológicos” estão presentes em quase todas as cidades do Brasil, atentos ao seu objeto de desejo, “o lixo”, que muitas vezes acaba tendo duplo valor: o valor de troca e o valor de uso (MAGERA, 2013).

Mas os catadores e catadoras de Esperantina não se veem como “agentes ecológicos”, na verdade, a questão ambiental é citada por apenas um deles como fator de importância no trabalho com o lixo. Sendo assim, a representação que fazem está voltada para o *senso comum*, pois não conhecem o real significado do trabalho, que segundo Antunes

É a partir do trabalho [...] que o homem se torna um ser social, distinguindo-se de todas as formas não-humanas. [...] Ele não apenas efetiva uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objeto, que ele sabe que determina, como lei, espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade. (ANTUNES, 2011, p. 42).

Não se percebem como seres sociais que, dotados de sua força laboral, realizam grandes transformações no que se refere à questão ambiental, e que com a construção social deste espaço, tecem um sistema de produção, que é a catação de lixo, e que podem estar agregando um valor maior a este trabalho.

O trabalho, mesmo não sendo um conceito-chave da geografia, é abordado na geografia crítica, por Milton Santos (2009), quando trata da divisão do trabalho e da repartição dos recursos, estes últimos, vistos como toda possibilidade, material ou não, de ação oferecida aos homens.

Para ele, nenhum recurso tem, por si mesmo, um valor absoluto, sendo que o valor real de cada um não depende de sua existência separada, mas da significação conjunta que todos e cada qual obtêm pelo fato de participarem de um lugar. Apoiada no pensamento deste autor, acreditamos que a atuação conjunta destes sujeitos pode estar conferindo seu valor real.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é fundamental para o desenvolvimento do ser social, pois é através dele que os conhecimentos são adquiridos e acumulados no percurso da história da humanidade. O acúmulo de conhecimento deu origem ao desenvolvimento das técnicas e, com estas, o indivíduo teve uma produção excedente, o que possibilitou a exploração do homem pelo homem. Dentro do modo de produção capitalista vigente, existe um grande e desenfreado estímulo à produção e ao consumo, produzindo, assim, uma grande quantidade de resíduos que são descartados em espaços geográficos denominados de *aterros sanitários*, controlados, ou simplesmente em lixões, que além de provocarem danos ambientais, produzem um espaço de vulnerabilidade social, onde diversas pessoas sobrevivem destes restos e fazem daquilo que é inútil para a sociedade, o seu meio de trabalho e, portanto, de sobrevivência.

Este aglomerado de pessoas não consegue se inserir no mercado formal de trabalho e, com isso, enfrentam situações precárias para garantirem a sua subsistência e de sua família. Por estarem excluídos do mercado de trabalho e desprovidos de assistência social, os catadores e catadoras de material reciclável, além de trabalharem com alguns materiais perigosos, encontram-se em situação de pobreza. O trabalho dos catadores e catadoras no lixão de Esperantina (PI) é um problema social devido às péssimas condições de trabalho a que estão submetidos, envolvendo algumas problemáticas, como a periculosidade no trabalho por conta da falta de proteção adequada para a realização dessa atividade, bem como, de uma estrutura física adaptada.

Por intermédio desta pesquisa, procuramos discutir e refletir sobre o trabalho de catação dos catadores e catadoras de material reciclável do lixão de Furna da Onça, em Esperantina (PI), procurando apreender as suas representações sociais. A hipótese inicial não se confirmou em sua totalidade. No que concerne ao preconceito, à discriminação e aos problemas de saúde, representam a inexistência dos mesmos. Porém, no que tange ao processo de inclusão/exclusão, a representação é de dualidade: são incluídos quando fazem parte de um grupo social conciso, que trabalha e que garante a sua própria sobrevivência, e excluídos quando são negligenciados pela esfera pública municipal.

Como resultados, apreendemos uma representação social do trabalho dos catadores e catadoras do lixão de Furna da Onça, em Esperantina (PI), constituída pelos seguintes conteúdos: a) A valorização do trabalho, ao atribuírem aos *significados do trabalho* "satisfação", mas também "necessidade". Manifestaram uma dualidade de *inclusão/exclusão*,

sentindo-se incluídos, quando se percebem como trabalhadores, e excluídos, quando lembram que são esquecidos pelo poder público.

b) *Importância* do trabalho através do "gosto pelo trabalho" e "alegria" em realizar esta atividade laboral. Há uma única representação constituída de aspectos positivos e negativos para esta atividade.

O conhecimento do *senso comum* dos catadores e catadoras sobre o seu trabalho transpõe-se para imagens familiares, condensando informações conforme as suas necessidades, substituindo umas por outras. As razões que estes sujeitos têm para criar representações é o desejo de se familiarizarem com o não familiar. As representações sociais têm como finalidade facilitar a comunicação entre um grupo social e produzir um consenso entre seus membros, por meio da conversação, procurando orientar as pessoas, dar um sentido à sua convivência.

No decorrer desta pesquisa, foram identificadas, no espaço geográfico do lixão, as lutas constantes e diárias pela sobrevivência de um grupo social que transforma este espaço em seu território, caracterizado pela apropriação, pelo poder, mas também pela identidade. Apropriam-se deste lugar como forma de garantir o direito de viver e de morar, mesmo com toda espécie de confinamentos e necessidades que lhes são impostas e que foram traçadas em função da classe a que pertencem.

É também um território de poder, pequeno, na verdade, o poder dos sujeitos, catadores e catadoras, de determinar quem pode trabalhar naquele espaço. Mas isto poderia ser ampliado, caso eles se reconhecessem como membros ativos de uma sociedade que lhes diz respeito e sobre a qual não dispõem de recursos institucionais a seu favor.

Parafraseando Milton Santos e considerando o território como um conjunto de lugares, devemos levar em consideração que, em vista dos valores atribuídos a este território, ele também se transforma em um lugar mediante as atividades exercidas pelos catadores e catadoras e aos laços de amizade, de união, de solidariedade, de afetividade. Como diria este autor, “é um espaço vivido, de experiência renovada, o que permite, ao mesmo tempo [...] a indagação do presente e do futuro” (SANTOS, 2012, p. 114).

Foi objetivo desta pesquisa discutir as representações sociais do trabalho, compartilhadas pelos catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina(PI), e o universo do pensamento e de ação destes sujeitos.

Na definição de Moscovici (2012), a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem a função de elaboração de comportamentos e da

comunicação entre os indivíduos. Por isso, uma representação fala, mostra, comunica e modifica comportamentos e está sempre a serviço de alguém ou de alguma coisa.

Partindo desta premissa, da dinamicidade, produção e modificação de comportamentos e de relações, podemos afirmar que a representação do trabalho feito pelos catadores e catadoras de Furna do Onça, é pautada no *senso comum*, ou seja, não existe um conhecimento científico no desenvolvimento de suas atividades. Portanto, na representação social destes trabalhadores, ao atribuírem “significados” e “importância” ao seu trabalho, estão elaborando os dois processos fundamentais da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, quais sejam: a objetivação e a ancoragem.

Objetivam, quando materializam e retiram o excesso de significações que atribuem ao seu trabalho, traduzidos na “satisfação” e na “necessidade”, saindo do plano da observação para o plano do real. E ancoram, transformando o estranho em familiar, que são as angústias dos catadores e catadoras em ter comida para a família, um lar, garantir a sua sobrevivência.

Este é o grande temor destes sujeitos, o seu “não familiar”. Eles precisam de uma solução para os seus problemas imediatos, do aqui e agora. Por isso, a ancoragem dá-se, transformando a atividade que pode ser perigosa em “gosto pelo trabalho” e em “alegria”, afinal, “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2013, p. 54). Esta é a razão porque estes sujeitos formam e constroem representações sociais.

A representação social do trabalho, compartilhada pelos catadores e catadoras de material reciclável de Furna da Onça, em Esperantina (PI), é também uma forma de conhecimento, que mesmo pautada no senso comum, é dotada de grande valor. São, pois, representações que dão conformidade à realidade vivida cotidianamente, e esta representação só existe porque estes sujeitos lidam com o objeto.

“A representação social é a ‘preparação para a ação’, não só porque guia os comportamentos, mas, sobretudo, porque remodela e reconstitui os elementos do ambiente no qual o comportamento deve acontecer” (MOSCOVICI, 2012, p. 46).

Na realidade, trata-se de uma construção de comportamentos, onde os indivíduos tendem a se influenciar de forma recíproca. De posse das informações da representação social do grupo dos catadores e catadoras, e conhecedores de que elas podem ser modificadas, propomos algumas ações aos poderes constituídos, não para mudar completamente a sua representação, mas para modificá-la, no sentido de trazer benefícios à sua trajetória laboral. Assim, sugere-se a elaboração de um Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos

Sólidos (PMGIRS) que possa incluir, prioritariamente, os catadores e catadoras como prestadores de serviços, de acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

A instalação de um aterro sanitário de acordo com a Lei 12.305/2010 em substituição ao atual lixão como medida de proteção ao meio ambiente constitui-se como um instrumento essencial na busca de soluções para um grave problema ambiental enfrentado em Esperantina (PI) afinal, a presença constante de vetores de doenças, a contaminação do subsolo por ausência de impermeabilização do mesmo, a exalação de odores desagradáveis atingem a qualidade do meio ambiente e da saúde humana.

A situação da Associação dos Catadores e Catadoras de Esperantina (PI) vivencia uma realidade bastante precária, por não possuir equipamentos para realização de sua atividade, de forma que, necessitam trabalhar muito para conseguir um grande volume de material reciclável. Por tratar-se de um grupo que possui pouca eficiência no trato com os resíduos, sem possuir quaisquer equipamentos, trabalhando em condições de extrema precariedade, não possuindo conhecimento técnico, necessitando de apoio financeiro para a montagem completa de uma infraestrutura dotada de uma edificação com um galpão (com balança, prensa, triturador) treinamentos e aperfeiçoamento técnico para dar continuidade à Associação.

Faz-se necessário, portanto, um olhar do Poder Público em prol desses trabalhadores que possuem grande importância no atual cenário de uma produção desenfreada de resíduos sólidos, evidenciando assim, o caráter de utilidade pública da prestação dos serviços realizados por esta categoria, de forma que possa garantir o bom desempenho em seu trabalho de maneira eficaz, sem danos ou riscos à sua saúde e que possa promover sua emancipação social, econômica e política.

REFERÊNCIAS

ABRELPE. Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil**. Dispõe informações sobre os resíduos sólidos em seus diversos segmentos. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/panorama_apresentacao.cfm>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ABETRE. Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos. **Classificação de Resíduos Sólidos**. Norma ABNT NBR 10.004 de 2004. Disponível em: <<http://www.abetre.org.br/biblioteca/publicacoes/publicacoes-abetre/classificacao-de-residuos>>. Acesso em: 11/06/2015.

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. Traducción 10s1Dacosta Chrvrd y Fdtima Flores Palacios. Revisión técnica Ma. Teresa Awsfa Ávi/a. 1. ed. Ambassade de France. CCC-IFAL, 2001.

ACSELRAD, Henri. **Meio Ambiente e Democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. **Representação do calor em Teresina-PI**. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco. 2000.

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. (Org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2 ed. São Paulo, SP: Boi Tempo, 2009.

ARAÚJO, Gilvan C. Cerqueira de; JÚNIOR, Dante Flávio da C. Reis. As representações sociais no espaço geográfico. **Geo Temas**, Rio Grande do Norte, v. 2, n. 1, p. 87-98., 2012.

ATLAS BRASIL. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 16 maio 2014.

AURÉLIO. Dicionário de português. **Significado de lixo**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/lixo>>. Acesso em: 15 maio 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vidas desperdiçadas.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1985.

BONFIM, Natanael Reis; ROCHA, Lurdes Bertol (Org.). **As representações na geografia.** Ilhéus, BA: Editus, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Institui o Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade a segurança, igualdade, justiça e todos os valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em : 12 nov. 2014.

_____. **Decreto 8.166, de 23 de dezembro de 2013.** Regulamenta a Lei nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8166.htm>. Acesso em: 13 nov. 2014.

_____. **Decreto 7.405, de 23 de dezembro de 2010.** Institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7405.htm>. Acesso em: 13 ago.2015.

_____. **Decreto 7.404, de 23 de dezembro de 2010.** Regulamenta a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, cria o Comitê Interministerial da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o Comitê Orientador para a Implantação dos Sistemas de Logística Reversa, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7404.htm. Acesso em: 28 out. 2014.

_____. **Lei 12.690, de 19 de julho de 2012.** Dispõe sobre a organização e o funcionamento das Cooperativas de Trabalho; institui o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho - PRONACOOP; e revoga o parágrafo único do art. 442, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12690.htm> Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Lei 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional dos Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 28 out. 2104.

_____. **Lei 11.445, de 5 de janeiro de 2007.** Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111445.htm>. Acesso em: 20 fev. 2015.

_____. **Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Amplia o ensino fundamental para nove anos de duração. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/enspdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/enspdf.pdf)>. Acesso em: 12 jan 2015

_____. **Lei 7.735 de 22 de fevereiro de 1989.** Dispõe sobre a extinção de órgão e de entidade autárquica, cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7735.htm. Acesso em: 20 dez. 2014.

_____. **Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981.** Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=313>. Acesso em: 19 fev. 2015.

_____. **Lei 5.764, de 16 de dezembro de 1971.** Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L5764.htm>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012.** Estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 12 fev 2014.

_____. **Resolução 283, de 12 de julho de 2001.** Dispõe sobre o tratamento e a destinação final dos resíduos dos serviços de saúde. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res28301.html>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

_____. **Resolução 001 de 23 de janeiro de 1986.** Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como instrumento da Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7735.htm>. Acesso em: 20 dez. 2014.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo.** 4. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Novos caminhos da geografia.** São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, Wilson Sérgio. **Educação ambiental urbana.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CASTRO, Valdemir Miranda de. **Aspectos de Esperantina**. Esperantina. PME/Secretaria de Cultura Turismo Desportos e Lazer. 1999.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-024, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

COMLURB. **Análise gravimétrica do lixo na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Comlurb, 2000. <<http://www.portalgeo.rio.rj.gov.br/protocolo/Indicadores>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.
_____. **Trajétórias geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo. 2008. Acesso em: 20 mar. 2015.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril, 1978. (Pensadores).

EIGENHEER, Emílio Maciel. **A história do lixo - a limpeza urbana através dos tempos**. Elsevier Campus (?).

FERNANDES, Jorge Ulisses Jacoby. **Lixo: Limpeza Pública Urbana; Gestão de Resíduos Sólidos sob o enfoque do Direito Administrativo**. Belo Horizonte: Del Rei, 2001.

FORTES. Francisco de Assis. **Um olhar sobre Esperantina**. Teresina: Edição do Autor/EDUFPI, 2014.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia**. 2. ed. São Paulo, SP: Difel, 1978.

GLOBALREC. Aliança Global de Catadores. **Uma base de dados dos catadores ao redor do mundo**. Disponível em: <<http://globalrec.org/pt-br/>>. Acesso em: 12/05/2015.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista (Org.). **Geomorfologia e Meio Ambiente**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 396 p.

IBGE. **Plano Nacional de Saneamento Básico. PNSB 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb2008/PNSB_2008.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2015.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2009**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv42820.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2015.

IPEA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável.** Disponível <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2015.

_____. Os que sobrevivem do lixo. **Revista Desafios do Desenvolvimento.** Ano 10, ed. 77, 2013.

JESUS, Ronaldo Pereira de. **Locus: revista de História, Juiz de Fora (MG), v. 13, p. 144-170, 2007.**

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais.** Prefácio de Serge Moscovici. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOFFE, Hélène. In: **Textos em representações sociais.** GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LESSA, Sérgio. **O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade.** Brasília: UNB/CFESS, 2000.

LIXO.COM.BR. **Fórum Estadual Lixo & Cidadania.** Disponível em: <<http://www.lixo.com.br/content/view/155/146/>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

MAGALHÃES, Beatriz Judice. Catadores de materiais recicláveis, consumo e valoração social. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.246-265, jan./jun. 2013.

MAGERA, Márcio. **Os caminhos do lixo: da obsolescência programada à logística reversa.** Campinas, SP: Átomo, 2013.

_____. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade.** Análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas, São Paulo: Átomo, 2005.

MATTOS, Neide Simões de; GRANATO, Suzana Facchini. **Lixo: problema nosso de cada dia.** Cidadania, reciclagem e uso sustentável. São Paulo: Saraiva, 2009. 64 p.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2006.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e meio ambiente.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 80 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Planos de gestão de resíduos sólidos: manual de orientação.** Brasília, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Portaria Ministerial 397 de 09 de outubro de 2002. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO/2002) para uso em todo o território nacional e autoriza sua publicação. Disponível em: <www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/legislacao.jsf>. Acesso em: 07/01/2015.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: pequena história crítica**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso** (Para a crítica da Geografia que se ensina). Rio de Janeiro, RJ: Dois Pontos, 1987.

MOREIRA, Ruy (Org). **Geografia: teoria e crítica o saber posto em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais. Investigações em psicologia social**. Edição Gerard Duveen. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A invenção da sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Michele Morais. Catadores e catadoras de materiais recicláveis e suas representações sociais sobre lixo e trabalho. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa (MG). jun./2007.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **A ONU e a população mundial**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/>>. Acesso em: 16 de fev. 2015.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **Banco mundial estima que 4 milhões de latino-americanos vivem do lixo reciclado**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/banco-mundial-estima-que-4-milhoes-de-latino-americanos-vivem-do-lixo-reciclado/>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

PEREIRA, Eliane Ramos et al. Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo. **Revista Psicologia: teoria e prática**. v. 14, n. 3, p. 34-47, 2012.

PIAUI. Lei Complementar nº 87 de 22 de agosto de 2007. Estabelece o Planejamento Participativo Territorial para o Desenvolvimento Sustentável do Estado do Piauí e dá outras providências. Disponível em: http://www.seplan.pi.gov.br/uapr/lei87_22-08-2007.pdf. Acesso em: 17 nov. 2014.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de desenvolvimento Humano 2010 e 2013. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnud/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

PORTALODIA.COM. No lixão de Teresina, 218 famílias de catadores tiram seu sustento. Disponível em: <<http://www.portalodia.com/o-lixao-de-teresina-218-familias-de-catadores-tiram-seu-sustento-135265.htm>>. Acesso em: 18/11/2014.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROCHA, Ruth; PIRES, Hindenburg da Silva. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2012.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo, Hucitec, 1988.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 23.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012a.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Geografia, Marxismo e subdesenvolvimento. In: MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica o saber posto em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTAELLA, Sandra Tédde et al.. **Resíduos sólidos e a atual política ambiental brasileira**. Fortaleza: UFC. Labomar/Nave, 2014.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Entenda as diferenças entre associação e cooperativa. Disponível em:

<<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Entenda-as-diferen%C3%A7as-entre-associa%C3%A7%C3%A3o-e-cooperativa>>. Acesso em: 20/05/2015.

SILVA, Armando Correa da. Geografia e lugar social. In: MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes brasileiras, v. 3. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Cleonice Carvalho. **10 fotografias color**. Digitais. Esperantina (PI), 2014/2015.

_____. **Impactos ambientais e sociais provocados pela deposição inadequada do lixo no espaço denominado Furna da Onça, em Esperantina (PI)**. 2004. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Piauí (UFPI). 2004.

_____. O lixo urbano em Esperantina (PI): uma leitura da realidade sócio-ambiental. In: FAÇANHA, Antônio Cardoso; SOUSA, Mário Ângelo de Meneses (Org.). **Indicações geográficas e temas em foco**. Teresina: EDUPFI, 2011.

SISINNO, C. L. S.; OLIVEIRA, R. M. **Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

SOUZA, José Amilton. **Catadores e catadoras de lixo: narrativas de vida, políticas públicas e meio ambiente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SPINK, Mary Jane P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. In: SÁ, Celso Pereira de. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 19-44.

STROH, Paula Yone (Org.). **Cidade, lixo e cidadania**. Maceió: EDUFAL, 2009. 139 p.

TEIXEIRA, Alex Niche. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1410830458885658>>. Acesso em: 5 jan. 2015.
UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Um Brasil para as crianças e os adolescentes**. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br>>. Acesso em: 16/02/2016.

VALA, Jorge. Representações sociais, para uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (Coord.). **Psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

VELLOSO, M. P. Da produção do lixo à transformação do resto. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 15, n. 4, 2.229-2.249, 2010.

WALDMAN, Maurício. **Lixo: cenários e desafios**. Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos. São Paulo: Cortez, 2010.

REFERÊNCIAS – CATADORES E CATADORAS ENTREVISTADOS

Fontes orais – Dados obtidos através da aplicação do questionário socioeconômico junto aos(as) catadores e catadoras(as)

CATADOR⁴² ANGICO – 50 anos, nascido em Luzilândia/PI, mora há 20 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI. Mora com a esposa (também catadora) e mais oito filhos. Nunca estudou, mora em sua casa própria, de taipa, de cinco cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência, dentre eles: uma TV, uma geladeira e um rádio. Nunca trabalhou de carteira assinada, trabalha no lixão há oito anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de aproximadamente 1 a 2 salários mínimos⁴³. Entrevistado em 25/07/2014.

CATADORA AROEIRA – 25 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 25 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com um companheiro. Não possui filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de alvenaria, com cinco cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência, dentre eles: uma TV, uma geladeira e um rádio. Já trabalhou de carteira assinada, mas atualmente está trabalhando no lixão há nove anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 25/07/2014.

CATADORA SUCUPIRA – 34 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 34 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com um companheiro. Possui um filho, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de adobe, com cinco cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência (não citados). Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há oito anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 25/07/2014.

⁴² Optamos por não identificar os catadores e catadoras, para não constrangê-los. Esta opção consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado por todos.

⁴³ Salário mínimo do ano de 2014, no valor de R\$ 724,00.

CATADORA MAMONA - 47 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há três anos no Povoado Murici, em Esperantina/PI. É casada, possui quatro filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de taipa, com quatro cômodos, que não possui luz elétrica, nem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Não possui eletrodomésticos em sua residência. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há mais ou menos dois anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 25/07/2014.

CATADORA MUTAMBA - 26 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 11 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com um companheiro. Possui quatro filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de palha, com três cômodos, sem luz elétrica, sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Não possui eletrodomésticos em sua residência. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há dois anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 25/07/2014.

CATADORA JANAGUBA – 54 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 54 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI. Viúva, possui um filho, nunca estudou, mora em sua casa própria, de alvenaria, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um rádio, um vídeo cassete, um ventilador e um liquidificador. Nunca trabalhou de carteira assinada, trabalha no lixão há oito anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 25/07/2014.

CATADORA AMORA – 50 anos, nascida em Joaquim Pires/PI, mora há 20 anos na cidade e há nove anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com um companheiro. Possui oito filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de taipa, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um vídeo cassete, um rádio e dois ventiladores. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há nove anos, em um regime de mais ou

menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de 1 a 2 salários mínimos. Entrevistada em 25/07/2014.

CATADOR JENIPAPO – 26 anos, nascido em Esperantina/PI, mora há 20 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com uma companheira. Possui três filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de alvenaria, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um vídeo cassete, um rádio, um ventilador e um liquidificador. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há oito anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistado em 25/07/2014.

CATADOR JUCÁ – 56 anos, nascido em Batalha/PI, mora há 53 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com uma companheira. Possui um filho, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de alvenaria, com cinco cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um vídeo cassete, um rádio, um ventilador, um liquidificador e um ferro elétrico. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há seis anos, em um regime de mais ou menos 40 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistado em 25/07/2014.

CATADOR IPÊ – 19 anos, nascido em Esperantina/PI, mora há 19 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI. Solteiro, não possui filhos, estuda atualmente o ensino fundamental, mora em sua casa própria, de taipa, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um vídeo cassete, um rádio e dois ventiladores. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há quatro anos, em um regime de mais ou menos 21 a 30 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistado em 25/07/2014.

CATADORA AMEIXA – 67 anos, nascida em Batalha/PI, mora há 60 anos no Povoado Carraspanha, em Esperantina/PI. Viúva, possui dois filhos, nunca estudou, mora em sua casa própria, de taipa, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela

AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira e um rádio. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há dois anos, em um regime de mais ou menos de 21 a 30 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 26/07/2014.

CATADORA SAPUCAIA – 25 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 20 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI, com um companheiro. Possui dois filhos, estudou somente o ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de adobe, com cinco cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um DVD, um rádio, dois ventiladores e um liquidificador. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há um ano, em um regime de mais ou menos 21 a 30 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 26/07/2014.

CATADOR JATOBÁ – 20 anos, nascido em Esperantina/PI, mora há 20 anos no Povoado Junco, em Esperantina/PI. Solteiro, não possui filhos, estuda atualmente o ensino fundamental, mora em sua casa própria, de taipa, com quatro cômodos, com luz elétrica, mas sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um vídeo cassete, um rádio e dois ventiladores. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há dois anos, em um regime de mais ou menos 10 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistado em 18/10/2014.

CATADORA CARNAÚBA – 60 anos, nascida em Parnaíba/PI, mora há 15 anos no Bairro Santa Luzia, em Esperantina/PI. Casada, possui seis filhos, estudou o ensino fundamental completo, mora em sua casa própria, de taipa, com dois cômodos, sem luz elétrica, sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por um chafariz. Não possui eletrodomésticos em sua residência. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há 13 anos, em um regime de mais ou menos 11 a 20 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 18/10/2014.

CATADORA PALMEIRA – 36 anos, nascida em Esperantina/PI, mora há 13 anos no Povoado Murici, em Esperantina/PI, com um companheiro. Possui quatro filhos, estudou o

ensino fundamental incompleto, mora em sua casa própria, de taipa, com três cômodos, com luz elétrica, sem água fornecida pela AGESPISA, e sim, por um poço tubular situado em outra residência. Possui poucos eletrodomésticos em sua residência. Dentre eles: uma TV, uma geladeira, um DVD e dois rádios. Nunca trabalhou de carteira assinada, e trabalha no lixão há três anos, em um regime de mais ou menos 10 horas semanais, e sua renda, obtida com seu trabalho informal no lixão, é de até 1 salário mínimo. Entrevistada em 17/11/2014.



APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGGE)
MESTRADO EM GEOGRAFIA



QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Aplicado em ___/___/___ às ___ horas
Local: Aterro Controlado – Município de Teresina (PI) e
Lixão – Município de Esperantina (PI)

DADOS INDIVIDUAIS

1 Sexo

1.1() Feminino 1.2() Masculino

2 Data de Nascimento: ___/___/___

3 Estado civil

3.1() Solteiro(a) 3.2() Casado(a) 3.3() Mora com um(a) companheiro(a)
3.4() Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a)
3.5() Viúvo(a)

4 Qual o seu grau de instrução?

4.1() Ensino Fundamental incompleto 4.2() Ensino Fundamental completo
4.3() Ensino Médio incompleto 4.4() Ensino Médio completo
4.5() Ensino Superior incompleto 4.6() Ensino Superior completo
4.7() Não estudou

5. Como você se considera:

5.1() Branco(a) 5.2() Pardo(a) 5.3() Preto(a)
5.4() Amarelo(a) 5.5() Indígena

6. Qual a sua religião?

6.1() Católica 6.2() Protestante ou Evangélica 6.3() Espírita
6.4() Umbanda ou Candomblé 6.5() Outra 6.6() Sem religião

7. Nasceu no município de Esperantina (PI)?

7.1() Sim 7.2() Não

8. Se não, de onde veio?

9. Quem mora com você?

9.1() Sozinho(a) 9.2() Pai e/ou mãe 9.3() Esposo(a) / companheiro(a)
9.4() Filhos(as) 9.5() Irmãos(ãs) 9.6() Avô (ó)
9.7() Outros parentes, amigos(as) ou colegas

10. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).

10.1() Moro sozinho(a) 10.2() 02 10.3() 03 10.4() 04
10.5() 05 10.6() 06 ou mais

11. Quantos(as) filhos(as) você tem?

11.1() 01 11.2() 02 11.3() 03 11.4() 04 ou mais
11.5() Não possui filhos(as)

12. Há quanto tempo mora neste município? _____ Em qual bairro? _____

CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO

13. Mora em domicílio:

13.1() Próprio 13.2() Alugado 13.3() Cedido 13.4() Outro

14. Tipo de domicílio:

14.1() Alvenaria 14.2() Taipa 14.3() Adobe 14.4() Palha
14.5() Outros

15. Quantos cômodos existem no domicílio?

15.1() 01 15.2() 02 15.3() 03
15.4() 04 15.5() 05 ou mais

16. Como é a forma de abastecimento de água de seu domicílio?

16.1() Rede geral da AGESPISA 16.2() Poço tubular e/ou cartesiano
16.3() Nascente ou rio 16.4() Chafariz
16.5() Outro

17. Como é o escoadouro do banheiro/sanitário do domicílio?

17.1() Fossa séptica 17.2() Fossa rudimentar
17.3() Vala 17.4() Rio 17.5() Outro

18. Quais dos itens abaixo há em sua casa? (Indicar a quantidade no parêntese).

18.1() TV 18.2() Geladeira 18.3() Videocassete e/ou DVD
18.4() Rádio 18.5() Outros. Citar _____

19. O lixo do domicílio é:

19.1() Queimado (na residência) 19.2() Enterrado (na residência)
19.3() Queimado e/ou enterrado fora da residência 19.4() Jogado no lixão
19.5() Outro destino

20. O domicílio tem iluminação elétrica?

20.1() Sim 20.2() Não

DADOS ECONÔMICOS INDIVIDUAIS E FAMILIARES

21. Você trabalha com Carteira de Trabalho assinada?

21.1() Sim 21.2() Trabalho, mas não tenho carteira assinada
21.3() Trabalho por conta própria 21.4() Já trabalhei, mas não estou trabalhando
21.5() Nunca trabalhei

22. Em que você trabalha atualmente?

22.1() Na agricultura 22.2() Na construção civil
22.3() No comércio 22.4() Em atividades informais. Citar _____
22.5() Não trabalho.

23. Há quanto tempo você trabalha?

23.1() Menos de 1 ano 23.2() Entre 1 e 2 anos.
23.3() Entre 2 e 4 anos 23.4() Mais de 4 anos. Quantos anos? _____
23.5() Não trabalha

24. Quantas horas você trabalha por dia?

24.1() Sem jornada fixa, até 10 horas semanais 24.2() De 11 a 20 horas semanais
24.3() De 21 a 30 horas semanais 24.4() De 31 a 40 horas semanais
24.5() Mais de 40 horas semanais

25. Se você está trabalhando atualmente, qual a sua renda mensal? (Salário mínimo considerado do ano de 2014).

25.1() Até 1 salário mínimo 25.3() De 2 a 5 salários mínimos
25.2() De 1 a 2 salários mínimos 25.4() Mais de 5 salários mínimos

25.5() Não estou trabalhando

26. Até quando seu pai e/ou mãe estudaram? Utilizar P para o pai e M para a mãe.

26.1() Não estudou (daram)

26.2() Ensino fundamental incompleto

26.3() Ensino fundamental completo

26.4() Ensino médio incompleto

26.5() Ensino médio completo

26.6() Ensino superior incompleto ou completo

27. Onde trabalham(ram) seu pai e/ou sua mãe? Utilizar P para o pai e M para a mãe.

27.1() Na agricultura

27.2() Na construção civil

27.3() No comércio

27.4() Aposentado

27.5() Não trabalha

27.6() Outros. Citar o tipo de trabalho _____

28. Qual a renda da família? (Considerar a renda de todos que moram na casa)

28.1() Até 1 salário mínimo

28.2() De 1 a 2 salários mínimos

28.3() De 2 a 5 salários mínimos

28.4() Mais de 5 salários mínimos

28.5() Nenhuma renda.



APÊNDICE II

ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP)¹ CATADORES E CATADORAS DO ATERRO CONTROLADO DE TERESINA (PI) E LIXÃO DE ESPERANTINA (PI)

Data: ___/___/___

Idade: ___ Sexo: ___ Ano que começou a trabalhar no aterro sanitário: _____

1. Escreva rapidamente as palavras (apenas palavras) que, em sua opinião, completam a informação:

TRABALHAR COM O LIXO É...

(Por favor, é muito importante preencher todas as linhas)

()
()
()
()
()

2. Agora, enumere todas as palavras, classificando-as de acordo com a importância que você atribui a cada uma delas. Escreva os números dentro dos colchetes.
3. Dê o significado das palavras que você apontou como as mais importantes, ou seja, as palavras indicadas como a nº 1 e a nº 2.

Nº 1

Nº 2

Fonte: Adaptado de Silva, J. S e. (2014), na disciplina Teoria das Representações Sociais em Geografia, ministrada no Mestrado.



APÊNDICE III

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGGEO)
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS CATADORES E CATADORAS DE MATERIAL RECICLÁVEL DE FURNA DA ONÇA, ESPERANTINA (PI)

DIA: ___/___/___

1. Qual motivo que o (a) levou a trabalhar no lixão?
2. Para você, qual a importância de trabalhar aqui, em Furna da Onça?
3. Como os trabalhadores estão organizados em Furna da Onça? Existe Associação organizada? Alguém exerce um trabalho de liderança?
4. Como é o convívio dos trabalhadores do lixão com a comunidade do entorno? E com a população da cidade?
5. Em sua opinião, como as pessoas veem o trabalho realizado pelos catadores e catadoras?
6. Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por parte das pessoas, por realizar este trabalho?
7. Como é visto o trabalho realizado pelos catadores e catadoras de material reciclável por parte do poder público?
8. Em sua opinião, quais os problemas enfrentados com o trabalho no lixão? Existe algum risco de saúde? Qual?
9. Você aproveita, para consumo pessoal, algo retirado do lixão? O quê?
10. O que você ganha com o seu trabalho no lixão é suficiente para a família sobreviver?
11. Outros membros de sua família também trabalham no lixão?
12. O que eles pensam sobre o trabalho de catação de material reciclável?
13. O que você deseja para o seu futuro?



APÊNDICE IV

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGEO)
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**ENTREVISTA - EMPRESA PRESTADORA DE SERVIÇO DE LIMPEZA PÚBLICA
DA CIDADE DE ESPERANTINA (PI)**

DIA: ___/___/___

Informações da Empresa: Razão Social da Empresa prestadora de serviços de limpeza urbana.

1. Desde quando atua neste ramo?
2. Especificamente na cidade de Esperantina (PI), há quanto tempo trabalha?
3. Quantos carros são utilizados para a coleta do lixo em Esperantina?
4. Descreva o tipo de veículo utilizado na coleta do lixo.
5. Qual a frequência da rota dos veículos por semana?
6. Como o trabalho de coleta do lixo está organizado na cidade?
7. Toda a cidade é contemplada com o serviço?
8. Que tipo de lixo é coletado?
9. Onde é depositado o lixo da cidade?
10. O lixo hospitalar também é coletado pela empresa? Como? Onde ele é depositado?
11. Existe veículo diferenciado para a coleta de lixo hospitalar?
12. Quantos funcionários trabalham na coleta de lixo?
13. Qual a jornada de trabalho destes funcionários?
14. Eles trabalham com equipamentos de proteção?
15. Qual a quantidade de lixo coletada pela empresa? Diariamente e mensalmente?
16. Dos diversos tipos de lixo coletado, lixo orgânico, plástico, metal, papelão, entre outros, qual ou quais deles existem em maior quantidade?
17. Existe alguma empresa na cidade que trabalhe com reciclagem?
18. Você conhece os catadores e catadoras de material reciclável de Furna da Onça?
19. O que você acha do trabalho dos catadores e catadoras de material reciclável de Furna da Onça?
20. Qual a relação existente entre a empresa e os catadores e catadoras?
21. Reconhecem a presença dos catadores e catadoras no lixão?
22. Consideram importante o trabalho realizado pelos catadores e catadoras de material reciclável em Furna da Onça?
23. A empresa colabora de alguma forma com o trabalho dos catadores e catadoras?



APÊNDICE V

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGGEQ)
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Teresina (PI), 29 de agosto de 2014.

CARTA CONVITE

Prezado(a) Colaborador(a),

Convidamos-lhe a participar do projeto de pesquisa intitulado **A representação social do trabalho de catação de material reciclável pelos catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI)**, que tem como pesquisadora responsável **Cleonice Carvalho Silva**, orientada pelo **Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade**, que podem ser contactados pelo e-mail kleonyce.kleo@bol.com.br, ou pelo telefone (86) 9964-5936. A referida pesquisa tem por objetivo analisar a representação social do trabalho destes catadores e catadoras de material reciclável, partilhada pelos próprios trabalhadores, e sua participação consistirá em conceder entrevista à pesquisadora responsável pelo projeto. O estudo possui finalidade de pesquisa e os dados obtidos serão utilizados e divulgados após a defesa da dissertação, com a **preservação do anonimato do(s) participante(s)**, assegurando, assim, a sua privacidade. A entrevista deverá ser gravada e realizada em data, horário e local previamente acordados entre o/a participante voluntário/a e a pesquisadora responsável.

Cleonice Carvalho Silva
Pesquisadora Responsável

Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade
Orientador



APÊNDICE VI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI (UFPI)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (PPGEO)
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Linha de pesquisa: Estudos Regionais e Geoambientais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa intitulado: **A representação social do trabalho de catação de material reciclável pelos catadores e catadoras de Furna da Onça, em Esperantina (PI)**, que tem como pesquisador responsável o **Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade**, que pode ser contactado pelo e-mail: carlossait@hotmail.com, ou pelo telefone número **(86) 9800-1455**. Tenho ciência de que a referida pesquisa tem por objetivo analisar a representação social do trabalho dos catadores e catadoras de material reciclável, partilhada pelos trabalhadores. Tenho ciência, também, de que minha participação consistirá em **responder a um questionário socioeconômico, a uma entrevista e a um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)**. Fui informado de que qualquer dano associado ou decorrente da pesquisa, direta ou indiretamente, será solucionado pelos pesquisadores, e que mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente estarei contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Caso ocorra algum constrangimento de minha parte, no decorrer do processo, poderei livremente suspender a minha participação e/ou o(a) entrevistador(a) poderá solucionar o problema, suspendendo a(s) pergunta(s) que provocar(em) tal situação. Sei que poderei abandonar a minha participação na pesquisa quando quiser, e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão utilizados e divulgados seguindo as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa Humana, da Universidade Federal do Piauí (disponível em: <http://www.ufpi.br/cep/>), com a **preservação**

do anonimato do(a)s participantes, assegurando, assim, a minha privacidade, de acordo com a Resolução 466/2012.

Fui informado de que, caso concorde em participar desta pesquisa, ao final deste documento, que possui duas vias originais, receberei uma via e a outra será do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa.

Teresina(PI), ____ de _____2014

Participante:

Assinatura